

DIRETO RIZES

**AS BEBIDAS FALSIFICADAS NO BRASIL
FORMARIAM UM RIO MAIOR QUE O
AMAZONAS**



**SENSACIONAL REPORTAGEM SOBRE
O GRAVISSIMO PROBLEMA DA DEFRAUDAÇÃO
DE BEBIDAS EM SÃO PAULO**



O IMPUDOR E A IGNORANCIA DE MUSSOLINI

Hitler, assim como seu Gauleiter Mussolini, mente quando fala de uma Nova Ordem e de uma Nova Europa. Aos dois falta imaginação. Quando não são bem aconselhados por algum alemão de origem judaica, extraem suas "idéias" do arsenal do passado mais sufocante: Hitler com seu lema "raça pura" (que descobriu afim de combater o complexo de inferioridade congênita nos alemães); Mussolini com suas referências zoológicas às "águias romanas" e aos leões de Veneza, como se a vitalidade dos italianos necessitasse desses recursos.

Quando os dois cúmplices querem inventar alguma coisa de novo, nada acham de melhor que desenterrar do tenebroso passado do século XI um "reino de Croácia", o que seria cômico se as mãos do Gauleiter Pavelich não estivessem manchadas com o sangue do rei Alexandre da Iugoslávia, num assassinato preparado por Pavelich, sob a supervisão fascista, num acampamento oculto fascista-italiano. Assassinato — repetimos, porque não o devemos esquecer — em cujo processo os tribunais franceses se negaram a condenar os cúmplices fascistas, em virtude da admiração e servilismo da casta reacionária francesa por Mussolini, o que provocou apenas o aumento, se isso fosse possível, do desprezo da Itália fascista pelo francês.

Obedecendo às rodens de Hitler sobre a difusão de sua Nova Europa, Mussolini teve recentemente o impudor e a ignorância de citar Mazzini como o maior precursor do novo "clogan" nazi. O pobre Mussolini teve ser perdoado. Ele pertence a essa vasta categoria de baixos políticos que se retiram dos periódicos o que acreditam ser sua "cultura" humanística. Mussolini jamais leu Danet, Machiaveli, Vico, Leopardi ou Mazzini. E aí temos talvez uma das razões pelas quais Neville Chamberlain se sentia tão em seu elemento quando falava com seu amigo Mussolini.

Mazzini, o profeta da liberdade e da independência italianas, disse em suas obras justamente o contrário do que sustentam Hitler e seus vassallos. Permitam-me abrir um livrinho que escrevi sobre Mazzini quando ainda me encontrava na Itália — dirigindo, num senado ainda parcialmente livre, a luta contra o fascismo — um livro onde reuni os pensamentos essenciais de Mazzini sobre a organização da Europa. (Este livro, estritamente proibido ao nome do grande apóstolo da Liberdade ou por ódio ao meu próprio nome, o que seria certamente uma grande honra para mim). Eis aqui os pensamentos do escritor italiano, a quem o Gauleiter romano de

SENSACIONAL ARTIGO DO CONDE CARLOS FORZA, "LEADER" DOS ITALIANOS LIVRES, DESMASCARANDO AS MENTIRAS DO DUCE — A ITALIA DE MAZZINI E DE CROCE — TODOS OS HOMENS SÃO LIVRES, IRMÃOS E IGUAIS — QUERO DIREITOS PARA OS ITALIANOS PORQUE CREIO NOS DIREITOS PARA TODOS — O ÓDIO DE MUSSOLINI, A RAIVA DE HITLER E A SERENIDADE DE BENEDETTO CROCE



Benito Mussolini apresentou-se há anos como um grande chefe. Hoje é o seu próprio povo que lhe aponta o dedo, chamando-o de ignorante e despuadorado

Hitler se atreve a citar equivocadamente:

"A época que atualmente se inaugura terá a missão de organizar a Europa em povos livres, independentes em relação às suas funções inter-relação às necessidades comuns, mutuamente associados. E seu lema será: Liberdade, Igualdade, Humanidade."

"Na Itália, na Alemanha, na Polônia, na França, em toda parte, a verdadeira e original natureza dos movimentos revolucionários tem sido alterada por homens, infelizmente influentes, mas sagazes e ambiciosos, que usaram o auge do movimento popular como uma oportunidade para adquirir poder; ou por homens débeis, tremendo de medo ante as dificuldades e os perigos da empresa, que sacrificaram a lógica da insurreição aos seus próprios temores."

"Falsas e perniciosas doutrinas tem feito com que, em toda parte, a revolução se desvie de suas verdadeiras finalidades. A idéia da emancipação popular de todos por todos é substituída pela idéia de casta."

"A declaração dos direitos do homem é a fórmula suprema."

E mais adiante:

"Ninguém que esteja familiarizado com minhas palavras, sentir-se-á inclinado a acusar-me de irreverência para com o genio ou de compartilhar da tendência anarquizadora que hoje aparece com tanto relevo e que anula muitos nobres intentos fazendo com que os indivíduos se separem de tudo o que significa ordem, subordinação e disciplina. Respeito à autoridade e tenho consciência do que há de sagrado na obediência a quem governa ou dirige. No entanto, a autoridade reside em Deus, em sua lei na verdade. Quando, por conseguinte, um homem me convida a segui-lo e diz: 'a autoridade vive em minha pessoa', tenho o dever e o direito de investigar e dever se a virtude, a lei moral, a capacidade de auto-sacrifício vivem com efeito em sua pessoa, para onde pretendo conduzir-me e se, final-

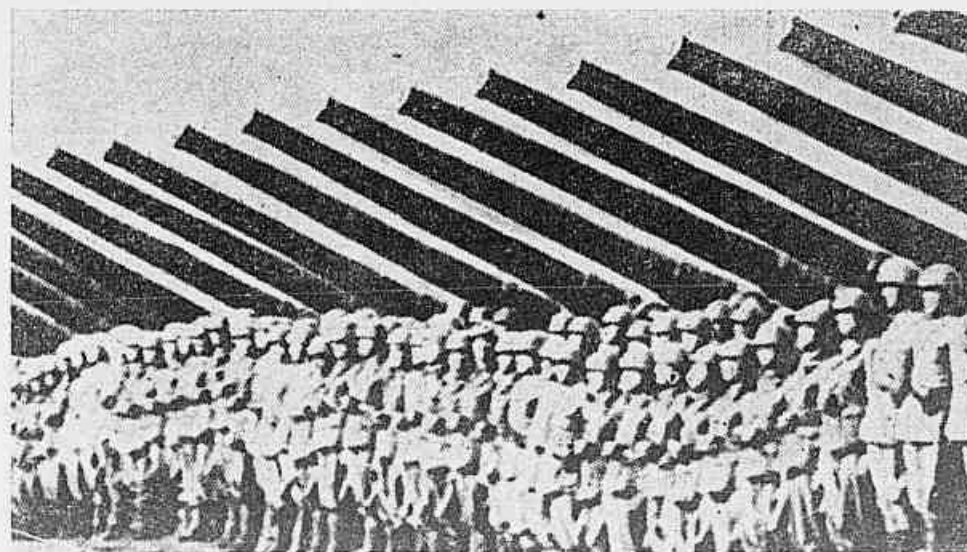
mente, a força que pode aplicar em prol de seu propósito é maior ou menor que os recursos com que conta um outro indivíduo."

Ma devemos dobrar nossa personalidade ante a autoridade, como os selvagens se prostam diante da luz de um relampago? Atila mataria a consciência da raça humana!

O genio não é a autoridade. E' o instrumento da autoridade. A autoridade é a virtude iluminada pelo genio. Pela lei de Deus, por Ele dada à humanidade, todos os homens são livres, irmãos e iguais."

A liberdade é o direito que todo o homem tem de usar suas faculdades, sem impedimento ou inibição no cumprimento de sua tarefa e na escolha dos meios apropriados a realizá-lo."

Toda regra injusta, toda violência, todo ato egoístico sobre um povo, é uma violação da liberdade, da igualdade



Os canhões de Mussolini poderão voltar suas bocas contra o fascismo

de e da fraternidade de todos os povos. Todos os povos se deveriam a auxiliar e assistir para pôr-lhe um fim".

Não tinha eu razão de dizer que para citar Mazzini como o precursor da Nova Europa hitleriana é preciso o impudor ou a ignorância de um Mussolini?

Em outra passagem, Mazzini, dá a impressão de que está falando para os nazistas, sentença anos antes de seu advento:

"A vós, nacionalistas alemães, eis o que tenho a dizer: a conquista pela força não faz a justiça; nem tão pouco fazem a justiça os tratados, quando estes se realizam no interesse de alguns indivíduos. A humanidade só conhece um princípio de justiça: o bom e o justo."

Não justifiqueis a opressão fazendo com que o povo seja seu padrinho! "Sejam alemães", dizeis a vosso povo. Em que sentido usais essa expressão? Em que Alemanha estais pensando? Na Alemanha que oprime em nome da violência ou na Alemanha que bendiz em nome da civilização?

Sou estrangeiro, mas conheço uma Alemanha ante a qual me inclino. E' a Alemanha da Reforma que disse ao mundo: o Reino do Céu deve ter um equivalente na terra."

Vós não sois, evidentemente, alemães sinão no sentido puramente material do termo. Eu sou italiano, mas ao mesmo tempo sou europeu, amo meu país porque amo a idéia de país. Quero direitos para os italianos porque creio nos direitos para todos."

A nação deve ser para a humanidade inteira o que a família é para o país. Se uma nação oprime as demais, perde seu direito de existir como nação: cava seu próprio túmulo."

Imaginalis que estais ajudando vossa pátria alemã, um povo pedindo-lhe que se deshonre. Ha uma lei de retribuição neste mundo, uma lei mais forte que todos os sofismas. Ninguém pode fazer bem a mas de um egoísmo materialista. Essa lei diz: "A opressão é o suicídio."

O lema de Mazzini, durante sua longa vida, foi o lema que escreveu para sua *Giovane Italia*: "Pensiero e Azione". Sua vida é, com efeito, a vida maravilhosamente rica de um filósofo e de um artista, de um estadista e de um soldado, de um conspirador e de um mártir."

Outro grande italiano, que ainda vive, Benedetto Croce, jamais saiu da esfera intelectual, exceto quando consentiu em ser ministro da Educação no mesmo gabinete em que eu fui ministro de Estado. E que prazer é — porque não confessar? — que surpresa para mim descobrir que em cada decisão importante (uma política de estreita amizade com nossos vizinhos iugoslavos, as relações diplomáticas com a Rússia a colaboração com o mundo árabe, a ajuda a Kemal Pasha para a edificação de uma nova Turquia, etc.), meu colega filósofo compreendia instantaneamente minhas razões e me apoiava com calor, enquanto políticos astutos vascilavam...

(Conclue na pag. 30)

O mestre é o obreiro de gratidão e fidelidade á patria

Nacionalismo, expressão da vida brasileira

de ARLINDO DRUMOND COSTA

HA VINTE E TRES ANOS VEM ARLINDO DRUMOND COSTA EDUCANDO JOVENS BRASILEIROS. UM DESSES AUTENTICOS SACERDOTES DA CULTURA, FOI ELE PROFESSOR DO CURSO PRIMARIO, PASSOU PELO SECUNDARIO, FOI DIRETOR DE GINASIO E FINALMENTE EMPREGOU A SUA LONGA E VARIADA EXPERIENCIA COMO INSPETOR FEDERAL DO ENSINO. DESDE ESTA EPOCA VEM ARLINDO DRUMOND COSTA DEDICANDO A SUA VIDA A NACIONALISACAO DO ENSINO NO BRASIL. COUBE-LHE, SOB A DIRECAO DO SR. ABGUAR RENAULT, O RESPONSÁVEL PELO DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCACAO, LEVAR AVANTE A OBRA DA NACIONALISACAO DO ENSINO EM S. PAULO. E DOS BONS RESULTADOS DESTA PATRIOTICO TABALHO FALAM MAIS ALTO QUE AS NOSSAS PALAVRAS OS ATOS DO PROF. DRUMOND, RESTITUINDO A NACIONALIDADE MUITOS MILHARES DE CRIANÇAS BRASILEIRAS.

HOJE TEMOS A SATISFAÇÃO DE PUBLICAR UMA CONFERENCIA DESTA BATALHADOR DA MESMA ESTIRPE DOS COELHO DE SOUZA, SUD MENUCCI E TANTOS OUTROS HEROIS DA NACIONALISACAO DO ENSINO. RECENTEMENTE ELEITO E EMPOSSADO COMO SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO, O PROF. ARLINDO DRUMOND COSTA SINTETISOU AS SUAS IDEIAS NUMA ADMIRAVEL ORACAO, ONDE DESPONTA A NOBRE CONDUTA DE UM HOMEM QUE SEMPRE COLOCOU A SUA CATEDRA A SERVICO DO BRASIL, QUE SEMPRE SE BATEU PELA INTEGRACAO TOTAL DO ELEMENTO ESTRANGEIRO NA TERRA QUE O ACOLHEU SINCERA E HOSPITALEIRAMENTE.

A honraria insigne com que vos dignastes enobrecer as minhas alongadas preocupações no magisterio, acolhendo-me na vossa companhia intelectual, eu a recebo, entre conturbado e desvanecido, na plena consciência das responsabilidades iminentes e na grata recordação de um prêmio, de alto valor no significado que o reveste.

Deixai-me confessar-vos o meu sincero agradecimento: A preeminência do vosso julgamento dá-me — nesta hora feliz e neste recinto augusto — a sensação de contemplar, alquanto mais bem vividos, os labores do meu interesse pela nossa História, e de ver, mais aformoseada, a confiante sementeira de patriotismo que as minhas exortações têm espalhado na alma ardente e generosa de jovens patriotas, num trabalho devotado e pertinaz de anos, já reproduzidos em decênios.

Grato vos sou por me considerardes vosso familiar no idealismo, ratificando o chamamento do ilustre 1.º Secretário deste cenáculo tradicional, o Professor Tito Livio Ferreira, velho condiscípulo, amigo do mesmo ofício docente, jornalista apreciado, historiador seguro, artista no dizer, mestre no fino trato do cavalheirismo e bondade, invariáveis, de sempre.

Como estímulo, avalio, prazenteiro, as boas vindas que houve por bem fazer-me o benemerito Presidente Perpétuo desta casa de primorosa concentração mental, de vibrante devotamento cívico. Experimentado e zeloso timoneiro da obra magnífica a que se consagra, o venerando Dr. José Torres de Oliveira algo nos lembra das figuras majestosas dos patriarcas longevos, a vida marchetando, galhardamente, de serviços à Pátria.

Em vos testemunhando, caríssimos confrades, a expressão de meu comovido reconhecimento, mais justo e sincero do que gentil sendo eu, não me limito, podeis crê-lo, à fidalguia protocolar das solemnidades oficiais de vulto, quando a mente e o sentimento empregam a exteriorização da forma oral, para serem traduzidos.

Ao empossar-me no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, modelar padrão da inteligência e operosidade bandeirantes, rendo ao egrégio sodalício honrado com as vossas iniciativas, o preito que, na realidade, penso e sinto dever tributar-lhe, pois, ele representa e vale o muito da vossa dedicação e o bastante dos vossos merecimentos.

Em mim quizestes homenagear, eu o sei, quantos integram a classe dos professores, magistrados prestantes da ciência e da virtude, vanguardeiros da elevação intelectual e moral da nacionalidade.

Não prevalecem, assim, motivos para amesquinhar a vossa boa intenção, desaparecendo, por quejandos prismas, razões que tentem denegri o vosso designio soberano: Historiador e professor, na diversidade aparente de seus trabalhos, apresentam similitudes que os unem e completam, tornando-se mutuamente necessários.

Aquele, nos arquivos e bibliotecas, perquirindo alfarabios, confrontando épocas, investigando fatos, interpretando causas e consequências, concatenando juízos conclusões e depoimentos, dá forma às ocorrências memoráveis, retraça o perfil dos que as desbastaram no tempo e no espaço, conferindo vida aos feitos e aos homens já desaparecidos. Garimpeiro da verdade, o historiador, da massa

amorfa e absconsa dos tempos idos, recolhe a palheta áurea dos acontecimentos sociais, separando-lhes a ganga adjacente, bateando-lhes todo informe do exagero e falsidade.

O segundo, em cujas fileiras me coloquei, palmilhando-lhe os rastros de paciência, alimentado pelos ensinamentos e informações que as teses, monografias e textos corporificam, amplia e aprofunda, entre a massa popular vulgarizando na escola — como lição e exemplo para a vida — as interpresas que celebrizam o primeiro em referência.

Filigranista e joalheiro das preciosidades rebuscadas nos veios originários, o professor lhe atribue sentido humano e feição social às inquirições.

A MISSÃO DO PROFESSOR

O historiador, é bem de ver, facilita a missão do professor quando este, em compensadora retribuição, lhe valoriza os estudos e os trabalhos, movimento de expansão aquisitiva conformando as suas elocubrações.

É com viva satisfação que reconheço os méritos do professor-historiador, citando os nobres confrades Carlos da Silveira, Djalma Forjaz, Sud Menucci, Antonio Piccarolo, Bueno de Azevedo Filho e Cesário Junior, escavadores solícitos e credenciados na devida análise das ligações genealógicas, afortunados sabedores do longo memorial do nosso passado, por eles reconstituído, com riqueza minudente e impecável exatidão.

Compartilhante das vossas muitas reuniões, envolvido no halo confortante do incontido respeito e irrestrita admiração de quantos o conhecem, aqui mesmo se agiganta honrado consócio, esmaltando os braços da intelectualidade brasileira, no fervoroso benquerer à História e ao ensino. Já lhe descobristes o nome e lhe identificastes, por certo, as muitas benemerências: Affonso de Taunay, Taumaturgo do trabalho — que ao tempo multiplica em fecunda seara — destacado luminar da cátedra superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ele se nos revela o apreciado biógrafo de Fernão Dias Pais, de Bartolomeu Gusmão e dos Andradas; o celebrado oráculo dos Antigos Aspectos de São Paulo e do Bandeirantismo — arrancada heroica da raça híbrida, fascinada pelo mistério impérvio da mata, desdenhosa dos perigos, à morte indiferente, dela zingrando para o Brasil desbravar.

Não ha como desmentir a comprovada afirmativa: Ao historiador, que recompõe a verdade e serve à justiça, não desdoura a companhia do mestre, obreiro da gratidão e fidelidade à Pátria.

Ante o seu altar, nos templos de Clio, um e outro se confundem na graça da mesma devoção. Não vamos indagar qual deles pontifica ou acolita os cerimoniais festivos de sua liturgia: ambos conduzem os crentes ao culto da nacionalidade, valorizando-lhe as forças, aumentando-lhe a beleza e o luzimento.

O historiador, por sem dúvida, enaltece as virtudes gámenhas dos nossos ancestrais; testemunha a honra e a temepera dos nossos maiores; estadea as glórias dos nossos feitos, na paz e na guerra; os merecimentos grava do nosso patrimônio material e espiritual, afim de que, sempre melhor, seja perpetuada a imorredoura grandeza do nosso destino.

Indubitável também é que

(Continúa na pag. 31)



Este "nisey" — brasileiro filho de japonês — poderá algum dia tornar-se um bom cidadão brasileiro? Sim, não ha dúvida. Tudo, porém, depende das circunstâncias que o cercarem. Si o governo brasileiro permitir que ele viva num meio exclusivamente nipônico, educado por professores japoneses, lendo livros japoneses e falando só o japonês, ele nunca deixará de ser japonês. Mas, se este pequenino brasileiro de olhos amendoados for educado desde já dentro dos princípios sãos da nacionalidade, lendo, ouvindo e falando o idioma da terra em que nasceu, ele poderá vir a ser um bom cidadão.

"OS INIMIGOS DO BRASIL ESTEJAM CERTOS: NOS TAMBÉM SABEMOS QUE ESTA É UMA GUERRA DOS MOÇOS E PARA OS MOÇOS!"

Com a fundação da Liga Acadêmica de Defesa Nacional, cujo manifesto de apresentação DIRETRIZES se rejubila de publicar hoje, pela primeira vez na íntegra, para os seus leitores de todo o país, os moços de São Paulo, tendo à frente os estudantes da brava Faculdade de Direito, — "núcleo cívico de antiga presença nas páginas da nossa História", — acabam de conclamar a mocidade brasileira, de todas as profissões e classes sociais, para uma sagrada "união nacional da juventude, a serviço do Brasil e da civilização".

"Sem se faltar a qualquer corrente ou pessoa, consciente da

OS ACADÊMICOS DE S. PAULO CONCLAMAM A MOCIDADE BRASILEIRA, DE TODAS AS PROFISSÕES E CLASSES SOCIAIS, PARA UMA SAGRADA "UNIÃO NACIONAL DA JUVENTUDE, A SERVIÇO DO BRASIL E DA CIVILIZAÇÃO"

influência rufesca do nazi-fascismo para o progresso e bem-estar das nações", a Liga Acadêmica propõe-se a combater todas as atividades anti-brasileiras e a defender os ideais democráticos, empenhando nessa tarefa "todas as suas energias, o seu entusiasmo, e, se preciso, as suas vidas".

A guerra atual, repetem os redatores do Manifesto, é uma guerra de moços e para os moços. Guerra de moços, porque nela reside a força vital das nações; guerra para os moços, porque só eles serão capazes de reconstruir o mundo do futuro sem os ódios e as injustiças de hoje. E os moços paulistas, sa-

o seu mais avassalador adversário, pois é próprio da alma intrépida e desabusada da juventude não deixar em meio as tarefas a que mete ombros.

A juventude não calça luvas de pelica para correr os vendilhões do tempo.

Bem hajam, pela sua iniciativa e destemor cívico, os acadêmicos paulistas. Unidos aos jovens de todo o país, sua palavra de fé dará novo ímpeto às energias nacionais. Seus primeiros passos já soam ao coração de todos os brasileiros como um dobre de finados sobre as atividades dos inimigos da pátria!

À MOCIDADE BRASILEIRA

A PRINCÍPIO PARECIA que esta guerra havia resultado apenas da colisão de dois grandes grupos ideológicos extremados. Seriam duas concepções contraditórias da vida — uma a proclamar o Estado como fim último das organizações políticas, com o indivíduo ou sem ele, contra o indivíduo ou apesar dele; outra a dirigir as máquinas governamentais no sentido da realização dos fins inerentes à dignidade humana, com o Estado ou sem ele, contra o Estado ou apesar dele. Não podendo ambas coexistir nas mesmas circunstâncias de tempo e espaço, dado o caráter exclusivista de cada uma dessas correntes, desencadear-se a guerra como consequência natural de uma simples intolerância ideológica.

Os povos pacíficos e honestos, passado o primeiro instante de surpresa e lástima — aquela eclosão brutal porventura não vinha provar que só a guerra promovia o reajustamento universal dos ideais? — não se definiram claramente, nem tomaram posição moral.

Voltados aos seus problemas internos, cuidaram a um tempo do bem estar do indivíduo e dos fins do Estado, errando ou acertando segundo as possibilidades próprias à natureza humana. Assim, tudo só lhes podia recomendar prudência; desde as suas tradições de trabalho, a sua índole pacífica e humanitária, os seus princípios democráticos de auto-dominio político nacional, até a verificação de uma circunstância assás dolorosa que um passado não longínquo confirmara, e segundo a qual as guerras resultavam ou da ganância dos fazedores profissionais de desgraças coletivas, ou do jogo de paixões pessoais dos homens de Estado.

Mas, lá fora os acontecimentos se encadeavam com rapidez espantosa e de um momento para outro, forçados pelas circunstâncias, as intenções e situações de uns e outros se definiram claramente.

Escancaradas as almas dos contadores, o mundo verificou que não se trata, como supusera, de uma guerra de ideologia, mas exatamente de uma guerra de conquista, repugnante como tantas outras que a história registra, e provocada pela mesma antropofagia política dos bárbaros de todos os tempos. Selvagens até o medula, tradicionalmente brutais,

exclusivistas, os militaristas teutos mais uma vez se insurgiram contra a evolução natural do mundo. Mais uma vez os expansionistas germânicos tarjavam de luto os quatro cantos do mundo e se fixavam em mais um instante do

história com armas na mão e ignomínia na alma.

A estupidez gamada, a decadência peninsular e a traição amarela, formando a equação que tem como incógnita o limite das respectivas ambições, investiam

A CRISE DE PAPEL E "DIRETRIZES"

Uma explicação aos nossos leitores

A carta, que a seguir transcrevemos, de nossos fornecedores de papel "couche" e "imitação couche", srs. T. Janér & Cia., porá os nossos leitores ao par do problema com que DIRETRIZES se vê a braços de um momento para outro:

"Rio de Janeiro, 8 de maio de 1942.
Imo. sr. diretor.

Apesar da nossa firma ter recebido 50% do total da importação de papel com linhas de água, para o Brasil, sentimo-nos na obrigação de comunicar a v. s. que nosso "stock" encontra-se, neste momento, completamente desfalcado das qualidades mais finas de papel com linhas de água, como sejam, "couche", "Imitação Couche" e "Assetinado", usualmente empregado na impressão de sua revista.

Embora tenhamos empregado todos os nossos esforços junto às autoridades brasileiras e americanas para conseguir espaço, nos vapores da carreira, para o papel já fabricado e que somente aguarda embarque, no porto de Nova York, não tivemos, até este momento, confirmação de qualquer próxima chegada de papel das qualidades acima referidas.

Assim sendo e no intuito de salvaguardar os interesses de nossos clientes, resolvemos reforçar nosso "stock" com qualidades semelhantes de fabricação nacional, afim de supri-los com o papel de que necessitarem, até recebermos novos fornecimentos de papel com linhas de água, quando voltarmos à presença de v. s.

Esperando ter assim correspondido à confiança de v. s., continuamos ao seu inteiro dispor, para atendê-lo com a mesma atenção e boa vontade de sempre.

Com estima e consideração, somos,

De v. s.
Amos. Atos. Obdos.

a) T. JANÉR & CIA."

Gostariamos que os srs. T. Janér & Cia., nessa mesma comunicação, houvessem feito referência expressa aos preços pelos quais eram fornecidos à praça o papel "couche" e o "imitação couche", de importação estrangeira, e, a seguir, aqueles pelos quais serão vendidas "as qualidades semelhantes de fabricação nacional". O público verificaria, então, desde logo, que a solução aventada, ou seja, a substituição daqueles pelos seus semelhantes nacionais, significaria, para nós um acréscimo de despesa de 3800 por quilo de papel "imitação couche" consumido.

Em março de 1941, ao entrar DIRETRIZES em sua nova fase semanal, comprávamos o "imitação couche", usado à primeira hora em nossa capa, à razão de 48200 o quilo. Em março de 1942, já o seu preço subira para 58500. O "couche", por sua vez, que nos vimos obrigados a usar algumas vezes por falta do "imitação couche", foi pago por nós, ain-

da em fevereiro próximo passado, a 63500 o quilo. Assim uma vez que "as qualidades semelhantes de fabricação nacional" terão o preço mínimo de 85000 o quilo, o seu emprego acarretaria para nós um acréscimo de mais de 90% sobre o preço de 48200, de 14 meses atrás, e que foi o que nos serviu de base para os nossos cálculos de custo da Revista!

Nessas condições, ao menos nós de DIRETRIZES, a não ser que nos dispuséssemos a sacrificar a tiragem da Revista, hoje uma das maiores da imprensa brasileira, ou a majorar os seus preços atuais de venda avulsa e assinaturas, somos obrigados a confessar lisamente aos nossos leitores que não podemos arcar com esse novo onus.

O público de DIRETRIZES, se está longe de poder avaliar todas as nossas dificuldades, certamente adivinha muitas delas. Milhares de cartas que temos recebido de todo o país, às vezes a propósito de nada, apenas nos trazendo uma palavra amiga de encorajamento, testemunham que o nosso esforço jornalístico não tem sido em vão.

Graficamente, DIRETRIZES não foi nunca uma revista bonita. Um dia chegaremos também até lá. Por hora, no entanto, temos de nos contentar em ser uma publicação útil, feia ou bonita, ou melhor, mais ou menos feia no seu aspecto material, mas útil, — sempre útil ao Brasil, à defesa de sua vocação democrática, sempre útil à defesa da liberdade e da cultura no mundo.

O que só importa realmente, nesta hora, é não desertar da estacada onde se luta contra o nazi-nipo-fascismo, contra os abutres e chacais lá de fora, contra os tamanduás e as ovelhas de coração verde aqui de casa. Nessa trincheira estivemos desde o primeiro momento, e dela não estamos dispostos a sair com os nossos próprios pés.

Assim, das três hipóteses que se nos apresentaram — diminuição de tiragem, majoração no preço de venda para o público, ou, finalmente, supressão das folhas de "couche" da capa, optamos pela terceira. As duas primeiras, cheirando à vaidade, nos saberiam a traição aos nossos objetivos. Não queremos fazer uma revista para meia dúzia, mas para todo o Brasil, que chegue às suas grandes massas populares, como às suas elites culturais.

Desse modo, já no número da próxima semana, a ser posto à venda no dia 28, DIRETRIZES se apresentará toda ela impressa em papel de jornal, sendo essa, aliás, sua única modificação. Porque no mais, com ou sem "couche", com trinta e duas páginas como agora, ou com dez ou cem páginas amanhã, não nos desviaremos um milímetro do programa que nos traçamos e que nos tem valido o melhor aplauso do público de todo o país, — continuaremos como uma tribuna livre, a serviço de todas as vocações democráticas, lutando pelo fortalecimento do Brasil contra as ameaças fascistas.

sem piedade e sem glória contra o mundo civilizado que cometera o grande erro de oferecer-lhes um lugar ao seu lado, na marcha para o horizonte.

Se a afronta destes era terrível a causa daqueles mais empolgante. Já não seria possível titubear. Prudência agora era o mesmo que covardia. Se os povos pa-

cíficos e honestos permanecessem de braços cruzados ante o que viam e o que puderam antever, mil histórias haveriam de ser rasgadas entre a vergonha e a execração dos pósteros.

Compreendeu-se finalmente que a guerra decidiria da preservação das prerrogativas transcendentes da pessoa humana. Era, afirmava o presidente Roosevelt, uma guerra pela sobrevivência das nações. Não havia mais dúvida e não poderia restar mais neutralidade. — O Brasil se definiu. Tomou o partido dos que querem sobreviver na base do respeito à condição humana. Fazendo-o, o Brasil cumpriu a sua missão histórica.

E ouviu-se o toque de reunir. As forças vivas da nação reajustam suas fileiras para a grande escalada. Duas grandes bandeiras — a do Brasil e a da Liberdade — simbolizando os mesmos anseios, se entrelaçam e se confundem.

O povo brasileiro de há muito tem dado provas constantes e inequívocas de seu amor à Democracia. Na Faculdade de Direito de S. Paulo — núcleo cívico de mais antiga presença nas páginas da nossa história — surge agora a "Liga Acadêmica de Defesa Nacional", como uma afirmação de fé e como uma disposição de luta.

É a mocidade acadêmica que vem ao encontro da mocidade de todas as profissões e classes sociais, para promover a união nacional da juventude, a serviço do Brasil e da civilização. Nunca uma e outra precisaram tanto da energia dos jovens como agora.

É que a guerra moderna, depois que as hordas "eixistas" inventaram a técnica traiçoeira da infiltração e do derrotismo, estendeu-se a todos os setores da atividade humana não respeitando sequer a inviolabilidade dos lares ou das igrejas. O perigo e a traição escondem-se em todos os lugares e assumem os mais variados aspectos. Por isso, cumpre-nos, a todos, sem exceção, alertar a vigilância, sem fraquezas e sem indulgência, prevenindo as maquinções sorrateiras do inimigo, que pôde despencar de todos os lados, acobertando a Nação às arremetidas covardes e criminosas dos Quislings de todas as pátrias, na tarefa defensiva de que estamos naturalmente incumbidos.

Surge, pois, a "Liga Acadêmica"

(Continua na pág. 28)

O CINCO DE JULHO NASCEU NO MEYER

O Meier já não é a capital dos subúrbios. O título foi incontestavelmente arrebatado por Madureira. Mas a antiga capital, passando o bastão a outras mãos, não se sente diminuída. Meier já não é um subúrbio, pois ninguém lhe contesta as credenciais de bairro carioca.

Sede de uma agência do Banco do Brasil e de uma filial da Caixa Econômica, sede de uma estação de Bombeiros e de um posto de Assistência, centro de convergência de inúmeras linhas de bondes e de ônibus, Meier é um bairro em torno do qual estão gravitando inúmeros outros bairros — "subúrbios" do Meier.

Meier possui comércio próprio, numeroso e completo.

ANTIGA CAPITAL DOS SUBÚRBIOS E ANTIGO SUBÚRBIO DOS CADETES — UM HOMEM QUE VIU O MEYER NASCER — O MÉDICO DO CAVALO BRANCO — VELHOS CHEFES POLÍTICOS — NO TEMPO DA CAPOEIRAGEM — O "CINCO DE JULHO", JORNAL ANTI-BERNARDISTA, SURTIU NA RUA DIAS DA CRUZ — PORQUE MORREM TANTAS CRIANÇAS NO MEYER — UMA ENTREVISTA COM O DR. WATER BARBOSA MOREIRA — NAMORADOS, CELEBRIDADES E UM JARDIM BONITO — O MEYER, VÍTIMA DOS "PADRINHOS" — O NÍVEL DE VIDA DE UMA FAMÍLIA SUBURBANA

Reportagem de PEDRO FERREIRA DA MOTA

era conhecido o objetivo de nossa visita.

— O Peçanha não deve tardar. Mas ele anda agora muito ocupado, pois há muito trabalho na Imprensa Ofi-

nasci e aqui me criei, com a graça de Deus

Vendo que sacávamos do bolso uma pequena tira de papel, o sr. Peçanha, como bom trabalhador gráfico, quis dar uma demonstração de fatura.

— Ora, o senhor tem muito pouco papel. Vou buscar papel para o senhor. Aqui em casa papel é o que não falta.

E voltou com algumas tiras de papel azul, cuja qualidade elogiava e cujo nome sabia e proclamava, orgulhoso de seus conhecimentos técnicos.

Homem de extraordinária verbosidade, nosso entrevistado encadeia os assuntos com espantoso desembaraço.

Como arrastá-lo para a rigidez de um esquema de perguntas — pensávamos.

— Sr. Peçanha, conte-nos alguma coisa de sua infância, do tempo em que o Meier era bem diferente do que é hoje.

— Quando eu era menino não havia Meier. Isto pertencia ao Engenho Novo. E aqui onde estamos conversando e vendo passar esses bondes e ônibus era a antiga Fazenda de Cachambi. Tudo muito diferente, como o senhor deve imaginar. Ainda menino, entrei como aprendiz na casa Moreira, Maximino, Chagas & Cia., em 1892. Trabalhei depois em Leandro Pereira, Alexandre Ribeiro e noutras. Fui fundador do "Correio da Manhã".

O sr. Peçanha suspira, ou melhor, toma fôlego e acrescenta.

— Naquele tempo o Edmundo Bittencourt era pobre.

— E desde quando o Meier

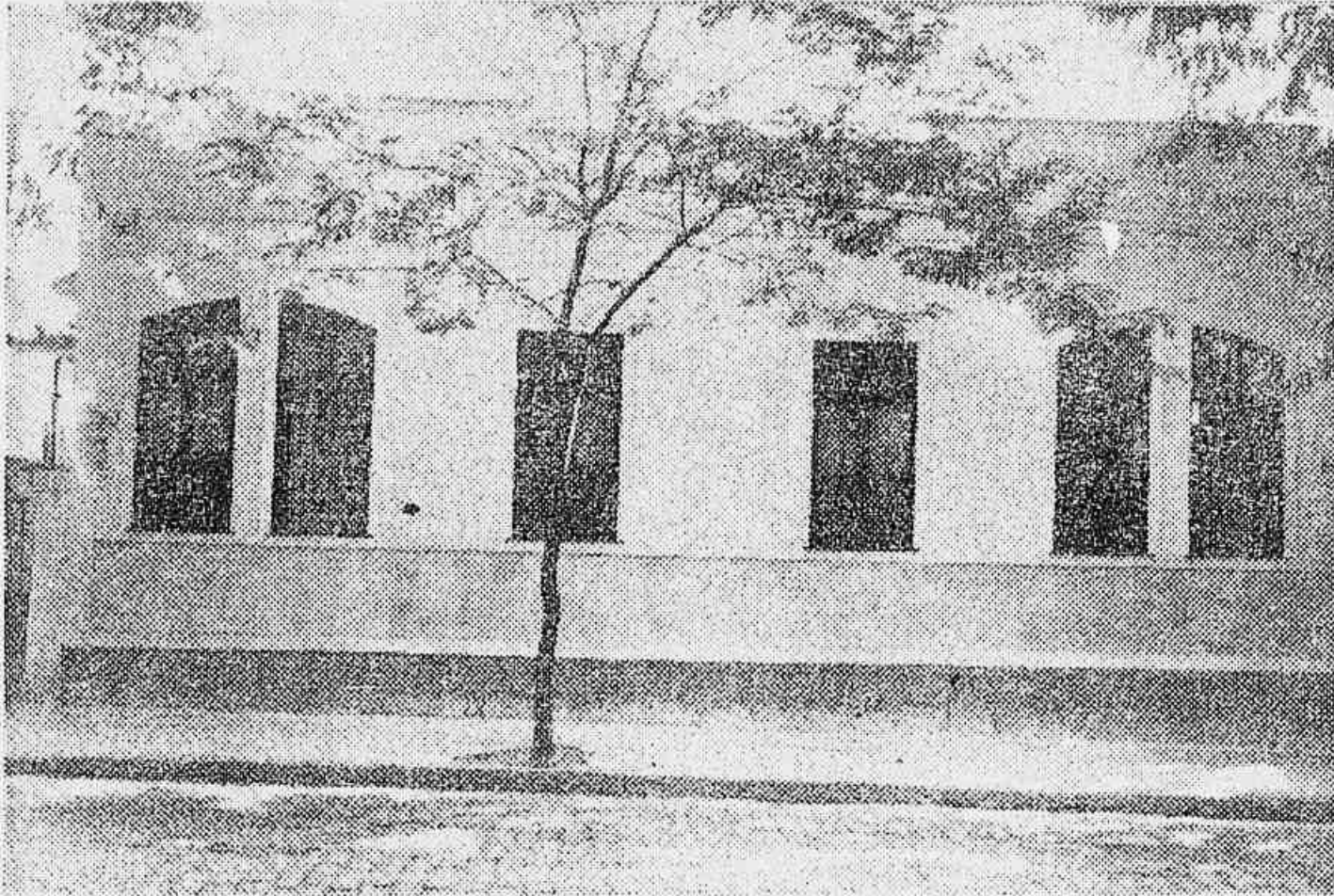
tro do Meier, onde o senhor vê hoje esse grande comércio e esse movimento de cidade, havia apenas algumas casas. O botiquim do Cardoso, a Farmácia Cotia, o armazém do Pinheiro e do Fonseca, a padaria Bentevi... Onde é hoje o Cinema Mascote ficava o primeiro quartel de polícia, com alojamento para cinquenta praças de infantaria e outras tantas de cavalaria.

Depois o sr. Peçanha informa sobre a origem do nome do subúrbio:

— Os maiores benfeitores homenageados à família Duque Estrada Meier. E várias ruas locais trazem nomes de pessoas dessa família: D. Carolina Meier, Joaquim Meier, etc.

OS BENFEITORES DO MEYER

— Os maiores benfeitores do Meier tem sido médicos e antigos políticos. Os terrenos mudam, mas seus nomes estão sempre gravados no coração dos antigos moradores do bairro. O dr. Duque Estrada Meier deu vida e deu nome ao subúrbio. E o dr. Archias Cordeiro? Quem não conhecia, antigamente, o Médico do Cavallo Branco? Ele tinha sempre ensilhado, em frente à sua casa, um cavalo branco. E estava sempre disposto a atender a qualquer chamado, de dia ou de noite, para os lugares mais afastados, pelos caminhos piores, quer chovesse, quer fizesse sol. Naquele tempo não havia automóveis, nem ônibus, nem crise de gasolina... O dr. Archias Cordeiro encarava sua profissão como um sacerdócio. Foi um grande amigo do povo. Não só receitava, como arranjava remédios e dinheiro para os pobres. Nunca esqueceu ninguém e talvez por isso morreu pobre. Não foi, entretanto, um inútil na vida e seu nome é inesquecível. Quando morreu, seu caixão foi carregado a braço, ao cemitério de Inhauma. Todo o povo do Meier foi levá-lo à última morada. Outra grande figura do Meier foi o dr. Aristides Caire.



Nesta casa da rua Dias da Cruz, Antonio Bernardo Camilo, compôs, redigiu e imprimiu os primeiros números do "Cinco de Julho"

Ferragens, perfumarias, joalherias, casas de móveis, farmácias, drogarias, cafés, restaurantes, confeitarias, sapatarias, alfaiatarias, livrarias. Muitas dessas casas nada invejam das congêneres da cidade. Suas livrarias são, na verdade, livrarias de bairro. São mais papelarias do que livrarias. Não contam com a frequência ornamental de importantes rodinhas literárias. Mas, em compensação, vendem livros. Embora livros meudos de coleções baratas. Mas o essencial para uma cultura barata, ao alcance de todas as bolsas. Traduções dos romancistas do século dezanove. Alguns clássicos traduzidos. A indispensável dose de psicanálise (Freud e derivados).

Biografias de Zweig. Romanes mais ou menos históricos de Paulo Setubal. Enfim, o bastante para um bate-papo relâmpago na vertigem do trem elétrico. Quem quiser mais, quem tiver, nesta hora oportuna, tempo para ler e dinheiro para comprar, que vá a cidade.

Antes de ser senador e de declarar guerra ao sr. Irineu Machado e a grande parte do eleitorado carioca, o sr. Mendes Tavares, utilizando-se de seu emblema de prestígio de conselheiro municipal, conseguiu com o prefeito Bento Ribeiro a construção do jardim do Meier, um dos mais belos logradouros públicos daquelas paragens cariocas. O jardim do Meier ainda hoje é muito frequentado. E continuará mantendo seu prestígio enquanto houver, nos climas quentes, apreciadores de passeios ao ar livre, ao som de charangas militares, tudo grátis.

O jardim do Meier já foi zona de influência dos alunos da Escola Militar. Mas o co-

tal dos subúrbios nem o subúrbio dos cadetes. Mas, em compensação, já figura entre os bairros do Rio. Acompanha em tudo o progresso do Distrito Federal, mantendo uma tradição de constante desenvolvimento.

E onde antigamente havia apenas um simples trecho de fazenda do Engenho Novo ergue-se hoje uma pequena e dinâmica cidade encaçada no coração da grande e tumultuosa metrópole carioca.

UM HOMEM QUE VIU O MEYER NASCER

Para ouvir um pouco de história do Meier precisávamos descobrir um velho morador do bairro. Foi-nos indicado o sr. Ernesto Peçanha, impressor da Imprensa Oficial, morador em Cachambi.

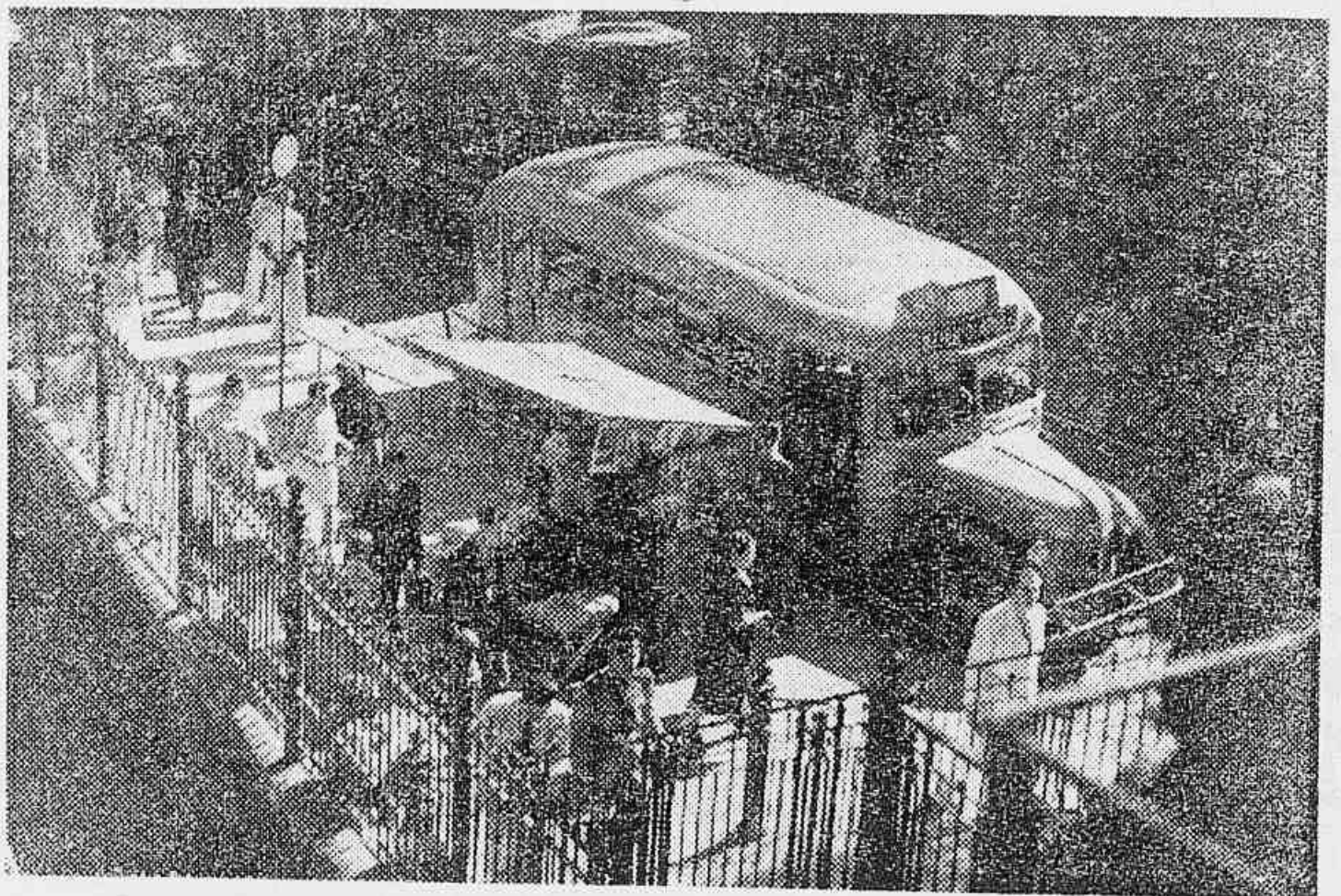
Seis e meia da tarde, era intenso o movimento no centro do Meier quando tomamos o bonde de Cachambi. Filas numerosas aguardavam ônibus que subiam para Cascadura, desciam para a cidade ou rumavam aos "sertões" do Meier.

O bonde em que embarcamos foi assaltado e em alguns segundos estava cheio, com passageiros em pé, entre os bancos e com os estribos apinhados de pingentes. E começou a viagem, uma viagem cheia de zigue-zagues. Finalmente chegamos à rua Cachambi, dirigindo-nos à casa do sr. Ernesto Peçanha. Uma pequena casa em forma de chalet, construção antiga. Em frente, um pequeno jardim. Nenhum luxo, nenhum conforto (casa típica de trabalhador), bastante limpeza e caprichos de arrumação. A dona da casa recebe-nos acanhada de não morar num palacete, desculpendo-se.

Já éramos esperados. Já

cial. E depois ele tem tantos amigos e não consegue vir direito da estação para a casa. Coitado, ele precisa distrair-se. Já não é uma criança e trabalha tanto...

Realmente, o sr. Peçanha



O intenso movimento das ruas do Meyer faz inveja a muitas capitais

não demorou. Já sabíamos que se tratava de pessoa muito expansiva. Ele fala, animado, desde o portão:

— Desculpe fazê-lo esperar. Mas é uma dificuldade para se apanhar condução. E depois, já aqui em Cachambi, tive que passar em casa de alguns amigos. Não repare o desarranjo que isso é casa de pobre. Já sei que o amigo quer algumas informações sobre o Meier. Ora, nada mais fácil! Eu conheço isso como as palmas das mãos. Aqui

deixou de ser Engenho Novo para ser Meier?

— Eu morava na rua Cardoso, n.º 5, "G" (pela numeração antiga, que era assim complicada). Aliás foi nessa casa que nasci. Foi quando construíram a primeira estação, que tomou o nome de Meier. Era um simples barracão de madeira, mas um barracão elegante. Este subúrbio sempre foi bem cuidado e seus moradores sempre contribuíram para ele vir a ser o que é hoje em dia. No cen-

Era rico, mas era humanitário e caritativo. Também nunca se recusou a amparar, com o seu saber, os necessitados.

VELHOS CHEFES POLÍTICOS

Agora o sr. Peçanha recorda alguns antigos chefes políticos que se interessaram pelo desenvolvimento do Meier.

— O Meier deve muito a alguns antigos moradores que tiveram, a seu tempo, influên-

HISTÓRIA DE UMA CIDADE DENTRO DO RIO

cia política e que muito fizeram pelo subúrbio. Uma das jóias do Meier é o seu jardim. É um ponto de reunião e um local de recreio. E quando há música no coreto chega a ser mesmo festivo. Representa uma diversão genuinamente popular, porque está ao alcance de todos. Pois bem, o Meier deve o seu jardim, em grande parte, a um velho político, extintente, ex-senador, que teve até mesmo, na política, muitos inimigos, mas que prestou, entretanto, serviços reais ao subúrbio. Refiro-me ao antigo conselheiro municipal e depois senador Mendes Tavares, o rival de Irineu Machado. Mendes Tavares, utilizando-se de seu prestígio, conseguiu do prefeito Bento Ribeiro a construção do jardim do Meier.

Pedro Pereira de Carvalho, antigo chefe político, fez muito pelo desenvolvimento do lado de Dias da Cruz. Mario Piragibe, outro político antigo, também fez muito pelo Meier.

— Acha que essas iniciativas particulares tem sido suficientes para atender às necessidades do bairro?

Eis uma pergunta que poderia ser feita a um administrador ou a um político. Quisemos fazê-la, porém, a um homem do povo, a um velho morador do Meier, para quem não podem ser estranhos os problemas locais.

Longe de estranhá-la, o sr. Peçanha responde à pergunta com vivacidade:

— Homem, não há nada perfeito no mundo. E o Meier, que não é um paraíso, não forma exceção. Muitos moradores daqui, ricos ou influentes nos antigos círculos políticos, trabalharam pelo engrandecimento do subúrbio. Mas, o que quer o senhor? Quando alguns desses homens, pela tribuna parlamentar ou pelas colunas da imprensa, conseguiam um benefício para o Meier, estavam quase sempre atendendo, antes de tudo, ao interesse imediato de um certo grupo de moradores, de uma certa zona do subúrbio. Muitas vezes a iniciativa de pleitear um melhoramento

cessitadas, vão ficando para depois, à falta de um bom padrinho.

NOS TEMPOS DA CAPOEIRAGEM...

Há duas espécies de pessoas que para serem entrevistadas dão trabalho ao reporter: as que falam pouco e as que falam demais. O tipo ideal está no meio termo. O sr. Ernesto Peçanha não é calado nem está no meio termo. Ele tem rápidas associações de idéias e vai de um assunto a outro com admirável facilidade. E' difícil retê-lo num ponto da entrevista. É quase impossível controlar sua conversa. Assim é que, enquanto tomávamos algumas notas sobre o que ele dizia a respeito da injusta divisão de melhoramentos entre as ruas do Meier, já o nosso informante voltava aos tempos idos, ao tempo de sua mocidade, ocupando-se de um novo tema: a índole do povo do bairro:

— Quem anda pelas ruas centrais do Meier, principalmente nas horas de maior movimento, compreende que o subúrbio tem uma população trabalhadora e pacata. E tal impressão corresponde à realidade. O bairro nunca foi um reduto de desordeiros e valentões. Tudo, porém, já teve o seu tempo. E a capoeiragem, no Rio, já teve a sua época, assim como já estiveram no cartaz os cangaceiros do nordeste ou os jagunços da Baía. Ora, o Meier orgulha-se de ser um autêntico pedaço de terra carioca. Por isso não é de estranhar que tenha tido também seus bambas. E dentre eles muitos se destacaram, como o célebre "Amargoso", homem de confiança de Lins e Vasconcellos. Era um rapaz valente. Fez muito barulho e terminou como quase todos os "brabos". Resistindo à prisão, travou luta contra oito soldados de polícia e depois de dar muito trabalho caiu já sem vida, morto a faca.

OS JORNAIS DO MEIER

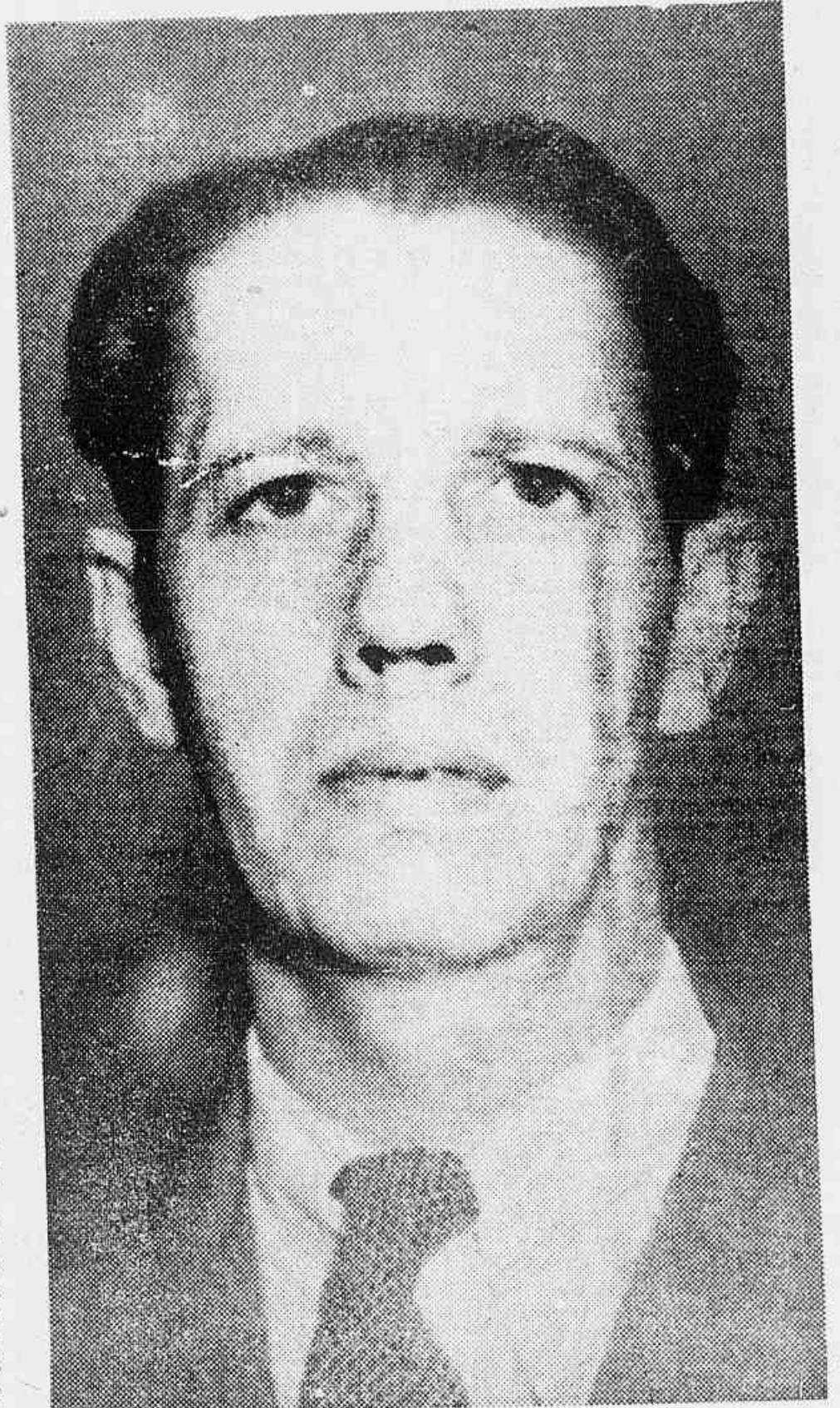
Agora a conversa toma ou-

mais importantes foram o "Suburbano", de Eduardo Magalhães e o "Eco Suburbano", de Ernesto Nogueira. Agora o Meier não tem jornais. Hoje os jornais da cidade tiram numerosas edições que chegam ao Meier poucos minutos depois de saírem das rotativas. Além disso o rádio cada vez mais se transforma num concorrente do jornal como fonte de informações. Dai, talvez, a morte dos jornais de bairro. Pois se os grandes jornais também morrem, ou quase não evoluem...

"NÓS SOMOS POVO E ESTAMOS DO LADO DAS DEMOCRACIAS"

Queremos saber qual a reação produzida pela guerra no Meier.

— No Meier vivem muitos estrangeiros. São homens e mulheres nascidos nos mais diferentes pontos do globo. Todos vivem aqui como se estivessem em seus próprios países. Neste particular cumpriremos à risca as leis de hospitalidade e solidariedade humana que fazem parte da tradição do povo brasileiro. E por isso mesmo a guerra não nos encontrou indiferentes. E nosso interesse pela tragédia mundial aumentou depois que o Brasil tomou posição rompendo com o partido dos sanguinários agressores. Nós somos povo e como tal estamos do lado das democracias. Se há degenerados que alimentam simpatia pelos fascistas, esses não encontram ambiente no Meier para manifestar tão grosseira e criminosa maneira de pensar. E eu o digo como velho morador do bairro, como pessoa muito relacionada em todo o subúrbio e como homem que sempre soube, graças a Deus, fazer bons amigos entre os companheiros de trabalho e os vizinhos. Não falta ao trabalho, ando pelos trens, pelos bondes, gosto de palestrar com meus amigos nos cafés e por toda parte sempre encontro a mais franca repulsa a esses monstros que estão



Ninguém melhor que o médico par informar sobre as necessidades do povo. Por isso DIRETRIZES entrevistou o dr. Walter Barbosa Moreira, um dos médicos mais populares do Meier

a colaborar com entusiasmo nas medidas que o nosso governo resolve tomar para a salvaguarda do país e dos ideais mais puros da humanidade — os ideais democráticos.

Despedimo-nos do sr. Ernesto Peçanha e minutos depois, quando esperávamos o bonde, o rádio de um café anunciava o afundamento de mais um navio brasileiro pelos alemães.

NA IDADE DE OURO DO TEATRO UBURBANO...

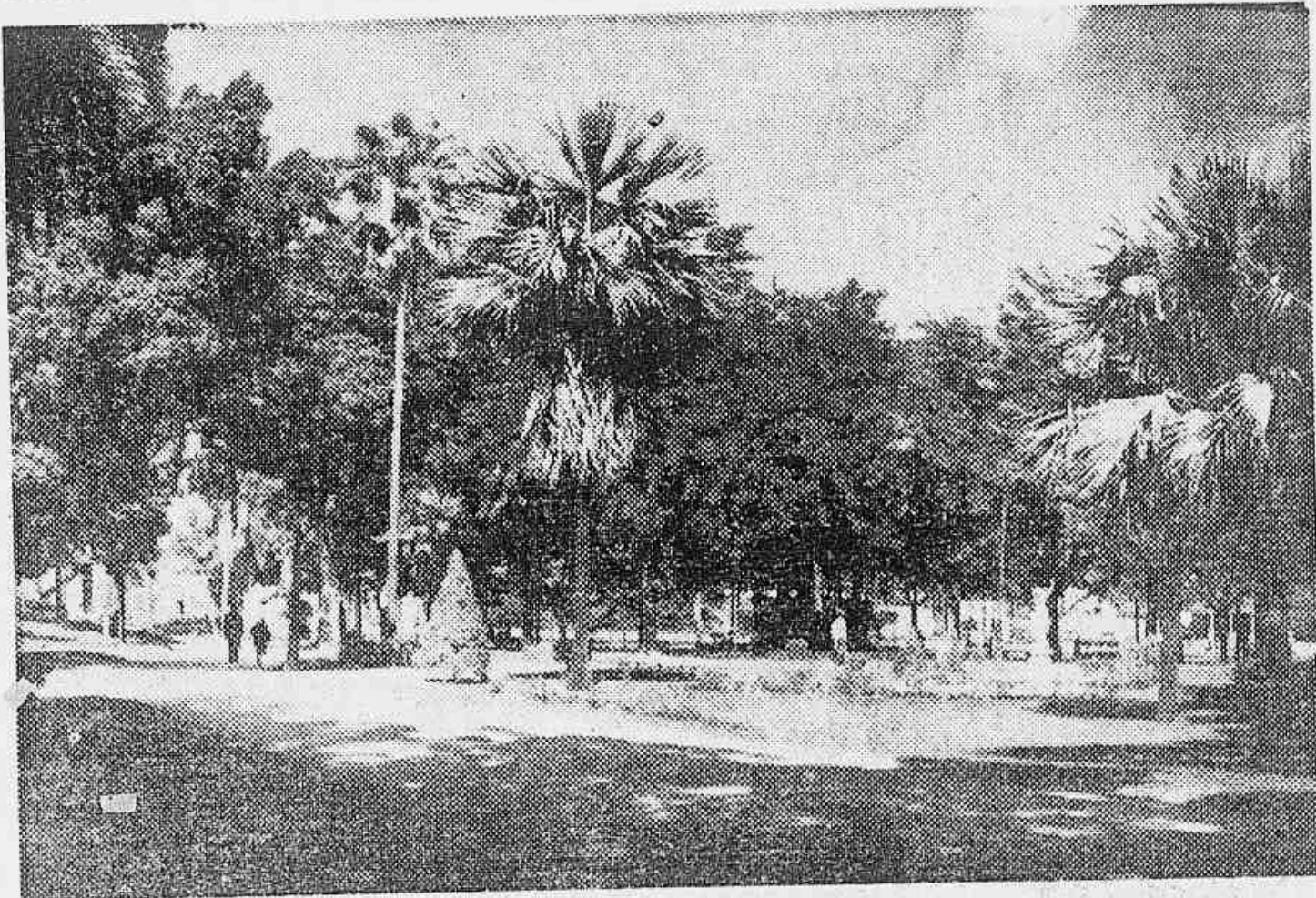
Ao saltarmos do bonde de Cachambi, na estação do Meier, embora já fossem mais de 20 horas, ainda era grande o movimento. Ainda chegava gente da cidade. Ainda embarcava gente nas diversas linhas que partem do Meier para os diversos bairros satélites da antiga capital dos subúrbios.

Há cinquenta anos atrás, àquela hora, como seria aquilo? Mais ou menos deserto, a não ser nas noites de bailes ou representações teatrais. Naquele tempo os bairros tinham que fazer seu próprio teatro. Não havia cinema. Os transportes para a cidade eram muito escassos e lentos. Nessa idade de ouro do teatro suburbano o Meier também brilhou com o seu Teatro Carlos Gomes, que teve um legítimo orgulho: representar o Guarani com o comparecimento do próprio Carlos Gomes. Ficava o "Carlos Gomes" na antiga rua Imperial, hoje rua Aristides Caire. Revesavam-se

nas representações amadoras e profissionais. O "Carlos Gomes" teve uma vida intensa e prolongada, honrando o nome de seu grande patrono e contribuindo para o desenvolvimento cultural dos habitantes do Meier. Outras associações teatrais figuram na crônica do velho Meier: O Clube Dramático Wagner, também na rua Imperial, a Euterpe e o grupo do Teatro Cachambi. Depois foram vindo os cinemas. E o Meier teve naturalmente a sua primeira casa de espetáculos do tempo em que o cinema mudo ensaiava os primeiros passos. Foi o "Mas-cote", inaugurado há uns trinta anos e que ainda funciona. Já aí começou a divisão das platéias, sofrendo o teatro local a séria concorrência do filme. Depois, ainda, o cinema falado, agravando a situação do teatro. Por último o Meier teve dois teatros, o "Carlos Gomes" e o "Cordelia Ferreira". Agora, porém, no edifício deste último, já não se realizam representações teatrais. A casa transformou-se em "dancing". Praticamente, o Meier já não tem teatro. E do teatro de amadores do Meier resta apenas, ainda impressa na memória dos velhos moradores do bairro, a recordação dos seus antigos e dedicados animadores, que foram o chefe de trem Vieira, o capitão Raimundinho, da Polícia Militar e o ator profissional Nobrega, grande amigo e mestre dos amadores.

De regresso de nossa excursão a Cachambi fomos jantar

(Continua na 6ª pag.)



Outrora os cadetes do Realengo enchiam o belo jardim do Meyer. Hoje outros jovens passeiam sob suas árvores

partia de um proprietário interessado na valorização das casas de certa rua. E é por isso que há ruas relativamente pouco importantes com bons calçamentos, bom serviço sanitário, boas linhas de comunicações, enquanto outras, mais habitadas, mais importantes e sem dúvida mais ne-

tro rumo. Fala-se da imprensa. Dos grandes e dos pequenos jornais. De sua evolução e de sua decadência, acompanhando sempre as épocas de decadência ou de evolução.

— E a imprensa local do Meier?

— O Meier tem tido vários jornais de bairro. Os dois

alastrando os horrores da guerra por todo o mundo e que pretendem afogar em sangue as mais belas conquistas do homem. Orgulho-me de ser um trabalhador, um homem do povo e posso afirmar que toda essa gente que eu conheço, em minha repartição e em meu bairro, está disposta



**MOVEIS · CORTINAS
TAPETES · DECORAÇÕES**



RIO DE JANEIRO



**AGORA SOMENTE
65-R. DA CARIOCA-67**



um pouco tarde. E no dia seguinte teríamos que atender a uma nova entrevista. Tínhamos a promessa de algumas notas sobre um dos mais interessantes episódios da vida do Meier. Tratava-se da origem do "5 de Julho", o jornal ilegal dos revolucionários de 1924.

O "CINCO DE JULHO" NASCEU NO MEIER

No fim da rua Dias da Cruz, lá para o número trezentos e tantos, do lado direito de quem vai para o Engenho de Dentro, há um grupo de casas iguais. Numa delas foram feitos, durante meses, os primeiros números do jornal "5 de Julho". Antonio Bernardo Canelas foi seu idealizador e organizador. No Centro Espiritista Suburbano, Canelas mobilizou seus auxiliares mais ativos e dedicados.

As tropas do general Izidoro Dias Lopes, depois da brilhante retirada de São Paulo, ocupavam as barrancas do rio Paraná, oferecendo brava e tenaz resistência às forças do governo. Havia, no plano do general Izidoro, um objetivo político essencial: manter o fogo sagrado da revolução, a espera de que se organizassem e se pusessem em ação outros, setores do Exército, da Marinha e do povo. O movimento de "5 de Julho" contava com a simpatia da quase totalidade dos brasileiros. Mas o governo do sr. Arthur Bernardes tinha nas mãos o aparelho estatal reforçado pelo estado de sítio. Da época do Alto Paraná chegavam aos ouvidos do povo apenas vagos rumores ou versões deturpadas pelas notas oficiais. Jornais de maior combatividade, como o "Correio da Manhã", estavam fechados. Os outros sób rigorosa censura. Então aqueles soldados da liberdade, continuariam a verter o seu sangue sem que ao menos o país tivesse notícia de seu sacrifício? Aquele sentimento de solidariedade popular não poderia permanecer inativo. Aquela vontade de luta, de qualquer maneira, teria que ser organizada, consubstanciada e posta em marcha. Pensando em tudo isso, Canelas pôs-se em ação.

Rubem de Almeida Bello, empregado numa casa de artigos de ótica da rua Gonçalves Dias, era também funcionário do Centro Espiritista Suburbano, na Travessa Hermengarda. Canelas foi ao seu encontro: — Não podemos deixar sem apoio as tropas do general Izidoro. O povo não sabe o que se passa no Paraná. De um lado estão os que imaginam que todas as tropas legalistas se passam para as fileiras rebeldes e que dentro em breve esse exército, constantemente engrossado, retomará São Paulo e descerá para o Rio. De nada vale esse otimismo. De outro lado estão os que acreditam nas mentiras dos comunicados oficiais. Temos que imprimir e distribuir clandestinamente um jornal que conte o que realmente se passa e que ao mesmo tempo oriente o povo. — Sim, mas a polícia, o estado de sítio... — Pior era na Bélgica durante a ocupação alemã. E nem por isso deixavam de circular os jornais clandestinos. E dentro de poucos dias Canelas e Rubem já contavam com o apoio financeiro de vários oficiais e civis izidoristas. Depois, um prelo de mão, tipos e outros materiais eram comprados e instalados na residência do próprio Rubem, numa daquelas casas do fim da rua Dias da Cruz. Canelas foi metido, com sua tipografia, num pequeno depósito de móveis, um quarto de pouco mais de dois metros cúbicos. Ali trabalhava, comia e dormia. Como medida de segurança, dali não saía nem mesmo para andar pelo quintal. A dona da casa, algumas crianças pequenas e a empregada

sabiam apenas que naquele quatinho vivia um homem que dali não podia sair. A rígida disciplina patriarcal de Rubem não permitia maiores indagações.

E dali, durante meses, saíram as edições semanais do "5 de Julho", redigidas, compostas e impressas com verdadeiro carinho profissional. Rubem de Almeida Bello, além de ser empregado de um Centro Espiritista, não provocava, pelo aspecto exterior, a menor suspeita. Era, aparentemente, o mais pacato dos cidadãos. E o Sherlock mais sagaz da polícia do Marechal Fontoura, vendo-o na rua, com o seu ar de santo, seria capaz de jurar que se tratava de um pastor protestante. De resto, a rua Dias da Cruz era essencialmente familiar, com os seus casais de namorados em eternos passeios.

E assim durante muito tempo se irradiou do Meier para todo o Brasil o jornal que trazia notícias dos sertões onde se batiam as forças do general Izidoro, mantendo acesa a fúria revolucionária. Do Meier, o "5 de Julho" foi transferido para instalações mais amplas (menos inhospitáveis...), no morro da Botija, na Piedade, onde funcionou até encerrar sua missão sem nunca ter sido descoberto. Canelas tinha razão: "pior era na Bélgica".

A VIDA ESPORTIVA DO MEIER

Pomos olhar o grupo de casas da rua Dias da Cruz indicado pelo nosso informante. O número trezentos e tantos fica nos confins da rua. A rua ainda conserva o mesmo ambiente e os mesmos casais de namorados.

Mais adiante, no número 561, há outra relíquia ligada estreitamente à vida do Meier. Não à vida política, mas à vida esportiva. Trata-se do veterano Esporte Clube Mackenzie. Hoje, o Mackenzie e o Meier Tennis Clube são as duas mais importantes sociedades esportivas do bairro.

Cala uma garoa fina de maio, anunciando o inverno carioca. Em frente à sede do Mackenzie estava um grupo de jovens, alguns envergando uniformes colegiais. Queriamos falar a um dos diretores do clube. Mandaram-nos entrar. Atendeu-nos o diretor geral dos esportes, pedindo-nos que esperássemos um pouco. Estava ele realmente muito ocupado. Preparava-se a saída de um time de "basket" que competiria nos jogos de classificação do campeonato carioca.

O Mackenzie ostenta, em sua vida, dois títulos de orgulho: é um clube pobre, que se mantém unicamente pelo esforço de seus sócios e é um partidário fervoroso e irreduzível do amadorismo. Tivemos portanto oportunidade de assistir à saída de um grupo de amadores para a defesa das cores do clube.

Sim, os rapazes do Mackenzie praticam o esporte por esporte. São quase todos principais de cerca de 15 anos. Mas, que trabalho dão aos diretores! Como reclamam tudo! Que algazarra fazem!

O Esporte Clube Mackenzie tem 28 anos de vida social. Em 1933, com o advento do profissionalismo, o Mackenzie preferiu retirar-se das competições oficiais de futebol. Sua diretoria, entretanto, não extinguia a prática deste esporte, conservando, em plena forma, suas equipes, para a disputa de jogos amistosos. Hoje o centro da atividade do Mackenzie é o basket-ball. O clube é filiado à F. M. B. O Mackenzie mantém ainda equipes de volley-ball masculino e feminino. O tenis de mesa e o xadrez figuram entre os jogos internos do Mackenzie. Completam sua atividade social festas dançantes, sessões cinematográficas, festas infantis, festas de arte, etc. O clube costuma ceder suas quadras para a realização de jo-

gos entre equipes colegiais do bairro.

A vida esportiva do Meier pode ser representada pela atividade do Mackenzie, do Meier Tennis Clube e pelas seções atléticas dos colégios da antiga capital dos subúrbios.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

D. Maria Santarem Leite e os professores Miranda, Camacho, Santarem, Souza, são velhos professores do Meier, que educaram, na velha capital dos subúrbios, as gerações de há meio século. Seus nomes ainda estão ligados a estabelecimentos de ensino contemporâneos. Muitos deles têm filhos e netos que se mantêm no exercício do magistério. Hoje, muita gente de cabelos brancos que cruza as ruas do Meier, que viaja nos bondes de Boca do Mato, Cachambi, Piedade, Cascadura, ou no ônibus de Olaria, ou no trem elétrico, aprendeu a ler ou fez o curso de humanidades com algum daqueles velhos mestres. O Meier, bairro tradicionalmente dotado de estabelecimentos de ensino, acompanha nesse particular e ritmo de progresso do Rio. E hoje, sem contar com as escolas primárias públicas ou particulares, entre as ruas Archias Cordeiro, Dias da Cruz, Aristides Caire, Luis e Vasconcelos ou Joaquim Meier, há cerca de uma dezena de estabelecimentos de ensino secundário. De mistura com operários, gente do comércio ou militares, transitam pelo Meier, dia e noite, jovens em uniformes colegiais.

ALIMENTAÇÃO

O preço do custo da vida, no que se refere à alimentação, atinge no Meier a um termo médio, em relação aos bairros de vida mais cara e aos bairros mais pobres do Rio. Buscando oferecer aos leitores uma idéia do preço dos gêneros de primeira necessidade e da capacidade aquisitiva de dois tipos comuns de famílias do bairro, conseguimos obter os dois orçamentos que se seguem.

Despesa mensal de uma família de dez pessoas, composta de uma lavadeira, dois operários-aprendizes, um pequeno funcionário aposentado e seis crianças (todos recebendo salários, menos as seis crianças): armazem, 200\$; acougue, 130\$; padaria, 69\$; quitanda, 52\$; carvão, 60\$; peixe, 20\$; leite (sem comprar diariamente), 13\$; manteiga, 16\$; café, 14\$200.

Despesa mensal de uma família de seis pessoas, composta de um funcionário médio, esposa, sogra, duas crianças em idade escolar e uma criança pequena (recebendo dinheiro somente o chefe da família): armazem, 200\$; acougue, 112\$; padaria, 90\$; quitanda, 20\$; carvão, 50\$; peixe, 16\$; leite, 30\$; manteiga, 16\$; café, 11\$400.

Gêneros adquiridos por essas famílias: banha, feijão preto, manteiga, arroz, farinha, batata miuda, macarrão, carne seca, bacalhau, azeite, óleo de salada, sal, açúcar, vinagre, frutas, verduras, carne verde, peixe, pão, leite, manteiga, café.

CONDIÇÕES SANITÁRIAS DO MEIER

O dr. Water Barbosa Moreira é um dos médicos mais populares do Meier. Seguindo a tradição dos Archias Cordeiro e dos Aristides Caire, ele transforma cada cliente num amigo. É o que logo se observa durante sua consulta.

Desejávamos ouvi-lo sobre as condições sanitárias do Meier e ele havia marcado o encontro em seu consultório, na rua Archias Cordeiro, 272. Chegamos um pouco antes da hora. Ao penetrar na sala de espera do consultório o dr. Water já encontrou, juntamente conosco, alguns clientes. Embora ainda jovem,

RADIOS REFRIGERADORES BEBEDOUROS ELETRICOS



Westinghouse

DISTRIBUIDORES

Paul J. Christoph Company

OLVIDAR DO S. JOSÉ, RJ. S. BENTO, 293
RIG S. PAULO

conversa com os doentes com esse ar paternal comum aos médicos velhos.

A entrevista começa ali mesmo, no consultório, em plena sala de espera. Entre outras pessoas está presente um colega do dr. Water, o dr. Osiris Marques. Ao abordarmos o assunto, o dr. Barbosa Moreira, que é um temperamento comunicativo, passa a falar não somente para nós, como também para o dr. Osiris Marques e para alguns consultentes.

— Em relação aos outros bairros do Rio — começa o dr. Water — o Meier não apresenta nenhuma particularidade no que se refere a condições sanitárias.

— Quais as moléstias mais comuns?

— As moléstias infantis. É o que se verifica, aliás, em todos os outros bairros de residências.

— Por que serão as crianças as mais atingidas pelas doenças?

— Porque as crianças necessitam cuidados especiais e nem sempre os pais estão em condições de tratá-las com o devido conforto. O sr. sabe que é fundamental para o doente a resistência orgânica. Os indivíduos mais fortes suportam melhor os efeitos de qualquer enfermidade, inclusive as epidêmicas. Ora, uma criança sustentada com água de arroz, cujo poder nutritivo é reduzidíssimo (mais ou menos 3% de alimento sobre o volume), não pode ter a mesma resistência de uma outra sustentada a leite. Mas a água de arroz é muito mais acessível que o leite... E por essa forte razão é maior o número de crianças "alimentadas" com água de arroz. Esse problema não se resolve unicamente com remédio. Longe disso. A mortalidade infantil decrescerá muito quando as crianças tomarem mais leite e menos remédio. Há duas espécies de fome, a quantitativa e a qualitativa. Uma criança que enche o estômago de água de arroz pode ficar de barriga cheia mas não fica alimentada. Por outro lado, a mãe que trabalha fora ou em serviços domésticos e que não se alimenta bem, não pode amamentar bem. Juntamos a isso as questões de habitação e vestuário. As habitações coletivas, muitas vezes anti-higiênicas e superlotadas, são uma porta aberta à propagação de doenças contagiosas. Portanto, seria muito interessante a existência de hospitais para isolamento de crianças portadoras de moléstias contagiosas. Durante o inverno muitas crianças, por escassez de roupas, não andam agasalhadas. É mais um aspecto do desconforto geral que reflete sobre a saúde.

— Estivemos até agora falando sobre moléstias de crianças — continua o dr. Water — mas eu sou especialis-

ta em moléstias de senhoras. O que se observa, aqui, na clínica de senhoras, também não é uma particularidade do Meier, é claro. Os homens sofrem, desde o período de gestação, todas as consequências do desconforto, do nível baixo da vida. As mulheres sofrem também tudo isso e mais alguma coisa. De um modo geral o homem, gozando de relativa liberdade econômica, desfruta um nível de vida melhor que a mulher. O esporte, por exemplo, que é um sério fator de saúde, é muito mais praticado pelo homem do que pela mulher. Depois de casada, a mulher continua em condições desvantajosas. E é na vida de casada que a mulher tropeça com um problema seriíssimo. Quero me referir às tentativas de controle de natalidade. Neste campo os charlatães e charlatãs fazem verdadeiras devastações.

— Mas agora, com as parteras diplomadas...

— Desgraciadamente — retruca o dr. Water — as parteras diplomadas não remediaram a atividade sinistra das antigas comadres. Acho mesmo que certas profissionais, munidas de diplomas, parece sentirem-se mais à vontade, passando a agir com desenvoltura. Creia o senhor que há métodos anti-concepcionais que são verdadeiramente catastróficos. E infelizmente não faltam clientes dispostos a aceitar, com risco da própria vida, as mais variadas práticas.

— De certo, doutor, a prática mais ou menos irresponsável de processos anti-concepcionais é uma calamidade. Entretanto, o fator econômico parece levar muitas famílias a situações embaraçosas. Não seria o caso de se fugir aos recursos clandestinos, encarando-se o assunto corajosamente, buscando-se, dos pontos de vista social e científico, uma solução honesta e segura?

— Realmente, há medidas higiênicas inofensivas, mais ou menos eficientes. Como eliminar, entretanto, uma verdadeira tradição de bruxarias e charlatanices mais ou menos criminosas? Por meio de uma campanha de educação, de certo. Mas, uma campanha dessa espécie, requer, para ser iniciada, verdadeira transformação de mentalidade. Isso, apenas, como ponto de partida. A limitação da natalidade não representa apenas um problema da medicina. É principalmente um problema social e dos mais complexos. Ainda agora, com a guerra, ele vem à discussão em escala internacional. O sr. sabe que segundo algumas opiniões uma das causas da derrota da França teria sido o decréscimo de natalidade, entre franceses, enquanto, na Alemanha, a orientação era precisa-

(Continua na 22ª pag.)

COMENTÁRIOS NACIONAIS

Tito Batini e Humberto Peregrino empatam no julgamento final do "Prêmio Literário Samuel Ribeiro"

OS SRS. ROQUETE PINTO, ROBERTO LYRA, HERMES LIMA, MONTEIRO LOBATO E ALVARO MOREYRA DECIDIRÃO O IMPASSE AINDA ESTA SEMANA — O "PRÊMIO DE HISTÓRIA J. C. DE MACEDO SOARES"

DIRETRIZES, em sua nova fase de publicação semanal, instituiu dois prêmios, um literário e outro de história, com o objetivo de incentivar no Brasil, principalmente entre os jovens, um maior interesse pela produção intelectual. E' ainda por nosso intermédio que se distribuirá, durante cinco anos, o "Prêmio de Economia Getúlio Vargas", instituído pelo sr. Samuel Ribeiro, no valor de 3 contos de réis.

São, assim, os seguintes os prêmios distribuídos por DIRETRIZES:

1) "Prêmio de Economia Getúlio Vargas", de 3 contos de réis, instituído pelo sr. Samuel Ribeiro, ao melhor trabalho sobre economia, publicado durante o ano; 2) "Prêmio Literário Samuel Ribeiro", de 2 contos de réis, instituído por nós para a melhor obra literária do ano; e, finalmente, o "Prêmio de História José Carlos de Macedo Soares", de 2 contos de réis, também instituído por nós, para o melhor livro sobre história do Brasil, publicado durante o ano.

O "Prêmio de Economia Getúlio Vargas", para o ano de 1941, já foi concedido pela comissão do mesmo encarregada, composta dos Srs. Laurival Fontes, Roberto Simonsen, Valentim Bouças, Artur Antunes Maciel e J. Pires do Rio, ao livro do Sr. José Jobim, "História das Indústrias no Brasil". O prêmio foi-lhe entregue, conforme a imprensa do país noticiou largamente, no dia 30 de março de 1942.

Agora, com a apuração de votos do "Prêmio Literário Samuel Ribeiro", verificou-se um empate entre os escritores Tito Batini e Humberto Peregrino, cujos livros "E agora, que fazer?" e "Desencontros" obtiveram, respectivamente, dois votos cada um. A favor do escritor Tito Batini votaram os senhores Monteiro Lobato e Alvaro Moreyra, manifestando-se pelo escritor Humberto Peregrino os senhores Hermes Lima e Roquete Pinto. O sr. Roberto Lyra deu o seu voto ao escritor Euryalo Canabrava, autor da estreia "Seis temas do espírito moderno".

Assim, no sentido de resolver o impasse, adotando o critério que melhor lhes parecer, ou seja, o de revista, ou, ainda, no sentido do sr. Roberto Lyra optar por um ou por outro dos escritores mais votados, os membros da Comissão Julgadora do "Prêmio Literário Samuel Ribeiro" se reunirão ainda esta semana.

Nessas condições, na próxima edição de DIRETRIZES, ao mesmo tempo que divulgaremos na íntegra os votos dos membros dessa comissão, publicaremos também o resultado a que chegaram os julgadores do "Prêmio de História José Carlos de Macedo Soares", cujos primeiros votos já se encontram em nosso poder. Nessa mesma ocasião, fixaremos a data em que os autores vitoriosos receberão os prêmios a que fizeram jus.

O POVO E A GUERRA

Inaugurando um programa de rádio-difusão destinado a comemorar o Dia da Independência de cada um dos países americanos, o vice-presidente da grande república yankee, sr. Henry Wallace, pronunciou um discurso que representa uma vigorosa demonstração de confiança nos destinos do mundo e de verdadeira compreensão dos ideais democráticos. "A liberdade — disse ele — foi sempre o grande ideal, a inspiração e a herança do nosso continente. Nosso propósito é conservá-la, porque sem ela a América pereceria sem remédio. San Martín, Bolívar, Washington, Morelos, O'Higgins e tantos outros destacados heróis e ignorados homens do povo lutaram e pereceram pela conquista e manutenção da liberdade".

O vice-presidente Wallace define assim a essência da política do panamericanismo. E faz ressaltar uma distinção bem clara, e cava um profundo fosso que separa de um lado os velhos métodos intervencionistas que Roosevelt riscou do programa da Casa Branca, e do outro lado a política de entendimento, de igual para igual, entre povos e governos da América, do Continente da Liberdade, da terra de San Martín, Bolívar e Washington e desses "heróis do povo, ignorados", que

em todos os episódios da história revolucionária continental estão sempre na primeira linha — os mais destemidos e sinceros lutadores.

O vice-presidente dos Estados Unidos chama a atenção do povo para os perigos que ainda nos ameaçam nesta gigantesca luta mundial contra o fascismo, nesta luta das democracias contra os bandos sanguinários que incendiam e convulsionam o mundo. O sr. Wallace adverte: "Devemos preparar para sofrer o último e desesperado ataque do energúmeno da Europa, cuja esperança, nesta hora decisiva, é obter a vitória em seis meses". A seu ver estamos no prelúdio de novas e grandes chacinças que as forças da agressão e da bestialidade ainda conseguirão provocar pelo mundo. "Mas venceremos" — diz ele, acrescentando: "E o homem do povo será um dos fatores decisivos da vitória. Aquele homem que lenta e trabalhosa-mente avançou em suas conquistas da liberdade, que lutou na independência dos Estados Unidos, na revolução francesa, nas guerras da independência da América Latina, nas revoluções de 1918 na Alemanha, na revolução russa de 1917 e na guerra civil da Espanha".

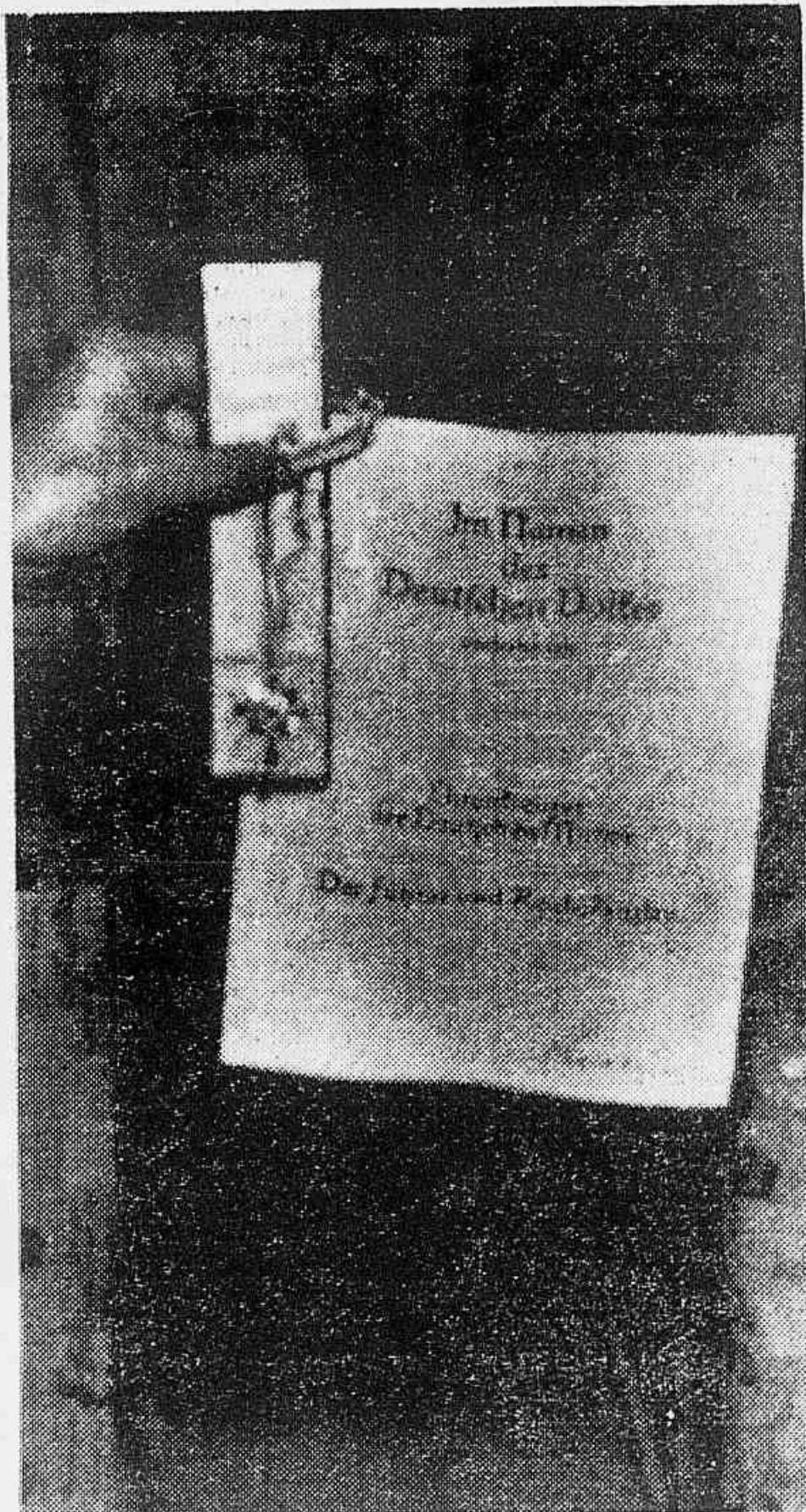
Confiante na causa da liberdade, a vice-presidente dos

Estados Unidos ainda exclama: "Retrocederá o homem do povo em sua marcha da liberdade? Será ele novamente marcado pelos ferros da escravidão? Nunca!"

E' confortador, nesta hora dramática, vermos nos postos de direção das maiores potências do mundo homens como Churchill, Roosevelt, Chiang-Kai-Shek e Wallace e tantos outros líderes democráticos (democráticos de verdade) que confiam nos "homens do povo", nos "heróis ignorados que lutaram pela conquista e manutenção da liberdade" e que não tremem, apreensivos, ao pensarem nos destinos da humanidade. Com um Churchill, um Roosevelt ou um Wallace, o mundo pode enfrentar, sereno e confiante na vitória, "o último e desesperado ataque do energúmeno da Europa". Passou a pusilânime época da guerra de nervos em que os falsos dirigentes ingleses e franceses de Munich atraíam e vendiam covardemente as pequenas nações e a própria causa democrática, dando alento à audácia dos escabrosos fascistas de todo o mundo que viam a proclamar, a soldo de Roma, Berlim e Tokio, a falência, a caduque do demoliberalismo. Passou a triste época em que até a "bassofia italiana" de Mussolini impressionava o mundo.

A luta contra os agressores fascistas terminará com a vitória da liberdade. Os comandos decisivos estão entregues a generais que sabem porque lutam, que compreendem a verdadeira democracia, que confiam no povo, que não temem o povo e que são, por isso mesmo, dignos da confiança popular.

HISTORIA DO PARTIDO NAZISTA EM S. PAULO



intervenção direta e audaciosa do governo nazista na vida do povo brasileiro. Eis a sua tradução literal:

"EM NOME DO POVO ALEMÃO
CONCEDO
A ELISABETH DAMANN —
NASCIDA INKMANN —
EM S. PAULO (Brasil)
A CRUZ DE HONRA DE 1º GRAU
DA MÃE ALEMÃ

Berlim, 21 de Maio de 1939.
a.) HITLER

O FUEHRER E CHANCELER DO
ESTADO

Este foi o prêmio concedido por Hitler a uma mulher alemã, que, vivia no Brasil há cinquenta anos. Aqui nasceram os seus filhos, aqui eles estudaram e progrediram. Que ela nunca tenha deixado de pensar na sua pátria, nada temos com isto. Mas que tenha se esforçado para que seus filhos, todos nascidos no Brasil, nunca deixassem de ser autênticos alemães, contra isso muito temos a dizer. Acresce que a medalha que aparece na fotografia acima, foi cunhada em fins de 1933, um ano após as leis de nacionalização baixadas pelo nosso governo, o que mostra até que ponto chega a insolência, o abuso e a desonestidade do governo nazista.

Ainda a propósito da mesma reportagem "A História do Partido Nazista em S. Paulo" temos outra notícia a dar aos nossos leitores. Segundo acabamos de ler no boletim "La Otra Alemania", editado em Buenos Aires, acaba de chegar àquela capital o espião alemão Treutleter, ex-chefe da USCHLA — ramo da Gestapo — em S. Paulo e elemento de ligação no Brasil do espião Otto Chistensen, sensacionalmente detida pela nossa polícia há algumas semanas.

Eis acima o sensacional documento que prometíamos publicar em nossa reportagem da edição passada, inserta sob o título "História do Partido Nazista no

Brasil". Por circunstâncias independentes de nossa vontade somente agora chegou às nossas mãos a cópia fotostática do mencionado documento que prova a

EXPEDIENTE

"DIRETRIZES"

Propriedade da

EMPRESA EDITORA DIRETRIZES LTDA.

DIREÇÃO de Maurício Goulart e Samuel Wainer
SECRETARIA de Augusto Rodrigues
GERÊNCIA de Afrânio de Freitas Bruzzi
PUBLICIDADE — Carreiro de Oliveira

REDAÇÃO

Alceu Marinho Rego, Alvaro Moreyra, Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira — Redatores
Arnaldo Pedrosa D'Horta — Movimento Trabalhista
Carlos Cavalcanti — Artes Plásticas
Murillo de Carvalho — Música
Nassara — Rádio

Rachel de Queiroz — Crítica Estrangeira
Richard Lewinsohn — Guerra sem mistérios
Teófilo de Andrade — Economia e Finanças

Paginagem de Augusto Rodrigues

Ilustração de Irene e Artobela

Redação e Administração:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 7 (8.º and.)

(Entrada pelo Beco dos Barbeiros)

Telefones: — 43-8570 e 43-8598

Direção e Redação — 43-8570

Gerência e Publicidade — 43-8598

PREÇOS

Número avulso	1\$000
Número atrasado	2\$000
Assinatura anual	50\$000
Assinatura semestral	25\$000

COOPERATIVA SÓ P'RA JAPONÊS!

UMA CARTA DO SR. M. C. FERRAZ DE ALMEIDA, PRESIDENTE ATUAL DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COTIA

A propósito da reportagem "Cooperativa só pra japonês", publicada pelo nosso diretor, Samuel Wainer, na edição n. 95 de DIRETRIZES, de 23 de abril próximo passado, acabamos de receber uma longa carta do sr. M. C. Ferraz de Almeida, atual presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia. Obedecendo aos princípios de ética profissional, publicamos abaixo a carta deste cavalheiro, incriminado de pactuar com os elementos nipônicos na direção daquela Cooperativa.

Quanto aos argumentos apresentados pelo sr. M. C. Ferraz de Almeida, defendendo-se da acusação contra ele levantada, nada temos a dizer. Julgue-os o leitor.

Discordamos, entretanto, totalmente, de S. S. quando passa ao terreno da defesa direta da Cooperativa de Cotia. Os seus argumentos não conseguem destruir as afirmações de nossa reportagem. O sr. Ferraz de Almeida refere-se, com certo entusiasmo, aos atuais 1.000 associados não japoneses do quadro social daquela Cooperativa, mas, logo abaixo, diz que esses 1.000 associados se dividem por 15 nacionalidades. Parece-se deduzir daí que, talvez, nem 500 destes sejam brasileiros, e isso numa sociedade pretensamente nacionalizada, de 2.200 associados! Estimariamos muito mais que o sr. Ferraz de Almeida já dispusesse de elementos para poder nos informar que, daqueles 2.200 associados, mais de 51 % são brasileiros, pois não faltam agricultores nacionais dentro da área de ação em que age a Cooperativa de Cotia.

Também não vemos motivo para tamanha alegria da parte do missivista quando se refer ao fato da Cooperativa ter permitido que brasileiros, sem qualquer parcela de sangue asiático, passassem a interferir direta e positivamente na sua vida administrativa (sic). Enfim, deixemos ao critério dos nossos leitores fazer a comparação entre as afirmações da nossa reportagem e as alegações do sr. M. C. Ferraz de Almeida que, nos pontos em que toca às acusações arguidas contra a Cooperativa, surgem muito frageis.

Já uma vez acentuamos, e não achamos inútil repetir, que não nos move nenhum intuito pessoal contra o agricultor japonês em quem reconhecemos extraordinárias qualidades de organização e trabalho. O nosso intuito, ao discutir o problema das cooperativas amarelas de São Paulo, foi apenas defender o ponto de vista da extrema necessidade da sua imediata nacionalização, da necessidade da defesa do agricultor brasileiro em luta desvantajosa com o protegido agricultor japonês, da necessidade, em síntese, de vigiar e acompanhar cuidadosamente as organizações nipônicas no Brasil, principalmente neste momento em que o Japão, como qualquer um de seus comparsas do Eixo, surge como ameaça direta contra o nosso país.

Por tudo isso, fazemos votos para que o sr. M. C. Ferraz de Almeida, agora que se acha na presidência da Cooperativa de Cotia, agora que tem ao seu lado um representante do Ministério da Agricultura e outro do Ministério da Guerra, tudo faça para transformar a Cooperativa de Cotia num autêntico instrumento de progresso econômico do Brasil, e, ao mesmo tempo num fator de evolução social e cultural do agricultor brasileiro. Este nos parece o caminho que deve ser trilhado por toda entidade verdadeiramente nacional. Enquanto isso não se verificar, ficamos com o nosso ponto de vista, largamente exposto em nossa reportagem de 23 de abril, continuando dispostos a voltar ao assunto sempre que isso nos pareça conveniente à defesa do Brasil.

E' a seguinte, na íntegra, a carta do atual presidente da Cooperativa de Cotia:

São Paulo, 9 de maio de 1942 — Ilmo. sr. Samuel Wainer — Redação da revista DIRETRIZES — Rio de Janeiro — Prezados Srs.: — Em face da ampla reportagem publicada no n.º 95, dessa revista, sob o título "Cooperativa só pra japonês", resolvi escrever-lhe a presente que objetiva, tão somente, esclarecer a verdade de certos fatos ligados à minha situação de atual presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia.

Na reportagem em causa, o meu modesto nome aparece como o de um "quinta-colunista" que se presta ao triste papel de "testa de ferro" dos japoneses da citada Cooperativa, sem que, no entanto, se diga de modo positivo, quais os atos por mim praticados no propósito de acobertar as possíveis atividades anti-brasileiras de tais japoneses.

E, assim, sou obrigado a concluir que o meu "quinta-colunismo" é fruto exclusivo da minha eleição para a presidência da mesma Cooperativa.

Desejo, pois, preliminarmente, dizer que não trabalhei, nem pedi, para obter o cargo que ora ocupo, com sacrifício de meus justos, interesses particulares. Sou advogado modesto, vivo da minha profissão, e tenho por ela verdadeiro sentimento e amor. Trabalhando para todos os que me procuram, de acordo com a ética, assim tenho advogado para a Cooperativa Agrícola de Cotia, para a qual, igualmente, entre outros nomes conhecidos, relevantes serviços de advocacia tem prestado o grande jurista que é o exmo. sr. dr. Abrahão Ribeiro.

Já há três anos, bem antes da eclosão do atual conflito internacional, depois de entrar em contacto com alguns dos problemas pertinentes à vida administrativa das cooperativas nipônicas, considerei que seria possível enquadrarmos essa sociedade nos planos de nacionaliza-

ção defendidos pelo exmo. sr. general Meira de Vasconcelos.

Talvez tenha sobre-estimado as minhas forças pessoais.

Mas, o que é certo, é que nunca me faltou o apoio das altas autoridades brasileiras e, graças a elas, em menos de um lustro, a Cooperativa Agrícola de Cotia nacionalizou o seu quadro de empregados, admitiu no seu quadro social, perto de 1.000 elementos não japoneses e, o mais importante de tudo, permitiu que brasileiros, sem qualquer parcela de sangue asiático, passassem a interferir direta e positivamente na sua vida administrativa.

Temos obrigação de reconhecer que essa conquista nós a devemos ao sr. dr. Fernando Costa, ministro da Agricultura, e atual interventor federal em São Paulo; Arthur Torres Filho, até há pouco diretor do Serviço da Economia Rural do Ministério da Agricultura; Luiz Piza Sobrinho, ex-secretário da Agricultura de São Paulo; e mais aos técnicos ilustres que superintendem os Serviços agrônômicos federais e estaduais, relativos ao fomento e à organização da produção; aos que dirigem os Serviços referentes à fiscalização e aplicação das leis trabalhistas do país; e, finalmente, ao Banco do Estado, de São Paulo, e ao Banco do Brasil.

Ao se constituir, a C. A. C., como todas as outras cooperativas de japoneses, existentes no nosso meio, era 100% estrangeira. E assim, permaneceu quase uma década, até que se tornou a extraordinária força econômica que é hoje e a única cooperativa de japoneses com considerável número de quotistas de origem não japonesa, representando perto de 15 nacionalidades diferentes.

Pergunto: qual, dentre as cooperativas japonesas existentes no país, oferece semelhante exemplo ou resultado?

Sobre a escolha do nome do si-

gnatário desta para a presidência da Cooperativa Agrícola de Cotia, é preciso tornar-se bem claro o seguinte: ela foi condicionada, pelo próprio signatário, à aprovação das autoridades da Ordem Política e Social; à do sr. diretor do Serviço de Economia Rural, do Ministério de Agricultura e à do diretor do Departamento de Cooperativismo de São Paulo.

Ao receber o convite, desde logo esclareci que não poderia aceitar a investidura diante da mais leve restrição ao meu nome, qualquer que fosse a natureza dessa restrição. Ponderei mais que embora não estivesse registrado no quadro de empregados da Cooperativa, dada a minha situação de seu advogado, poder-se-ia insinuar que eu aceitava o cargo mediante um contrato com os antigos diretores japoneses; e que, finalmente, por não desejar fugir ao exercício da advocacia, não me considerava um verdadeiro agricultor... Todos esses argumentos foram contrariados. E, afinal, como provam cartas em meu poder, vi a minha candidatura aceita por todos, bem como a do meu presado amigo Quintiliano Moreira Cesar, contador da Cooperativa, cujo nome foi especialmente recomendado pelas dignas autoridades incumbidas de acompanhar as atividades das sociedades integradas por elementos do eixo.

Diante do exposto, julgo que me assiste o direito de dizer: 1.º) que fui escolhido para a presidência da C. A. C. sem a mais leve interferência de minha parte; 2.º) e que estabeleci condições para a minha eleição e só mediante a aceitação das mesmas concordei com ela.

Essa é a expressão da verdade. E, como maior prova de sinceridade, quero acrescentar que reconheço ter sido unânime a aceitação do meu nome à vista do sincero desejo que tem as nossas autoridades de ver aumentadas e produtivas as lavouras dos agricultores das cooperativas nipo-brasileiras.

Ao considerarem que conheço algo sobre a organização da Cooperativa Agrícola de Cotia, deram-me apoio, exatamente como o fizeram em outros pontos do Estado de São Paulo, onde alguns distintíssimos colegas meus, dentre os quais cito os Drs. Bastos Cruz e Luiz Arantes, se viram guindados à incómoda presidência de sociedades nas quais prevalecem, pelo número, elementos de origem japonesa.

Além, sobre a administração da Cooperativa Agrícola de Cotia, é bom saber-se que ela, de há muito, está controlada por um dos representantes do Serviço de Economia Rural, do Ministério de Agricultura e, ainda agora, o exmo. sr. ministro da Guerra deu autorização para que um oficial do nosso Exército assumisse os mais elevados encargos na administração da sociedade.

A permanência dos elementos acima referidos à frente da gestão da C. A. C., indubitavelmente, traz a melhor garantia para os interesses brasileiros. Entretanto, a bem da verdade, é preciso que se diga que a assistência de tais elementos foi requerida pela própria cooperativa bem antes da memorável Conferência do Rio de Janeiro e isto porque os elementos brasileiros e alguns japoneses da Cooperativa de Cotia nunca se esqueceram da importância que tem a produção de seus cooperados, no tocante às necessidades de abastecimento das nossas forças militares e das nossas populações.

Finalmente, uma referência às pessoas que aparecem como propiciantes de certos informes contidos na reportagem determinante desta carta. Quatro delas, inclusive o contador e o vendedor do mercado de Pinheiros, trabalharam na Cooperativa e deixaram o emprego por motivos que o signatário ignora. E, outras duas, ainda figuram no registro de funcionários da sociedade.

Ao tomar conhecimento da reportagem que nos leva a redigir a presente, sem a menor demora, a diretoria presidida pelo signatário solicitou ao sr. dr. José Leite de Almeida, delegado do Serviço de Economia Rural,

que abrisse um inquérito administrativo para apurar as possíveis faltas praticadas pelos dirigentes da sociedade, nominalmente citados na aludida reportagem.

Foram tomados, nesse inquérito, os depoimentos dos dois empregados da Cooperativa a que nos referimos linhas acima. E eis em resumo o que eles disseram: 1.º) que forneceram elementos à reportagem de DIRETRIZES; 2.º) que firmaram determinada carta endereçada ao exmo. sr. ministro Oswaldo Aranha; 3.º) "que apoiaram em parte algumas ideias relacionadas com a mencionada reportagem, as quais, declararam não recordar-se; 4.º) "que nada sabiam quanto à conduta do dr.

Manoel Carlos Ferraz de Almeida perante a Cooperativa Agrícola de Cotia; 5.º) "que não foram constrangidos a fazer as declarações" acima transcritas.

Em carta datada de 2 de maio, último, dirigida ao sr. dr. José Leite de Almeida, os mesmos funcionários esclareceram que: 1.º) "não tiveram o intuito de ofender o sr. dr. José Leite de Almeida no exercício de atribuições do seu cargo, porquanto desconheciam sua permanência como autoridade designada pelo Ministério da Agricultura para acompanhar o movimento econômico e administrativo da C. A. C."; 2.º) que não tinham agido influenciados por "despe-

(Continua na 22ª pag.)

Uma grande oportunidade para os escritores brasileiros

A "REVISTA DO BRASIL" ASSUMIU O PATROCÍNIO, EM NOSSO PAÍS, DO II CONCURSO LITERÁRIO LATINO-AMERICANO

Uma iniciativa das mais úteis para o verdadeiro intercâmbio cultural entre o nosso país e os Estados Unidos acaba de assumir a "Revista do Brasil", dirigida superiormente pelo alto espírito do sr. Otávio Tarquínio de Souza, aceitando o patrocínio do II Concurso Literário Latino-Americano, promovido pelo Departamento de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana, em colaboração com a editora Farrar & Rinehart, de Nova York.

Trata-se, em verdade, de acontecimento singular para as letras e para a cultura do Brasil. Ao contrário do primeiro, que se limitou ao romance, o concurso de 1941-42 abrange também a biografia, o ensaio histórico ou sociológico, os livros de memórias ou de impressões de viagem, além de obras de literatura juvenil, destinadas aos leitores entre 12 e 16 anos.

No I Concurso da União Pan-Americana, o primeiro prêmio coube ao romance do peruano Ciro Alegria, cujos direitos de adaptação cinematográfica foram recentemente adquiridos por Orson Welles. Também um escritor brasileiro, Cecílio J. Carneiro, teve o seu livro premiado e publicado nos Estados Unidos. "A Fagueira", — é este o nome do original do jovem escritor patricio, — já foi lançada em edição brasileira do livreiro José Olimpio.

O II Concurso Literário Latino-Americano distribuirá três prêmios, num total de 5 mil dólares. O primeiro, de importância de 2 mil dólares, destina-se ao melhor romance; o segundo, da mesma quantia, abrange a biografia, o ensaio histórico ou sociológico, os livros de memórias ou de impressões de viagens, refletindo aspectos da vida ou do pensamento da América Latina; e, finalmente, o terceiro, de importância de mil dólares, tem por objeto obra literária em prosa, especialmente feita para leitores de 12 a 16 anos.

São as seguintes as principais condições para este II Congresso: a) podem concorrer não só livros inéditos, como todos aqueles que foram publicados depois de 1 de setembro de 1941, data da abertura do concurso em Nova York; b) aos concorrentes é lícito enviar tantas obras quantas queiram, desde que cada uma seja submetida em separado e com o correspondente pedido de inscrição; c) são admitidas obras escritas por dois ou mais escritores; d) os trabalhos deverão ser escritos em português, não podendo os romances, ensaios históricos, etc., contar menos de 50 mil palavras; e) nos livros do gênero de literatura infantil poderão ser incluídos desenhos e ilustrações; f) não serão aceitos manuscritos rotos, materialmente descuidados ou cheios de emendas e rasuras; g) a data de encerramento do concurso será a 15 de setembro de 1942.

Os autores premiados terão garantidos os direitos de propriedade literária e os livros que merecerem o prêmio serão traduzidos para o inglês e editados pela casa Farrar & Rinehart, de Nova York. Na América do Norte, os livros selecionados e classificados pelas diversas comissões julgadoras dos países latino-americanos serão definitivamente julgados por duas comissões de escritores, a saber: 1) John dos Passos, Thornton Wilder e Ernesto Montenegro (romances, ensaios, etc.) e 2) Blanche Weber Shaffer, Delia Goetz e Elisabeth Gilman (literatura juvenil).

No Brasil, a direção da "Revista do Brasil" organizou três comissões, conforme cada prêmio ou grupo de gêneros literários contemplados. A comissão de romance será constituída pelos srs. Alvaro Lins, Manuel Bondeira e Prudente da Moraes, neto; a de ensaios históricos, etc., pelos srs. Gilberto Freyre, Rodolfo Garcia e Roquette-Pinto; e a de literatura infantil, pelos srs. Abgar Renault, Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade.

Nos demais países da América Latina, a direção e organização do II Concurso da União Pan-Americana foram confiadas a revistas ou instituições culturais, tais como: Argentina, revista "Nosotros"; Cuba, Institución Hispano-cubana de cultura; Chile, Sociedad de Escritores de Chile; Equador, Grupo "América"; São Salvador, Biblioteca Nacional; Guatemala, Biblioteca Nacional; Haiti, Société Scientifique; Honduras, Biblioteca Nacional; Perú, revista "Insula"; Porto Rico, Ateneu de Porto Rico; República Dominicana, Ateneu Dominicano; Venezuela, Biblioteca Nacional, etc.

Os originais de autores brasileiros podem ser enviados desde já à redação da "Revista do Brasil", nesta capital, à avenida Rio Branco n.º 129-31, 3.º andar, telefone 43-7072.

Um novo Meternich volta a olhar para a América...

O IMPERIALISMO fascista é uma organização que vem se aperfeiçoando com todos os requintes imagináveis, há quase dez anos. É um monstruoso polvo político de enormes tentáculos que, há muito tempo, vem se alimentando com o sangue da humanidade e observando todas as suas fraquezas, calculando o bote matematicamente, para apossar-se da presa no primeiro descuido. Os países americanos, após o rompimento das suas relações com o Eixo, parecem, superficialmente terem afastado das suas terras o perigo nazista. Pensam que em se fechando as Embaixadas da Alemanha e Itália e com o internamento dos agentes da Gestapo, toda atividade subversiva do Eixo tinha que cessar por força. Puro engano. Todas essas organizações secretas, corroidoras das nacionalidades, persistem ainda. É verdade que sob um manto diferente, o espírito da Gestapo continua a trabalhar na sua faina traiçoeira, em plena liberdade para praticar a sua trama em nossos países indolentemente tolerantes e lamentavelmente ingênuos. As funções dos agentes do Eixo apenas sofreram uma reorganização forçada pela nossa repressão. Deu-se somente uma transferência de poderes e missões. Passaram os agentes da Gestapo para os da Falange Espanhola. E havemos de convir que a tarefa será mais fácil, pois falam e compreendem inteiramente o nosso idioma e o seu tipo racial se confunde com o nosso.

A fé de ofício da Falange nas Américas é longa e agitada. O seu objetivo supremo é a conquista da América para Hitler. Os "leaders" falangistas reivindicam direitos da Espanha sobre pretensas minorias espanholas em nosso continente. Entre esses países, o Chile, a Argentina e o México teriam naturalmente que conceder direitos minoritários a duas agrupações. Uma a alemã, outra a espanhola. Assim como Hitler acha-se com o direito de governar os ale-



Alvarez del Vayo, o último ministro do Exterior do governo republicano. Sua luta para abrir os olhos da Liga das Nações foi épica —

mães da América. Franco julgava-se também com o direito de governar os espanhóis de nosso continente. Da sua sede em Burgos, a Central da Falange chama a atenção do espanhol residente nos países americanos proclamando que "chegou a hora em que a Es-

A FALANGE ESPANHOLA E A CONQUISTA DA AMÉRICA — O IMPERIALISMO FASCISTA EXPORTADO VIA MADRID...

Por AMILCAR ALENCASTRO

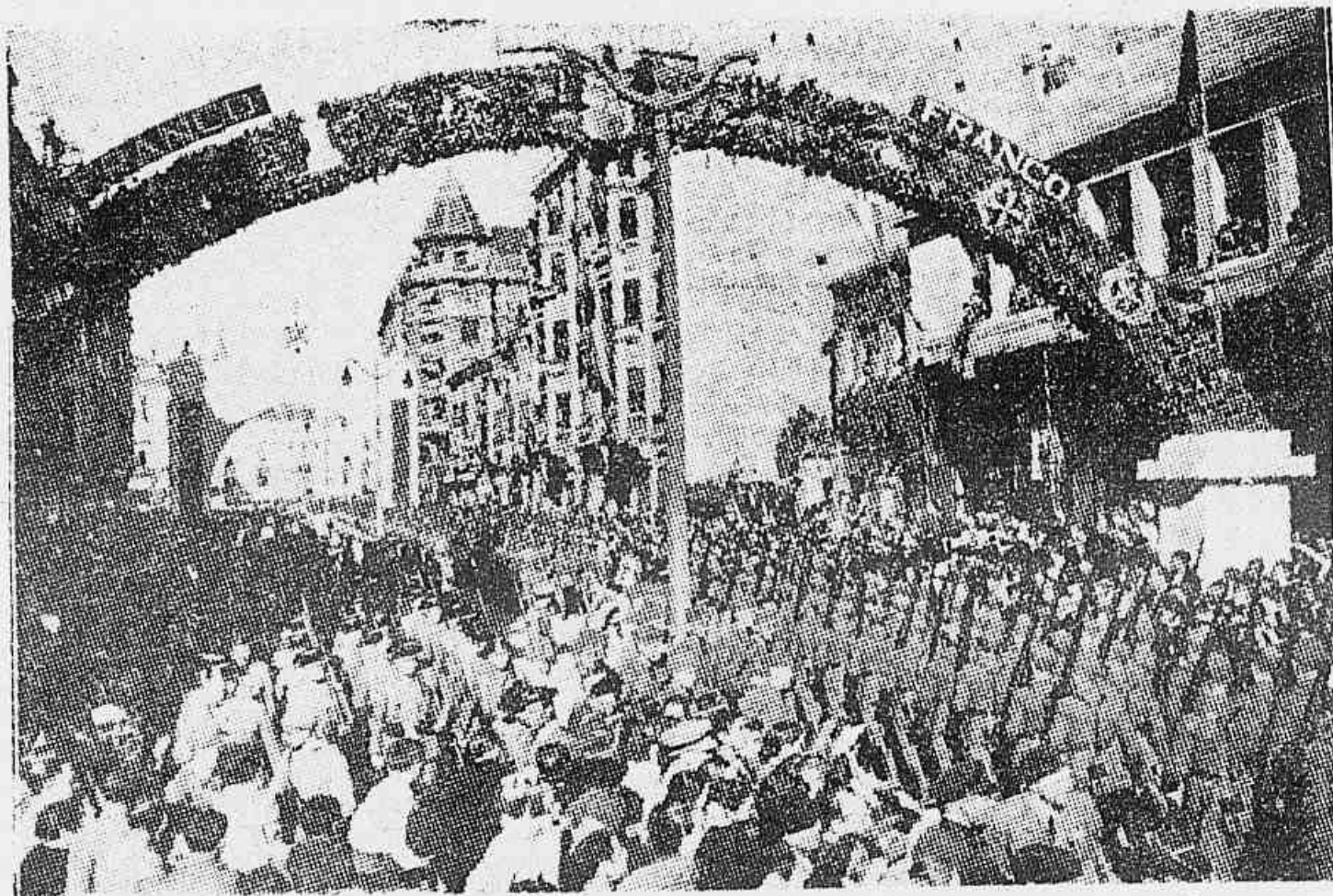


Alguns milhares de espanhóis, como estes jovens, estão pagando com o seu sangue, no "front" oriental, a dívida contrada pela falange com o nazismo

ram um desfile desfraldando bandeiras monárquicas espanholas e, numa pública e irreverente manifestação de apoio às pretensões de Hitler na Argentina, percorriam as ruas gritando "Viva Hitler", "Viva Franco", até que ao chegarem à Avenida de Maio um peque-

ca e, segundo os falangistas, será a primeira que deve voltar à antiga Metrópole.

Uma semana depois do dia 20 de maio, data em que a República Cubana festejava mais um aniversário da sua Independência nacional, o general Franco praticava o pri-



Soldados alemães desfilam pelas ruas de Madrid, pelas ruas da terra invadida com o auxílio dos falangistas

lutismo opressor. A Inquisição nazista encharcou de sangue a Europa e o Torquemada Himmler colaborando como o Metternich Hitler, já prepararam um novo Tratado das Tordesilhas para imporem-no à América. E já fizeram até o seu novo mapa, onde a velha mãe Espanha leva o seu quinhão... Para substituírem com êxito a figura dos descobridores Pizarro e Cortez, não lhe faltarão flibusteiros mais experimentados nestes mares, tais como Marene, Herrera, von Cossel e Plinio Salgado...

As atitudes da Falange na América comprovam inteiramente os seus designios. Quando a polícia argentina procedia a diligências e prisões de súditos alemães, envolvidos no fracassado "putch" nazista da Patagônia, a Seção Argentina da Falange Espanhola, realizou na rua Flórida, em Buenos Aires, uma grande manifestação de protesto pela prisão dos agentes nazistas. Realiza-

no piquete de polícia, auxiliado pelo povo, dissolveu a manifestação e arrebatou-lhes os estandartes. Logo depois, um grupo de universitários em protesto contra a Falange gritavam: "Abajo Franco", "Viva Argentina".

Com relação à Cuba, a Falange tem um ponto de vista especial. Este país foi a última colônia espanhola na Améri-



O general Vicente Rojo, o homem que defendeu Madrid. Quando voltará ele a comandar suas tropas sob a Puerta del Sol?

meiro ato de provocação, declarando que a Espanha não aceitava o reconhecimento do seu governo pelo de Cuba, e, ao mesmo tempo, solicitava o pagamento de 5 milhões de pesetas pela internação do navio rebelde espanhol Manuel Arniz, ocorrido durante a Revolução em 1937.

Apesar de todo o saneamento político feito pelos Estados Unidos na Zona do Canal, ainda hoje a Falange está agindo sobre esse ponto vital da América. O presidente em exercício do Panamá foi deposto num golpe de Estado por estar seriamente comprometido com os elementos nazistas. No ano passado realizou-se uma manifestação política na Espanha, na cidade de Medina del Campo, onde Franco passou em revista numerosas delegações falangistas de todos os países da América! Vários incidentes ocorreram em Costa Rica, Colômbia, México, Chile e Cuba entre representantes da Falan-

ge e nacionais desses países. Sendo que em Cuba, foi pedido no Parlamento que o Governo recusasse "exequatur" a um consul espanhol que havia sido designado para Havana, por ser um proeminente "leader" falangista.

No México, pela atitude desassombrada do senador Miguel Angel Menendez, tomamos conhecimento de documentos que comprovam incontestavelmente a ação subversiva da Falange. Das muitas cartas desses agentes, lidas no Parlamento mexicano por aquele parlamentar vamos transcrever aqui apenas uma. Ela foi enviada de Nova York, de um falangista, Alfredo Varela, a um seu comparsa, Garcia Diez, solicitando informações sobre navios que deixaram o porto para localizá-los afim de que os submarinos do Eixo os torpedeassem. Assim está redigida:

"Señor don Frederico Varela, a cargo del señor F. G. Varela — Apartado 60, Veracruz — México.

Mui querido amigo:

He recebido su atenta carta del 4 del corriente, por la que me dá la noticia de la carga del vapor noruego GUNDA e su salida de esa de jueves pasado en la tarde, y como que los receptores del lino que esta tranbordando del MOTOMAR estan travando de esquivar nuestros embargos por el flete hasta esa, con el fin de que no nos sorprendiera levando el buque a otro puerto de los Estados Unidos a descargar, molestamos a usted para que tuviese la bondad de telegrafarnos a que puerto habia sido despachado el mismo, lo qual por medio de nuestro telegrama que dice:

Agradecido suya quatro. Rogamos telegrafie puerto fue despachado buque salió dita tarde".

"Habiendo recebido la contestacion que dice: "Suyo despachado para Von Edgewater". Cuyo informe lhe agradecemos mui de veras. Esperamos que quando el SIDERAL termine se servirá usted avisarnos la fecha de su sali-



Juan Negri, o homem que continuou lutando, por isso, vencerá

da e el puerto para onde vá por la qual anticipamos a usted las gracias mas expressivas".

Garcia Diez"

Esta é uma das muitas cartas de agentes falangistas no México, onde o governo foi sempre anti-nazista. Que diremos de outros países ameri-

(Continua na 22ª pag.)

PEQUENOS SEGREDOS DO MUNDO

HUMILDADE

ALVARO MOREYRA

— Quando as crianças sonham que estão caindo, é porque estão crescendo.

Aprendi essa verdade há muitos anos.

Mas sonhei poucos sonhos assim.

Paciência!

Se não cresci demais, carreguei comigo o garoto que fui e outro que a vida me deu. O que fui guarda o deslumbramento da infância, continua inocente diante das coisas criadas, criando-as de novo, por encanto, curiosidade, admiração. O outro é um moleque sem vergonha.

Às vezes, penso que não vale a pena viver. Depois, torço as sobranças entre os dedos, paro na dúvida: morrer, que é que adianta?

Viver... Morrer... Questões pessoais. Cada um sabe por que morre. Nem todos sabem por que vivem.

Se eu não fosse o que sou, queria ser isto mesmo. Ou então veterinário.

Já gostei muito de mim, no tempo em que

acreditava em tudo. Todas as mulheres eram bonitas. Todos os homens eram bons. Fiz de S. Francisco de Assis o meu santo. Mais tarde vi que, por exemplo, Talleyrand tinha mais razão.

Pertenci à família enorme dos que possuíam dois países: o seu e a França. Agora os meus parentes andam desgraçados. Eu não. Ao menos arranjei uma alegria: sou francês livre...

Não vale a pena entristecer. É preciso não ficar aflito. Pôr o mínimo de excitação nas palavras e nos gestos. A lição do mundo é a humildade. Fácil de conseguir. Basta que se reflita um pouco sobre a insignificância pessoal e sobre o ridículo geral. Esses dias, aí fora, um palhaço de circo apareceu, de repente, como profeta. Também foi preso.

Calma! Doçura! Não se sabe nada, além da forma interina com que tudo se apresenta. Um poeta disse que a borboleta é o dia seguinte da lagarta. Póde acontecer que entre nós haja muitas vésperas de anjos... Indiscutível é que deve existir, lá em cima, alguém que se "diverte prodigiosamente"...

como se achava lá, talvez dissesse isso para não ofender os espanhóis que acabavam de ser escravizados. Herman Lima é, principalmente, um poeta. E' a viagem de um poeta, esta, que José Olympio, em ótima apresentação, está espalhando pelo Brasil.

MUSEU FARROUPILHA

— Coelho de Souza, secretário da Educação, no Rio Grande do Sul, contou aos jornalistas de lá que o governo do Estado decidiu fundar em Piratini o Museu Farroupilha, cuja organização e conservação ficará a cargo do Museu Histórico de Porto Alegre e contará com a colaboração dos historiadores riograndenses. O interventor solicitará o serviço do patrimônio nacional, a vinda de um engenheiro especializado, afim de tratar-se da restauração e dos serviços de conservação dos edifícios históricos existentes naquela cidade. O governo do Estado adquirirá um edifício, onde foi o palácio do governo de Piratini e onde atualmente funciona um hotel. Em telegrama recebido de Jaguarão, o prefeito daquele município participou ao general Cordeiro de Farias haver adquirido o prédio onde foi o Ministério da Guerra e onde residia Garibaldi. O museu será instalado no edifício, onde foi a sede do governo Farroupilha.

COMPANHEIRO

— O menino nasceu de olhos fechados...

— Sim...

— Mas já os abriu...

— O primeiro erro...

PEQUENA CURIOSIDADE

— E os mendigos também pagam imposto de renda?

MAIS OUTRA

Em algum lugar da Europa, havia uma casa. Na janela da casa, um papagaio bradava: "— Viva a liberdade!" O homem que ali morava, correu, puxou o papagaio, foi se fechar com ele num quarto. Ainda tremendo, disse: "— Graças a Deus, ninguém o ouviu! Não repita mais isso. Eu também penso como você e vivo de boca fechada. Eu e milhões de outros. Sim, meu amigo. E' o tempo mais ignobil. E' a gente mais repugnante. Um regime como este passa qualquer imaginação, por toda exagerada que seja. Uma minoria roubando e matando, e o resto imenso, reduzido ao silêncio, acovardado, submetido, anulado pelo pavor, a sofrer com o jeito de aplaudir. Conheci os poderosos de hoje. Eram tão pobres como nós. Tomaram conta do governo, estão milionários. E aí do louco que não baixe a cabeça! Aí do que tente provar que a pátria não é um negócio! Aí do que clame que todos tem os mesmos direitos e os mesmos deveres, para a felicidade comum! Você se arriscou. Você podia me comprometer. Liberdade é um nome perigosíssimo. E' proibido pronunciá-lo. Temos que existir como coisas, se quisermos existir. Reduziram-nos a bonecos. Somos uns fantoches infelizes. Vá. Volte para a janela. Mas, bico calado!" O papagaio olhou o homem, sacudiu as asas, ergueu-se num vôo rápido, rumo à rua. Na rua, pôs a maior força na voz, gritou: "— Prefiro a morte! — Viva a liberdade!"

SEM PERIGO

— Esse Herman Lima, que há um ano me levou para a Inglaterra, agora foi comigo

NO MEIO DA RUA...

de novo a Londres, onde tivemos a primeira impressão da neve, depois de andarmos por Argel, Nápoles, Capri, Portofino, Roma, Florença, Pisa, Veneza, Milão, Bruges, por uma porção da Holanda. Passamos o Natal nos Alpes. Estivemos duas vezes em Lisboa, o que poderá parecer exagero a quem não sabe que Lisboa é o primeiro e o último porto brasileiro... Seguimos para

Berlim, Copenhague, Stockholm, para o país de Gosta Berling, que é como quem diz "a terra de Selma Lagerlof", e daí para Oslo, continuando pelos "fjords", e partindo depois para Lisieux, depois para Madrid, via San Sebastian, depois para Burgos, depois para Toledo... Que viagem boa! Começada e terminada num domingo de maio, com o sol mais inocente do mundo.

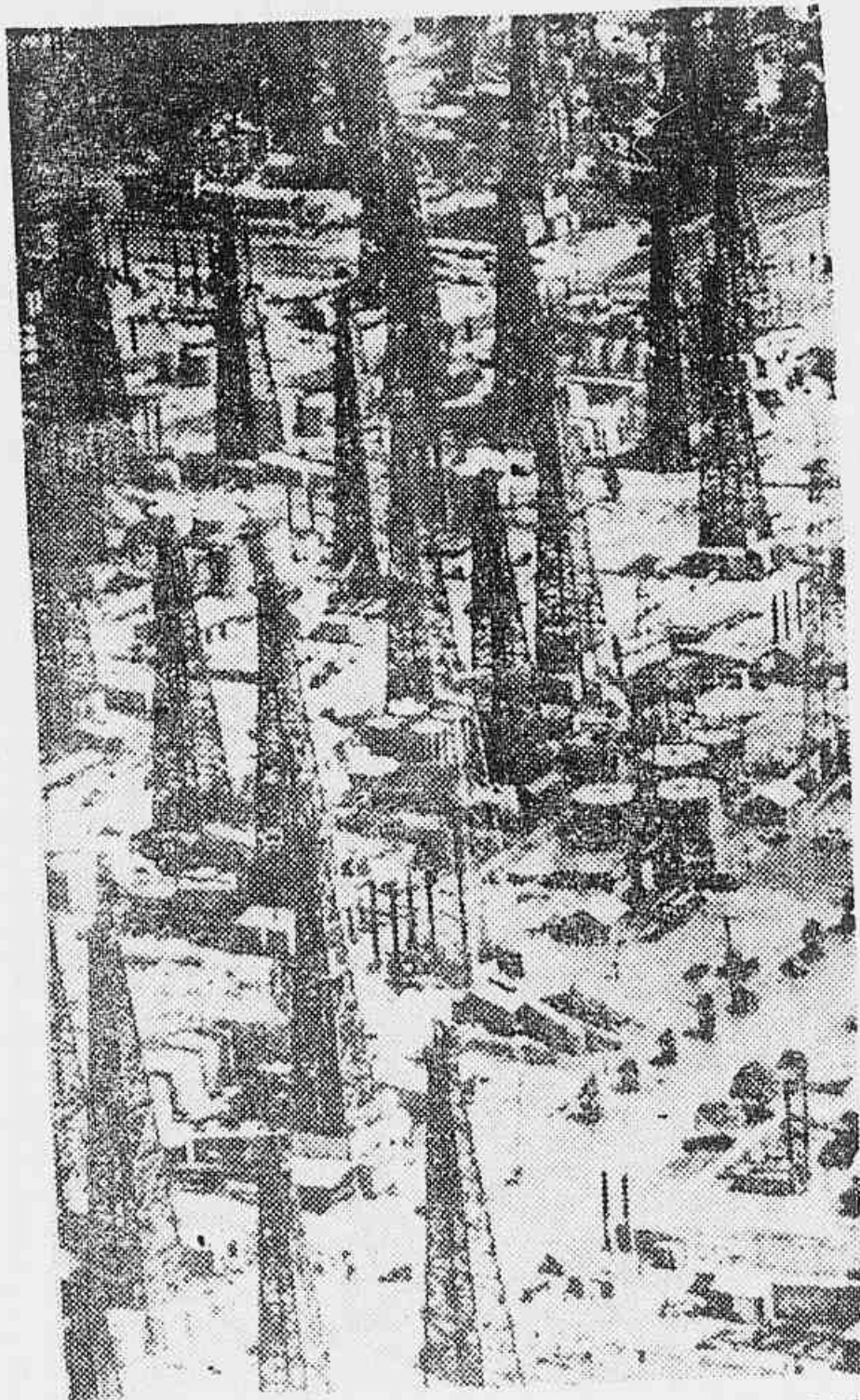
"Outros céus, outros mares". Um livro. O veículo melhor. Nos outros céus, nenhum "caça". Nos outros mares, nenhum submarino. Como Herman Lima sabe conversar! Ele conta. A gente vê, a gente escuta. E é tudo verdade. So uma vez, Herman Lima não reparou bem e disse, nas proximidades de Burgos: "... que foi até bem pouco a capital do país redimido". Mas,

CONSERVE O SEU SORRISO NO ATLÂNTICO



LOS ZORROS ESTÃO NO RIO DE JANEIRO. AQUI CHEGARAM PRECEDIDOS DA FAMA QUE LHES DERAM AS PLATÉIAS SULAMERICANAS. ENCONTRAM-SE NO ATLÂNTICO, CUJAS REUNIÕES ARTÍSTICAS SE REVESTIRAM, DEPOIS DE SUA CHEGADA, DE UM BRILHO MAIOR. SÃO ARTISTAS CONSUMADOS DO RISO, INIMITÁVEIS NAS SUAS VARIADAS INTERPRETAÇÕES DO TRÁGICO QUOTIDIANO, ATRAVÉS DE UMA CARIÁTIDE QUE NÃO É DEFORMAÇÃO, PORQUE É UMA LOUCA PILHÉRIA.

TRINTA MILHÕES DE TONELADAS DE PETRÓLEO



Sob este solo esconde-se a arma que Hitler mais ambiciona, pois sem ela a derrota será, ainda mais inevitável do que já é.

— Necessitamos o petróleo do Cáucaso!

Como outros aventureiros do mundo antigo, Hitler volta-se para o Cáucaso — país legendário, de mistério e aventuras românticas — esperando que sua riqueza o afiance como conquistador do mundo.

Pois o Cáucaso é a terra tradicional da busca de El-dorados. Foi no Cáucaso onde Prometeu procurou o conhecimento divino e por sua curiosidade foi condenado a eterno tormento.

Foi no Cáucaso que os argonautas foram enviados em busca do velocino de ouro.

Agora, outro aventureiro — Hitler — está enviando suas legiões ao Cáucaso empós de uma rica presa: a fabulosa riqueza petrolífera do país. Trinta milhões de toneladas de petróleo por ano! Oitenta e três por cento da produção total da U. R. S. S.

O avanço de Hitler para o Cáucaso não foi tanto a marcha vitoriosa de um conquistador como a precipitação frenética de um homem desesperado, atrás do único que pode salvá-lo: o petróleo. Com esse petróleo, Hitler poderia continuar desafiando o mundo; sem dele, está perdido e o nazismo vencido.

Pois as reservas de combustíveis da Alemanha e Romênia descenderam agora a sete milhões, o consumo mensal da Alemanha é de dois milhões e quinhentas mil toneladas. A zona dominada pelos nazis produz um milhão de toneladas. Os bombardeios aéreos

ingleses e russos têm reduzido mais ainda o fornecimento de petróleo, o que significa que os centros petrolíferos russos são absolutamente necessários para que a Alemanha possa continuar sua campanha no Este.

As jazidas petrolíferas de Bakú, Grozny e Maikop constituem o segundo centro petrolífero do mundo; o primeiro é a América do Norte. Dos poços de petróleo da península de Aspheron — a mais notável do mundo — se embarcava petróleo e gasolina no valor de 20.000.000 de dólares por ano, antes da guerra.

Petróleo suficiente para conquistar toda Rússia, Índia e Ásia Menor. Petróleo suficiente para estender a hegemonia de Hitler sobre toda Europa e Ásia — talvez, mesmo, a América.

E não só petróleo, senão outras fabulosas riquezas naturais: meio milhão de manganez por ano. Carvão, cobre, prata, ferro, cobalto, enxofre, mercúrio, nafta, chumbo, zinco e sal de rocha. Grandes extensões de bosques com madeiras de construção. Magníficos artigos de lã e veludos. Vastos campos de trigo, algodão e tabaco.

Tal é a riqueza deste país estranho. O Cáucaso mesmo é uma ponte de terra no extremo sudeste da Europa entre o mar Negro e o Cáspio. Cerca as repúblicas autônomas de Kalmik, Dagstan, Armênia, Geórgia e Azerbaijão.

Nesta terra-ponte habita uma população poliglota de 45 povos antigos e estranhos: uma tenda de curiosidade ra-

CAUCASO — O GRANDE SONHO DOS AVENTUREIROS DA HISTÓRIA — OS TRINTA MILHÕES DE TONELADAS DE PETRÓLEO POR ANO, QUE FARIAM DE HITLER O DONO DO MUNDO — OS CAUCASIANOS SE NEGARAM A ACEITAR A PROPAGANDA NACIONALISTA DE HITLER E ESCORAÇARAM A QUINTA-COLUNA

ciais como não existe outra em parte alguma: calmucos, georgianos, tártaros, moldavos, armênios, judeus, gregos, cossacos, russos, tchecos, lesgianos, kabardino-balkarianos.

É um país selvagem e sombrio, erigido de picos montanhosos, bosques, precipícios abismos, regiões glaciais e planaltos inexplorados.

O setor central do Cáucaso é um vasto espinhaço de montanhas: 700 milhas de largura com uma área de 12.000 milhas quadradas. Altas crestas nevadas se elevam sobre vales profundos e longitudinais. Violentas correntes torrenciais e rios correm a desembocar nos mares Cáspio e Negro.

O principal caminho do Cáucaso é a estrada militar georgiana. Esta estrada — uma brilhante façanha de engenharia — foi construída no reinado da Imperatriz Catarina pelo general Potemkin e é um caminho de ferradura em uma ampla via para fins militares. Antes de 1920, esta estrada estava infestada de bandidos que desciam das montanhas para saquear e assassinar os viajantes e as caravanas.

Hoje, para os fins da guerra moderna, a estrada militar georgiana se apresenta como um caminho sem pavimentação, curvas violentas, que serpenteiam sobre abismos, e está intransitável durante a maior parte do inverno.

Há duas principais linhas de estrada de ferro: a do norte ao largo do Cáspio, desde Bakú até Petrovsky, e a de terra-a-dentro pelo Noroeste até o mar de Azov. Um ramal liga a linha principal com Novorossisk no Mar Negro.

A linha do Sul liga a Bakú no mar Cáspio com Batum no mar Negro.

Durante gerações, a rota clássica de invasão foi a estrada que conduz à porta do Cáspio; hoje uma estrada transitável e uma locomotiva tornam possível para Hitler escolher esta rota em seu afã de chegar às jazidas petrolíferas do Cáucaso.

Antes que a agressão nazi começasse a ameaçar a Europa, o governo soviético gastou milhões de rublos no desenvolvimento das vias de transporte no Cáucaso. Cinco novas estradas de ferro foram terminadas em 1940 para completar as principais, e se fizeram novos oleodutos para facilitar o transporte de petróleo das refinarias e ferrovias. Durante os primeiros nove meses de 1940, os soviéticos importaram 4.505 toneladas de trilhos dos Estados Unidos. As facilidades de transporte de água foram ampliadas. Foram perfurados novos poços em áreas produtivas

próximas dos centros industriais.

Estes progressos despertaram a cobiça de Hitler. Para preparar o caminho para a conquista do Cáucaso, Hitler tentou estabelecer uma quinta-coluna por meio de numerosos agentes plantados no Irã.

Para seu plano, Hitler contava com a tradicional política militar russa que, antes do governo soviético, consistia em lançar as numerosas tribus caucasianas umas contra as outras, afim de manter o controle político necessário para proteger a Rússia contra a ameaça do Sul e do Sudeste.

Hitler teria imaginado que este estado de inimizade ainda existia entre as 45 nações do Cáucaso. Mas enganou-se. O governo russo tinha seguido uma política de desenvolvimento econômico no Cáucaso no interesse de seus próprios habitantes.

Nas ruas de Tiflis — a próspera capital do petróleo — caminha gente de muitas nações. Os caucasianos teem, hoje, a sensação de que trabalham para si mesmos, e não no interesse de algum estranho financiador.

De modo similar, a irrigação do vale Ararat transformou um deserto em uma zona fértil, produtora de algodão. Em Batum, onde antes havia pântanos, se plantaram hortas frutíferas e campos de chá.

As culturas e os idiomas do Cáucaso foram estimulados por meio de aulas, festivais, excursões e competências. De novo os georgianos se orgulham de seus cantos melancólicos, suas dansas tempestuosas e seus recitativos de antigas baladas.

Não é de estranhar que os caucasianos se negassem a responder à propaganda separatista de Hitler. Não podiam ser persuadidos de que a desagregação e a luta intestina eram vantajosas para eles. Havendo fracassado seus agentes, só restava um caminho a Hitler: a conquista armada.

Mas os últimos acontecimentos demonstram que este sonho de conquista viu-se frustrado pela vigorosa resistência e capacidade ofensiva do exército russo, apoiado pelas forças das duas grandes democracias, o Império Britânico e os Estados Unidos!

SEMPRE À PORTA DE OUVIR
e também de dar as
Últimas?

Então ouça sempre
- o Reporter **ESSO**

A trepidação da vida moderna, a importância na existência de cada povo do que acaba de suceder a outros povos — e também o prazer de saber e contar as últimas, tudo isso põe em relevo a necessidade, que todos teem, de estarem a par, hora a hora, dos acontecimentos mundiais. Daí decorre a razão por que a Standard Oil Company of Brazil contratou o serviço telegráfico de última hora da United Press, procurando servir os seus amigos de todo o Brasil, ao ofertar-lhes o mais perfeito e exato jornal radiofônico, o já famoso REPORTER ESSO, “o primeiro a dar as últimas”.

Ouça o	
REPORTER ESSO	
através da	
RÁDIO NACIONAL	
do Rio - (980 Kcs.)	
RÁDIO RECORD	
de São Paulo - (1.000 Kcs.)	
no seguinte	8 da manhã
horário:	12,55
	19,55
	22,55
Diariamente, exceto aos domingos	

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ACONTECEU NESTA SEMANA

QUINTA-FEIRA, 14

A verdade é que Emily decepcionou a todos nós. Os leitores devem estar lembrados de Emily. Trata-se daquela senhora que segundo os médicos da Inglaterra, brindaria o mundo com uma robusta coleção de cinco pimpolhos. Emily era uma modesta criatura da cidade de Culham, que, de uma hora para outra, transformou-se na primeira celebridade da cidade. Mas agora esta celebridade está comprometida. Os médicos garantiram em nome dos seus saberes e de suas ciências que Emily teria cinco filhos. Mas Emily é mulher, isto é, alguém que está acima dos saberes e das ciências. Emily disse que ia desmentir a ciência, e consolava o seu aflito marido com palavras assim, pouco douradas mas muito femininas:

— Não se preocupe, meu bem. Quem vai ter os filhos sou eu. E eu tenho quantos quizer.

E Emily só teve três. Debalde os médicos, debruçados sobre sua cama, debalde os repórteres, os dedos suspensos sobre as máquinas, debalde esperaram pelos outros dois filhos de Emily. Emily sorria estendida nos lençóis alvos e dizia que os outros dois ficariam para outra ocasião.

Mas em compensação, no

distante Senegal, sem alarde nem publicidade, uma elegante senhora do povoado de Salde, acaba de realizar a façanha que Mary prometeu mas não cumpriu. A senhora de Salde é casada com um cavalheiro cujo divertimento consiste em caçar tigres e elefantes, para vender aos estrangeiros o marfim e as peles. O marido da senhora pouco fica em casa. Mas quando está ao lado de sua fiel esposa, esquece por completo os tigres e os elefantes. Gestos assim, tão amáveis e raros neste mundo de ódio, acabaram por comover a senhora de Salde, que resolveu fazer uma surpresa ao marido. Qual a surpresa melhor que uma esposa pode dar ao seu marido? Naturalmente que um filho. Mas no Senegal, naturalmente por causa do sol, as mulheres são mais ou menos explosivas. E em vez de um filho, a senhora de Salde teve cinco, duas meninas e três meninos.

E' fácil deduzir do espanto do cavalheiro ao entrar em casa, com dois tigres mortos debaixo do braço e um elefante atrás, amarrado no cavalo. O cavalheiro entra no quarto de sua esposa e contempla a cena, edificante pela própria natureza.

— Todos meus?

— Sim, meu bem. Todos seus. Desculpe-me se não pude lhe fazer uma surpresa maior.

Assim é no Senegal, Emily Woodley.

SABADO, 16

O almirante von Stuepnagel, governador alemão da França ocupada, tem uma amante, uma elegante fraulein de cabelos louros e olhos azues. A fraulein do almirante é uma senhora mais ou menos granfina. Trouxe certos hábitos de sua gloriosa pátria, hábitos aliás que atualmente não podem ser repetidos em Berlim ou no interior do Reich. Um dos hábitos da fraulein é tomar banho de leite. Ela manda encher uma banheira inteira com leite, leite puro de vaca, e fica mergulhada dentro, pensando nas doçuras da vida e inventando coisa agradáveis para von Stuepnagel. Isso é muito lógico e até artístico, mas no caso de que houvesse muito leite no mundo. Mas, em Paris, atualmente leite é ombro de cobra. As crianças morrem diariamente de fome. Não há leite para ninguém, nem para os doentes nem para os velhos. Só há leite para a amante do almirante. E o que mais irrita é que a fraulein não bebe o leite de sua banheira. Prefere mergulhar

nele e inutilizá-lo, pois que ninguém vai provar tal leite, cheiro das intimidades de uma senhora.

Os parisienses, sempre cultos, já apelidaram a amante do general de Cleopatra. "Nossas crianças estão morrendo de fome", dizem eles. "E, no entanto, Cleopatra, toma banho de leite todos os dias".

Nossa opinião é que Cleopatra, isto é, a fraulein do almirante, vai acabar mal se continuar nessa mania. Apesar das suas reconhecidas vitaminas, leite em abundância estraga a saúde.

TERÇA-FEIRA, 19

O sr. Heydrich chegou a Paris. Heydrich ficou famoso há pouco tempo, pelas suas atividades na Tchecoslováquia. Foi ele quem conseguiu bater o "record" de todos os carrascos do mundo e da história, pois enforcou uma média de cinquenta pessoas por dia. Foi Heydrich quem descobriu também o método do enforcamento em massa, de grande efeito pitoresco. Ele pega, vamos dizer trinta "judeus", faz um laço grande e manda que atléticos rapazes da S. S. puxem as duas pontas dos laços. As vítimas saltam gritinhos e morrem, depois.

Agora em Paris, naturalmente, Heydrich continuará

a sua já gloriosa carreira. Centenas de pescos parisienses, pescos de maldades, de operários e de todos esses temerosos patriotas e degaustistas, são prato especial para o apetite de Heydrich.

E assim vai Paris: Cleopatra toma banho de leite, o almirante beija Cleopatra e Heydrich enforca "judeus" e "comunistas". É lógico que quando morrerem, os três vão direitinho para o inferno, segundo a Igreja. Pior para eles, pois se fossem para o Purgatório, estariam salvos. Salvos? Pois é. Agora, quem estiver no Purgatório pode se considerar livre. Isto foi o que resolveu o Papa Pio XII concedendo indulgência plenária para as almas do Purgatório. Não se sabe o que o Papa escutou de Deus ou da administração oficial do Purgatório. É possível que aquele estabelecimento, superlotado e com inúmeras aquisições que tem feito ultimamente, já não possa hospedar com conforto e higiene os seus exigentes hóspedes. Associemo-nos à dúvida de Sua Santidade o Papa: Aumentar a casa ou despedir alguns hóspedes? Sua Santidade resolveu despedir alguns hóspedes, naturalmente imaginando, com muita sabedoria, que aumentar o hotel é atrair turistas.

OS ARTISTAS INGLESES DESAFIAM HITLER

O público carioca ainda está lembrado do sucesso que alcançou, recentemente, a Exposição de desenhos das crianças inglesas, que entre nós foi patrocinada pelo Ministério da Educação, Museu de Belas Artes e várias agremiações artísticas desta capital.

No próximo dia 26, o Rio terá mais uma oportunidade de admirar originais da arte inglesa contemporânea, através de uma grande exposição de gravuras. A mostra será mais uma vez patrocinada pelo Museu de Belas Artes bem como pela Sociedade de Cultura Inglesa. Várias salas daquele Museu encher-se-ão das gravuras britânicas. A Exposição continuará por todo o presente mês e durante todo junho.

UM SÉCULO NA VIDA DA GRAVURA INGLESA

Através os quadros da Exposição de Gravuras Britânicas Contemporâneas, poderemos agulatar, num relance, até que grau chegou, na Grã Bretanha, o desenvolvimento da gravura nas suas diversas modalidades. Os 240 quadros que serão expostos, são o resultado de uma cuidadosa seleção, quer entre os jovens artistas ingleses da geração presente, quer entre os mestres já consagrados, entre os quais se contam nomes conhecidos no mundo inteiro, como Seymour, Haden e Whistler.

Partindo do início da arte da gravura na Inglaterra,

O QUE É A EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS BRITÂNICAS CONTEMPORÂNEAS A SER INAUGURADA, NO PRÓXIMO DIA 19, NO MUSEU DE BELAS ARTES — DUZENTOS E QUARENTA QUADROS, RESULTADO DAS MAIS VARIADAS TÉCNICAS — A XILOGRAFIA DE ONTEM E O "BOIS" DE HOJE — O SEGREDO DA VARIEDADE DE UMA EXPOSIÇÃO — AS BOMBAS DE GOERING NÃO FECHARAM AS PORTAS DOS MUSEUS E EXPOSIÇÕES LONDRINOS — ALGUNS CONCEITOS DE CAMPBELL DODGSON

quando os artistas se limitavam a reproduzir, nas suas águas-fortes e "ponta-seca", os quadros célebres dos grandes pintores mundiais, a Exposição nos leva até a presença dos artistas contemporâneos, todos de uma interpretação original, onde a imaginação lírica e ao mesmo tempo real do novo homem criador da Grã Bretanha se extravasa pelas centenas de gravura a buril, "águas-fortes", litografias, "linocuts", xilografias, etc.

SHANNON, WHISTLER E A LITOGRAFIA

A exposição de Gravuras Britânicas Contemporâneas nos permite, portanto, tomar conhecimento do grande caminho percorrido pelos artistas ingleses desde 1850, marco inicial do renascimento da gravura original, até nossos dias. Nessa etapa de tempo, todas as experiências foram tentadas, todo um aperfeiçoamento foi desenvolvido. Charles Shannon, pelos fins do século passado, continuando a obra que fora iniciada anos antes, dá um novo impulso, vigoroso e quase genial, à litografia, no que foi acompanhado por Whistler e vários

outros artistas já famosos. Todos eles nos deixaram obras magníficas, que poderão ser admiradas no original na Exposição do dia 19.

A GRAVURA EM MADEIRA

Também a gravura em madeira, na Grã Bretanha, conheceu, logo depois da guerra de 14-18, um período de franco florescimento. A xilografia, que caíra em desuso, foi substituída pela nova técnica, e todos os jovens artistas ingleses, ansiosos de novos rumos, se dedicaram com entusiasmo ao "bois". A nova maneira passou a ser ensinada nas escolas de arte e foram fundadas em Londres várias sociedades de gravadores em madeira, que celebravam suas exposições simultaneamente.

Todas essas técnicas adquiridas com o correr do tempo, é que hoje contribuem para a maravilhosa variedade da Exposição de Gravuras. Até bem pouco tempo, há vinte anos atrás, uma mostra tão variada não seria possível, segundo afirma Campbell Dodgson, conhecido crítico de arte

inglês, pois a gravura seguia apenas poucos e acanhados caminhos, não se permitindo a ousadia de experiências e tentativas novas. Também, afirma Dodgson, o mesmo acontece no que se refere ao assunto ou tema escolhido. "Muitos gravadores de água-forte, incluindo alguns dos técnicos mais destacados, conservam a sua predileção pela paisagem e temas arquitetônicos, seguindo aliás a opinião geral dos gravadores desde há uns oitenta anos que começou o renascimento moderno da gravura. Por fortuna houve por outro lado, durante os últimos anos, uma tendência marcada para regressar à representação do corpo humano e ao retrato do natural. Os gravadores britânicos contemporâneos sofreram com menos intensidade do que os pintores a influência de certas correntes européias, como o futurismo, o cubismo e o surrealismo. É sintomático do nosso país que os gravadores adeptos dessas concepções tenham sabido recuar a liberdade de eleição do tema com uma técnica perfeitamente sã e que ao apertar-se da

tradição não tenham caído na tentação de ser desafiados".

DESAFIAM HITLER

Os artistas da Grã Bretanha desafiam Hitler. O nazismo não conseguiu sufocar, com sua guerra, a veia artística dos ingleses, sua imaginação e seu gênio criador. Hoje, a Inglaterra conta com algumas sociedades importantes, abrangendo no seu seio os artistas mais significativos da nova geração artística inglesa. Poderemos citar, por exemplo, a respeito da gravura, a "The Graver-Printers in Colour" e a "Royal Society of Painter-Etchers and Engravers", todas com vida ativa e cujas iniciativas e finalidades não se deixaram perturbar ou desvirtuar pela guerra bárbara que Hitler desencadeou sobre o povo britânico e sobre o mundo inteiro.

A Exposição de Gravuras Britânicas Contemporâneas, que esta capital admirará a partir do dia 19, é, portanto, um resumo das mais atividades artísticas da Grã Bretanha no que diz respeito à gravura, suas diversas modalidades, estilos e técnicas.

E, por outro lado, no seu percurso pelos países livres do mundo, representa ela também mais uma mensagem heroica e grandiosa da Grã Bretanha, que luta pela sobrevivência da inteligência e da cultura, numa guerra incômoda pela sua brutalidade, mas cujo resultado final, a vitória das democracias, já não pode mais ser discutido.

SYLVIO ROMERO NA INTIMIDADE

Sylvio Romero casou três vezes. Foi pai de vinte e três filhos. O seu feitio de homem simples, dentro de um paletó de brim, e chapéu de palha à cabeça, não lhe dava ares de literato. Na rua, conversava com todo o mundo. Gostava de perguntar. E assim falava longamente com a gente do povo.

Essa mania quasi de repor-

teratura Brasileira, em cinco volumes.

O HOMEM DENTRO DE CASA

Era madrugador. Levantava-se sempre antes dos outros. E se punha a discursar em voz alta, para acordar filhos e noras, que moravam com ele. Ou então dizia em tom de recitativo:

nunca se irritou. Chamava a esposa e dizia:

— Moça, estão maltratando as crianças.

Ou então:

— A coitadinha está chorando. Veja o que ela tem, sim.

Na hora do almoço, Sylvio Romero escrevera nada mais nada menos que trinta laudas de almaso.

O LEITOR INFATIGÁVEL

Lia em toda a parte. Na rua, no bonde, no trem, na barca. Sylvio Romero lia até nos exames. E' conhecida a anedota do inspetor que lhe chamou a atenção por estar lendo enquanto os seus alunos cotavam.

Sylvio, em casa, lia deitado na rede ou no sofá. Ou na cadeira de balanço, com as pernas cruzadas, à maneira dos chineses. Os seus livros estão cheios de notas interessantes. Anotava a lapis. E às vezes resumia o que lera nas folhas de guarda do volume.

Há anotações curiosas, de aprovação ou desaprovção, como por exemplo: "Muito bem", "Burrice", "Isto está certo", "Não concordo", "Este sujeito é mesmo um animal". Os resumos são sempre eruditos. Num volume de "Direito Penal", encontrei toda uma critica sobre as idéias de Tard.

Quando lia ou escrevia, de quando em vez, Sylvio soltava gargalhadas retumbantes:

— Mas este camarada não sabe nada!

Escrevendo os seus artigos de polémica, parecia que estava a conversar com o adversário. Edgar Romero o surpreendeu, quando respondia a Manoel Bomfim. Sylvio interrompia o trabalho e exclamava:

— Fica quieto, rapaz!

E continuando a escrever:

— Estás vendo, Manoelzinho, como não tens razão?

SEMPRE DE BOM HUMOR

As polémicas jamais azedaram o seu bom humor, dentro de casa. Não tinha rancores. Era homem que topava parada mas em geral não gostava de procurar briga.

Certa vez, chegou às gargalhadas, com um jornal na mão:

— Me chamaram de burro no Rio Grande do Sul... Me chamaram de burro no Rio Grande do Sul...

Era um número de "A Federação", o jornal de Julio de Castilhos. E Sylvio mostrava a todos a descomponenda da "Jararaca" em cima dos seus artigos contra o que ele chamava o "castilhismo positivode".

Na sua casa, recebia todos os literatos novos do Norte, principalmente os que vinham de Sergipe e que não eram poucos. Sylvio os acolhia sempre com simpatia. E assim foi desde João Ribeiro até Hermes Fontes. Ouvia os sonetos dos rapazes sempre de

(REMINISCÊNCIAS DE EDGAR E NELSON ROMERO, RECOLHIDAS POR FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA)

boa vontade. Até mesmo doente, quando Mario Gameiro procurou para mostrar-lhe um longo estudo sobre Tobias Barreto, o mestre dizia, como que para enganar a dispnéia e a inchação das pernas, que

não admitia castiçal. E quando tinha que ir a enterros, sempre a contragosto, trocava imediatamente a roupa ao voltar, deixando-a num canto. Nunca mais usava o terno do enterro.



Uma das ultimas fotos de Sylvio Romero

não lhe permitiam uma atenção maior:

— Lê tudo, Gametrinho. Lê tudo. Não pule nada não.

AS EXQUISITICES DO ESCRITOR

Sylvio Romero tinha lá as suas exquisites, como todos nós. Tinha medo de morrer. No fim da vida, o pavor aumentou. Na sua casa, não se abriam mais as janelas.

— Janelas abertas fazem bem à saúde, dr. Sylvio — dizia-lhe a nora, esposa de Edgar Romero.

— Nada, minha senhora. Isso são partes de Europa...

Reclamava contra a doença. Resmungava, em sinal de protesto:

— Não sou doente calado, não.

Quando tossia, debochava dele próprio:

— Tal qual "Eolo", tal qual "Eolo".

("Eolo" era o nome de um cachorro que pertencia à srta. Amelia de Freitas Bevilacqua).

Uma das exquisites características de Sylvio Romero era, como já disse, o pavor da morte. No seu criado mudo,

E mais: não gostava de ler livros de autores seus conhecidos e já falecidos.

OS QUATRO EVANGELISTAS

Sylvio Romero morou em todos os bairros do Rio de Janeiro. Morou algum tempo em Niterói. E gostava de passar meses e meses em Minas, fugindo do calor e da carestia da vida. Mas se mudava muito de casa, não mudava nada de amigos. Sabia ser amigo de seus amigos. Era homem de muita amizade. Além dos Quatro Evangelistas — Artur Orlando, Clóvis Bevilacqua, Francisco Alves e Artur Guimarães — foram seus íntimos: Barão de Tautphoeus, Aluizio e Artur Azevedo, João Ribeiro, Lauro Muller, Euclides da Cunha, Joaquim Murtinho e muitos outros.

Recebia muitas visitas, que se prolongavam às vezes até meia noite. Eram assim as do velho desembargador Souza Pitanga ou as de José Geraldo Bezerra de Menezes, quando Sylvio morou em Gragoatá. E ele, mesmo não gostava de

(Continua na pág. 33)

Nelson,
Saúde. Recebe
com a maior urgência,
dia, que Sr. Toms
as precias mudas
das para atires
colchas e lençóis
e o Dr. Vico. Diga
me o que ha de
fazer de maneira
parte e pouca de
em actividade.
O Oswald de estudo
No Gymnasio de S. Paulo

To, se S. Paulo, por
conta do livro de Francisco
Alves. Poderia
continuar com o meu
me systema de ensino
de S. Paulo. E preciso falar com
elle. O Dr. Vico está
dado gratamente.
Responda e active
tudo isto. De seu
pai e amigo

Sylvio Romero
(5-714.)

"Fac-simile" de uma carta de Sylvio Romero

ter-amador permitiu que Sylvio Romero recolhesse directamente da tradição oral os cantos e contos populares brasileiros, que mais tarde reuniu em volume. Sabia de cor não só os versos como a melodia das cantigas do Norte. E por isso mesmo pôde transmitir um grande número delas ao maestro Alberto Nepomuceno. Nesse particular, a sua memória era de assombrar.

Sobre Sylvio Romero há muita coisa que escrever. Vou alinhar aqui algumas reminiscências interessantes através Edgar e Nelson Romero. E' uma espécie de comemoração do próximo aparecimento da História da Li-

Raposa que dorme não apanha galinha. Deitar e acordar cedo dá saúde, contentamento e dinheiro. Aquele que acorda tarde agita-se o resto do dia e quando quer começar o trabalho chega a noite. São conselhos do bom homem Ricardo, de Benjamim Franklin.

Batia na porta das noras: — Senhora! Quero ver meu netinho.

Assim o dia começava para Sylvio Romero. Depois da primeira refeição, punha-se a trabalhar. Escrevia todas as manhãs laudas e laudas de papel almaso, com uma letra enorme e escarrapachada.

O barulho o incomodava. Mas com choro de criança

CRONICA ECONOMICA

PERIGOS DA INFLAÇÃO

THEOPHILO DE ANDRADE

A primeira manifestação da guerra, no terreno financeiro, é a inflação. O Estado, para atender às despesas decorrentes da mobilização e da própria guerra, aumenta os impostos, promove a assinatura de empréstimos patrióticos, impõe empréstimos forçados aos Bancos, Caixas Econômicas e Empresas de Seguro, e, quando tudo isso não basta — o que sempre acontece — aumenta a circulação do papel-moeda, por meio de novas emissões. A sangria imposta por um lado à economia particular e o aumento do meio circulante — seja através do papel-moeda, de curso forçado, seja através dos títulos de empréstimos — produz um desequilíbrio entre o meio circulante e a riqueza circulante. A consequência natural de tal desequilíbrio é a majoração progressiva e rápida dos preços, processo esse conhecido sob o nome de inflação.

E' um fenômeno historicamente conhecido, já verificado repetidas vezes. Nunca, porém, teve a extensão da constatada na Grande Guerra, não só nos países vencidos — quando assumiu caráter alarmante e chegou mesmo a destruir a pequena burguesia — mas também nos países vencedores, como a França, a Bélgica e a Itália, que, só depois de 1926, conseguiram regularizar as suas finanças, a preço de quebra dos respectivos padrões monetários.

Aquele exemplo está bem presente à memória dos estadistas que hoje dirigem os destinos dos povos. Daí, a série de medidas minuciosas tomadas com a finalidade de evitar que se repita agora o que aconteceu há 20 anos passados, sobretudo tendo-se em conta que a situação é mais grave, de vez que a guerra moderna exige muito mais do Estado do que a antiga.

A questão está sendo posta em equação, de uma maneira muito viva, nos Estados Unidos. A política financeira do Presidente Roosevelt caracteriza-se, exatamente, pelo fato de, por um lado, emitir bilhões para a construção da máquina de guerra americana e, pelo outro, evitar que esses bilhões tragam consigo o fenômeno inflacionista. A produção está controlada e com ela os preços. E' preciso, a todo custo, evitar a alta acelerada das cotações.

O quadro é simples. Milhões de desempregados estão outra vez entrozados na grande máquina da produção nacional. Os salários estão elevados. A renda nacional cresceu extraordinariamente. Todo o

mundo ganha. Mas... tem pouco em que gastar.

Os Estados Unidos são o país onde o povo se habituou a uma série de inovações, de invenções pequenas, de aparelhos secundários, que dão muito conforto e que absorvem grande parte da renda do cidadão médio. Todo americano, além da aspiração, realizada ou a realizar, do automovel, tem uma geladeira, um aspirador de pó, um rádio, uma máquina fotográfica, uma máquina de lavar roupa automática, uma torradeira elétrica, um relógio-pulseira, um ferro elétrico, uma enceradeira, etc. Isso consome grande percentagem da renda do americano médio ou pequeno.

Milhões há que, devido à falta de trabalho, não podiam ter esses objetos, quase inúteis, mas que dão muito conforto. Agora, porém, ganhando bem nas indústrias de guerra, estão naturalmente pensando em instalar-se de maneira mais confortável, à custa daquelas preciosas invenções. E os que já as possuíam, pensam, naturalmente em renová-las.

Acontece, porém, que toda a matéria prima disponível foi encaminhada para as fábricas de armas e munições. Não há mais com que fazer aqueles aparelhos que fabricam o conforto moderno. Por outro lado, os próprios alimentos começam a ser racionados. Já há racionamento de açúcar e de chá e, é provável que outros sejam decretados. Que irão fazer, então o operário e o empregado, com o dinheiro do salário? Não tendo em que gastá-lo, vai se manifestar, fatalmente, um desequilíbrio entre o meio circulante e a riqueza circulante. E criado o desequilíbrio, os preços tenderão, necessariamente, para a alta.

A consequência a tirar de tudo isso é a de que os preços, nos Estados Unidos, terão que elevar-se, mau grado todas as disposições para a sua fixação, tomadas pelo chefe do "Office of Price Administration & Civilian Supply". Ainda assim, estamos curiosos por ver quais as medidas que o "boss" dos preços irá por em prática.

Pode ser que venham a servir-nos de exemplo, no futuro, a nós, que nenhuma medida eficiente tomamos ainda, contra a elevação especulativa dos preços de todas as utilidades, fato que estamos vendo processar-se, com rapidez espantosa, embora sem razão suficiente, dada a ausência, entre nós, de "economia de guerra", no sentido moderno da palavra.

SECRETARIA DAS FINANÇAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

CONTAS DO EXERCÍCIO FINANCEIRO E ECONÔMICO DE 1941

Senhor Governador,

Cumprando-me apresentar a vossa excelência o balanço econômico-financeiro do Estado, referente ao exercício de 1941.

Conforme dispõe o decreto-lei federal número 2.416, as contas das Unidades Federais e dos Municípios devem ser encerradas até 30 de junho do ano subsequente àquele a que se referem; todavia — e isto constitui um índice do grau de eficiência que atingiram os serviços públicos em Minas, sob a administração de Vossa Excelência — pôde a Secretaria das Finanças levantar o balanço em menos da metade do prazo prefazido.

Os diversos quadros e esquemas, que junto se encontram, demonstram de maneira pormenorizada os variados aspectos da gestão financeira no aludido exercício.

Já foi acentuada, em relatórios dirigidos a Vossa Excelência pelo meu antecessor nesta pasta, a necessidade de se cuidar de maneira especial do balanço — peça

da mais destacada importância para o conhecimento das realizações de uma Administração, muito mais significativa do que o orçamento, ao qual comumente se dispensa a maior atenção.

Creio, por este motivo, não ser demasiado, nesta oportunidade, tecer alguns comentários à margem das atividades econômico-financeiras do Governo, no exercício em questão, bem como de fatos que, ocorridos em exercícios anteriores, tiveram reflexo na gestão financeira de 1941.

Consideremos, em primeiro lugar, a parte relativa à execução orçamentária.

RECEITA

A receita apurada em 1941 atingiu a cifra de rs. 347.744.745\$700, excedendo à de 1940 em cerca de 21 mil contos de réis.

O quadro comparativo abaixo indica a rápida ascensão havida nas rendas, a partir de 1934, quando montavam apenas a rs. 146.604.009\$200.

Receita de 1934	146.604.009\$200	
Receita de 1935	245.127.602\$300	98.523.593\$100
Receita de 1936	268.495.922\$300	121.891.913\$100
Receita de 1937	264.815.834\$800	118.211.825\$600
Receita de 1938	299.146.679\$700	152.542.670\$500
Receita de 1939	312.201.461\$100	165.597.451\$900
Receita de 1940	326.365.875\$600	179.761.866\$400
Receita de 1941	347.744.745\$700	201.140.736\$500

Examinando discriminadamente a receita orçamentária, verificamos que a TRIBUTÁRIA, relativa aos impostos e taxas, alcançou a cifra de rs. 234.832.328\$500, isto é, mais de seis mil contos acima da de 1940. E isto sem elevação de quaisquer tributações, mas, ao contrário, apesar das reduções havidas, como a do imposto de transmissão inter-vivos, que passou de 10% para 75%; a do imposto de exportação, de mais 15%; a da taxa de exploração agrícola e industrial sobre grão, tecidos e algodão.

Esse aumento das rendas decorre não somente da melhor organização do nosso sistema de lançamentos, fiscalização e coleta de tributos — serviços esses hoje orientados segundo novos processos fiscais e contábeis, que dão resultados mais eficazes.

Com referência, ainda, à renda Tributária, convém assinalar que a mesma excedeu, em cerca de 148.000 contos, à de 1934 — início do atual governo.

A RECEITA PATRIMONIAL contribuiu com a parcela de rs. 9.032.919\$900. Tal título corresponde às rendas de capitais investidos pelo Estado em ações, apólices, empréstimos municipais, etc.

A RECEITA INDUSTRIAL atingiu a soma de rs. 69.375.466\$800, ultrapassando a do exercício anterior em mais de 8 mil contos de réis.

A rubrica de RECEITAS DIVERSAS acusa o total de 10.044.822\$900, que corresponde à quota parte atribuída ao Estado de Minas Gerais relativamente à tributação federal sobre combustíveis e lubrificantes.

Sob a denominação de RECEITA EXTRAORDINÁRIA, acham-se classificadas a cobrança da Dívida Ativa, as indenizações, as reposições, as rendas de origens diversas, etc.

O total dessa rubrica alcançou

se conclue ter havido uma economia de rs. 10.497.148\$800 nas diversas verbas orçamentárias.

Resulta este fato não só das providências tomadas pelo Governo para racionalizar os gastos com os serviços públicos, como também da adoção de registro prévio da despesa empenhada, e da fiscalização e controle do consumo do material, pelo Departamento de Compras.

O total de rs. 359.832.284\$000 foi despendido pelas cinco Secretarias do Estado, como segue:

Secretaria das Finanças, inclusive o Departamento de Compras	145.574.630\$000
Secretaria da Agricultura	17.932.757\$300
Secretaria da Educação e Saúde Pública	44.303.666\$300
Secretaria da Viação e Obras Públicas	93.674.971\$900
	359.832.284\$000

Esse expressivo resultado orçamentário decorre da política financeira do Governo de Vossa Excelência, sempre orientada no sentido de incentivar a arrecadação das rendas e de comprimir as despesas públicas, sem prejuízo das iniciativas de caráter reprodutivo, que contribuem efetivamente para o desenvolvimento econômico do Estado.

BALANÇO PATRIMONIAL

O balanço patrimonial encerrou-se com um patrimônio líquido de rs. 5.288.585\$200, diferença verificada entre o total do Ativo e do Passivo.

A soma do ativo alcançou o total de 1.259.567.282\$200, verificando-se um aumento, em relação ao exercício de 1940, de cerca de 115.000 contos. Este aumento

Quanto à sua aplicação, pode ser classificada de acordo com o Padrão Federal de Balanços, em dez serviços gerais, a saber:

Administração Geral	31.543.825\$400
Execução e Fiscalização Financeira	22.835.157\$600
Serviços de Segurança Pública e Assistência Social	47.098.777\$400
Serviços de Educação Pública	42.602.465\$000
Serviços de Saúde Pública	11.237.850\$600
Fomento	12.408.206\$400
Serviços Industriais	75.743.421\$300
Serviços da Divisão Pública	66.093.014\$800
Serviços de Utilidade Pública (Administração Superior, construção e conservação de rodovias, construção e conservação de próprios públicos em geral, iluminação pública, diversos)	19.841.685\$300
Encargos Diversos (Aposentados, reformados e em disponibilidade, contribuições para previdência, indenizações por acidentes, subvenções e contratos, eventuais, etc.)	30.427.907\$200
	359.832.284\$000

RESULTADO DO EXERCÍCIO

Da comparação da despesa realizada de rs. 359.832.284\$000, com a receita arrecadada, no valor de rs. 347.744.745\$700, resulta um déficit orçamentário de rs. 12.087.538\$300.

Excluído o déficit da Rede Mineira de Viação, no valor de rs. 4.974.651\$900, fica aquele reduzido a 7.112.886\$400, isto é, menos de 2% da despesa total do Estado.

Assinalamos, com satisfação, que os esforços do Governo no sentido de sanear as finanças estaduais, mediante a eliminação gradativa dos déficits orçamentários, vem sendo, de ano para ano, animadoramente compensados, como podemos verificar pela seguinte demonstração:

Déficits	
1934	160.085.343\$900
1935	83.722.273\$200
1936	69.335.861\$800
1937	69.953.985\$500
1938	64.379.609\$000
1939	39.181.102\$700
1940	24.462.824\$200
1941	12.087.538\$300

resulta em parte da inscrição de novos bens, da atualização de valores, dos já inscritos, assim como do registro de valores mobiliários, cujo montante passou de 89.129.272\$300, em 1940 para 147.944.025\$300, em 1941.

Quanto ao passivo, merecem alguns comentários os títulos de maior relevância.

A Dívida Fundada Externa estava registrada, em 31 de dezembro de 1940, pelo valor de 67.596.673\$100. Com a incineração de títulos adquiridos pelo Estado, houve a diminuição de 9.474.866\$000, ficando, assim, reduzida a 58.121.807\$100.

A Dívida Fundada Interna, constituída pelas apólices de diversas emissões, figura no balanço

(Continua na pag. 36)

Durante o inverno, o "Senhor Supremo da Guerra", Adolf Hitler, anunciou várias vezes que os alemães só teriam que patinhar alguns meses. Na primavera, os exércitos germânicos, apoiados pela Rumania, a Hungria, a Finlândia, a Itália, a "Divisão Azul" espanhola, os diaristas franceses e por outras brigadas do fascismo internacional, se precipitaram sobre os russos e romperam a sua resistência impertinente.

HISTÓRIA IMAGINÁRIA

A primavera começa no hemisfério Norte, segundo o calendário astronômico que os nazistas adotaram, no dia 21 de março e termina no dia 21 de junho. Os dias da primavera já passaram sem que Hitler tivesse levado a cabo seu grande golpe destruidor. O mês de junho e, quanto a temperatura, em toda a Europa setentrional, já um mês de verão, mais quente do que os meses seguintes.

No ano passado, os alemães não souberam utilizar as condições naturais do mês de junho, que talvez seja a estação mais apropriada para as grandes operações militares na Europa Oriental. Muitos observadores são de opinião que esta omissão foi o primeiro erro grave dos estrategistas alemães e talvez o erro decisivo. Se os alemães tivessem começado sua ofensiva contra a Rússia no dia 22 de maio de 1941, em vez de 22 de junho, teriam tido tempo para conquistar Moscou e atingir o Volga, antes que os russos pudessem organizar sua resistência e antes que o inverno impedisse as operações de grande envergadura.

Esta é uma conjectura interessante, mas muito fragil, como todas as conjecturas históricas que pretendem reconstruir a marcha dos acontecimentos sobre suposições diferentes daquelas da realidade. Para os períodos olímpicos do passado, tais argumentos são sempre impressionantes e parecem lógicos. Pois o que se chama de "História", mesmo a História mais minuciosa e explicada, nada mais é do que uma seleção mais ou menos arbitrária de fatos e a negligência de outros, uma concentração sobre alguns fatos e motivos que o historiador escolhe a seu bel prazer no sentido de fazer compreender os grandes acontecimentos e justificar suas próprias teses.

Neste quadro voluntariamente limitado e reduzido, pode-se transformar a História numa história condicional e imaginária e afirmar: Se Napoleão tivesse começado sua campanha na Rússia mais cedo e se ele tivesse preparado melhor o apossamento de suas tropas, o Grande Exército teria conseguido a vitória.

O método não difere muito da técnica dos romances do futuro de H. G. Wells, que são baseados sobre a hipótese de que um só fator não corresponde à realidade, enquanto que os outros continuam sem mutação. É este um jogo de espírito muito atraente, mas, se se pretende aplicá-lo à História contemporânea, descobrem-se facilmente as fraquezas da construção. Não passa isso mesmo de uma deformação do mito do cartesianismo de examinar isto é, uma ficção pura e simples, mas complicada separadamente, isto é, uma ficção pura e simples.

HITLER PROCURA UM ALIBI

Ora, as ficções simplistas são sempre as excusas mais cómodas. Hitler, grande mestre da simplificação, não demorou em se servir deste método para encontrar as verdadeiras razões de seu fracasso na Rússia. Naturalmente, sendo um alito da Providência, ele não pode se atribuir o erro de ter começado, no ano passado, a guerra na Rússia muito tarde e de não ter podido, com ela, obter a vitória antes do inverno. Deus não pode cometer erros, e o Führer também não. Mas o inverno russo, o terrível frio, chegou um mês mais cedo do que de hábito, e por esta razão, por esta única razão, as forças alemãs não puderam romper a resistência russa no ano passado. Isto foi o que Hitler explicou ao povo alemão no seu último discurso no Reichstag.

A GUERRA SEM MISTERIOS

OS EXÉRCITOS DEGELOADOS

Por RICHARD LEWINSON

pecial para DIRETRIZES

A intenção é evidente: o chefe supremo político e militar do Reich quer encontrar um alibi, não somente em face das famílias de centenas de milhares de homens que ele sacrificou nos campos de batalha da Rússia, mas também diante da História. É o mesmo processo já aplicado com tanto sucesso, antes de chegar ao poder. Ateando o tratado de Versalhes — um dos slogans de sua propaganda — ele não se apoiava, como os outros críticos do tratado de paz, no argumento de que algumas cláusulas de Versalhes eram muito duras, outras mesquinhas e afilivas se se pretendia criar na Europa uma atmosfera de compreensão mútua. Os próprios nacionalistas alemães, do gênero de Hugenberg, sempre instituíram o lado moral e sentimental do tratado, sobre o famoso artigo que imputava aos alemães toda a culpabilidade da explosão da guerra, enquanto que todo o mundo sabe que a Alemanha imperial era uma nação de cordeiros pacíficos.

Hitler não perde o seu tempo com uma advocacia tão complicada. Adorador da força brutal, ele nunca esquece que o vencedor pode ditar ao vencido qualquer condição de paz. Mas, objetava ele, os alemães não foram vencidos. Foram enganados, simplesmente. Enganados por Wilson e tróidos pelos socialistas e democratas que

acreditaram nas promessas americanas e depuseram as armas fiando-se nessas promessas.

Ainda desta vez, os alemães não sofreram, segundo Hitler, o menor revés militar na Rússia. Eles continuam vencedores, como sempre. Mas o inverno russo os enganou. Ele havia prometido chegar somente em dezembro, mas chegou em novembro. É possível que existam traidores nos observatórios meteorológicos da Alemanha. Eis por que o Senhor Supremo da Guerra ainda não triunfou definitivamente.

AS MENTIRAS DE ROSTOF

Na realidade, os alemães foram favorecidos pelo tempo, na campanha da Rússia, de uma maneira extraordinária. Sua primeira ofensiva chegou, após algumas semanas de avanço rápido, nas proximidades de Leningrado, a meio caminho entre Smolensk e Moscou e diante das portas de Kiev. No dia 1.º de outubro, Hitler, furioso por não ter podido continuar com o ritmo da sua "Blitzkrieg", ordenou uma segunda ofensiva. Já era muito tarde para uma grande ação na Rússia central. Na melhor das hipóteses, os alemães podiam ainda contar com quatro semanas de tempo suportável em plena campanha. Foi na segunda metade de outubro e em novembro que o exército de Napoleão perecera de frio sob a

neve. Em 1941, o inverno russo chegou tão tarde que os alemães podiam ainda operar no início de dezembro ao norte de Moscou, com um exército que, segundo o rádio de Roma, contava com 1.500.000 homens e 8.000 tanks, "na ofensiva a mais terrível de todos os tempos".

O golpe decisivo, que deu à campanha da Rússia um novo curso, não teve lugar na região do grande frio, mas ao sul, em Rostof, perto do mar de Azov. Foi lá que as forças do marechal Timoshenko derrotaram, no dia 29 de novembro, por uma manobra de surpresa, as "panzerdivisões" do marechal von Kleist. Rostof tem um clima moderado, e nesta época do ano ainda não há lá notícias de inverno. O Alto Comando alemão, com efeito, não sonhava em explicar este fracasso por causa do frio. A explicação da queda de Rostof foi explicada num comunicado que, pelo seu tom orgulhoso e vingativo, figura entre os documentos mais abomináveis desta guerra: "As tropas de ocupação de Rostof, obedecendo ordens, retiraram-se da parte central da cidade para preparar, da maneira mais eficaz, medidas necessárias contra a população que contrariamente ao direito internacional, participa da luta, na retaguarda das tropas alemãs".

A derrota das forças alemãs

FALHAS NA ORGANIZAÇÃO ALEMÃ

A batalha de Rostof teve para a campanha da Rússia uma importância comparável à batalha do Marne, em setembro de 1914. As tropas que o Alto Comando alemão enviou com tanta urgência para o Sul, para defender a retirada e ocupar a base petrolífera do Donetz, fracassou nas outras frentes. A ação de Moscou foi paralisada. O recuo alemão se propagou do extremo Sul até o Norte, até Leningrado. A grande "ofensiva final", que Hitler havia anunciado nos últimos de outubro, com tanto "aplomb", fracassou.

Após esta derrota, puramente militar, e não antes, "o general Inverno" entrava em ação e começou a costurar os heligerantes com 30 e 40 graus abaixo de zero. Mas não se pode acreditar que o frio reinasse apenas do lado alemão, enquanto que o céu "abricava" para os russos um clima especial, particularmente moço e agradável. O gelo e a neve eram, certamente, iguais dos dois lados. Entretanto, as ações incessantes e vitoriosas dos russos provaram que se pode fazer a guerra motorizada na Rússia também em pleno inverno.

Não se deve acreditar mais que os russos são, por natureza, mais resistentes ao frio do que os outros povos. Eles não são todos sibírianos. Se faz frio, também eles o sentem.

A inferioridade das tropas alemãs durante a campanha de inverno se justifica, em primeiro lugar, como consequência de graves falhas de organização militar e econômica alemã. Continuando no sucesso de uma Blitzkrieg que devia terminar o mais tarde em outubro de 1941, Hitler nada preparou para uma rude campanha de inverno. Os soldados nazistas estavam muito menos equipados do que os soldados do Kaiser durante a outra guerra. Não dispunha de cobertores, nem de botas de feltro, nem mesmo de boas luvas forradas. Pior ainda era a falta de proteção do material. Os aparelhos de precisão não funcionavam sob o frio terrível, e sobretudo o petróleo sintético se tornava inutilizável a 25º graus. Os tanks alemães se tornavam, assim, imobilizáveis, enquanto que os tanks russos podiam agir.

Tudo isso era de se prever, mas não foi previsto. Os soldados alemães se queixavam amargamente desta negligência, e seus parentes no interior ainda mais. Pela primeira vez, um espírito de derrotismo se espalhou por todo o Reich. Hitler não podia opor a estes planos outra coisa senão ameaças vagas e promessas. Os descontentes serão fuzilados em massa, e os soldados no front russo estarão melhor equipados no próximo inverno russo.

MOBILIZAÇÃO DE CONCIÊNCIAS

ASTROJILDO PEREIRA

Devemos insistir na afirmação de que se torna cada vez mais necessário combater palmo a palmo as manifestações e os resíduos de certa mentalidade fascista ou pró-fascista existente entre nós — mesmo em tais ou quais círculos ditos anti-fascistas, mesmo na cabeça de algumas pessoas sinceramente anti-fascistas. Sem dúvida, o perigo mais imediato que defrontamos está no quinta-colunismo organizado e militante, isto é, na ação prática e concreta dos agentes estrangeiros e nacionais do nazi-nipo-fascismo. Mas, por outro lado, quando existe a firme determinação de o combater, pode-se dizer que é relativamente fácil identificar, localizar e destruir este perigo imediato — por isso mesmo que ele age concretamente, ao alcance também concreto e imediato da repressão. Ao passo que muito mais difícil vem a ser dismantelar a rede sutil e impalpável que informa a mentalidade filo-fascista, a qual, no entanto, se não oferece perigo imediato, é na realidade muito mais temível — inclusive pelo fato de impedir ou amortecer a repressão contra o quinta-colunismo em ação. Nem adiantará nada bater e liquidar aquilo que é visível nas maquinacões do inimigo, se vamos deixar intacto aquilo que é invisível a olho nu, mas que está no ar, insidioso e tenaz, a envenenar-nos o pensamento e os sentimentos.

Há mil meios e modos, que as circunstâncias nos apresentam a cada momento, de dar combate à mentalidade filo-fascista. Mas, de toda a evidência, essa tarefa cabe em primeiro lugar aos homens cuja voz, pela posição que ocupam ou pela profissão que exercem, possui maiores possibilidades de influenciar a opinião pública. Exemplo admirável, neste sentido, é o que nos proporcionou, um destes dias, o general Manoel Rabelo, eminente ministro do Supremo Tribunal Militar, no voto que proferiu em certo processo ali julgado. Tratava-se de um caso em que se tornou patente a interferência de preconceitos raciais como um dos motivos determinantes da quebra. Abordando este aspecto da questão, o general Rabelo pronunciou-se de modo claro, firme e irresponsável: "É bem difícil que al-

guem no Brasil possa afirmar, com absoluta certeza, que nas suas veias só corre o sangue "puro", ariano, — que aliás não existe, assim dizem, nem mesmo nas veias de um alemão — e que não seja um mestiço de mais ou menos remoto cruzamento. Não há país em que o preconceito de cor seja mais absurdo e injustificável que o nosso. É um imperativo histórico e não há motivo para nos aborrecer e envergonhar dessa fatalidade, que decorre de circunstâncias que presidiram a formação da nossa nacionalidade. Ao demais, os resultados não foram assim tão maus".

Eis como, aproveitando-se com clarividência de um caso submetido ao seu julgamento, ponde o general Rabelo dar-nos o modelo da melhor maneira de combater a mentalidade filo-fascista. O modelo, evidentemente, pode ser aplicado a casos mais diversos, nos quais apareça, de algum modo, qualquer manifestação de tendência fascista ou fascizante: o estupidíssimo preconceito de raça, o horror aos processos democráticos de livre discussão, o princípio da disciplina passiva e mecânica, o desdém pelos sistemas representativos de governo, o fanatismo pelos mitos individuais e coletivos, etc., etc., etc.

Todos os homens que podem mais diretamente influenciar a opinião pública do país — magistrados, professores, cientistas, escritores, poetas, jornalistas, artistas, médicos, advogados, todos enfim que dispõem profissionalmente de meios mais amplos de comunicação com o grande público — deviam e devem aproveitar cada oportunidade que lhes ofereça o ensino de contribuírem com a palavra para a destruição e a extirpação dos germes maléficos da ideologia fascista. Deviam e devem todos considerar-se combatentes ativos e vigilantes da frente ideológica, sobre cujos ombros pesam responsabilidades que, afinal de contas, não são menores do que aquelas que pesam sobre os ombros dos combatentes da frente militar. Estamos na era da guerra total, em que a mobilização das consciências não é menos importante que a mobilização das forças propriamente militares.

MOVEIS

E DECORAÇÕES

GOSTO INCONFUNDIVEL
PREÇOS MÓDICOS

Casa ANGLO-BRASILEIRA

SUCESSORA DE

MAPPIN STORES

PRAIA DE BOTAFOGO, 369

Apelidos agradáveis e desagradáveis — O Estômago, estrada real da fortuna ilícita — Uma ampla brecha nas defesas contra os falsificadores — DIRETRIZES inicia uma campanha contra os crimes de falsificação de gêneros alimentícios e bebidas, crimes esses que não só debilitam a saúde pública, como atentam contra a economia popular e atrasam o desenvolvimento industrial do país. — Reportagem de ARTHUR M. PORTO.

As bebidas falsificadas no Brasil da



O fiscal surpreende em flagrante um comprador no momento em que se preparava para carregar algumas garrafas de bebidas falsificadas

SÃO PAULO orgulha-se de muitas coisas e com justa razão. Ali se concentra o maior parque industrial da América Latina. Ali se erguem os maiores arranha-céus do país. Ali desabrocham bairros inteiros do dia para a noite. Dali saem quase 70% das rendas da União. Em São Paulo nasceu o maior pintor do Brasil, um dos mais notáveis da América. Em São Paulo eclodiu o movimento cultural moderno que veio libertar a literatura e a arte brasileiras da influência estrangeira. A esses títulos muitos outros poderíamos acrescentar, inclusive o de que São Paulo é uma das cidades mais bem policiadas do mundo. Entretanto, ao lado dos títulos de "Metrópole dos Arranha-Céus", "Paraíso do Ouro Verde", São Paulo também é chamada a "Canaan dos Falsificadores".

"Canaan dos Falsificadores"? Por que? Então São Paulo não é uma cidade de policiamento modelar? Como se explica essa contradição? E' que, leitor, assim como a miséria floresce ao lado da riqueza, o crime se expande paralelamente à lei. Não existe a pena de morte nos Estados Unidos? Em compensação ali nasceram os "gangsters". São Paulo também não conseguiu fugir à fatalidade dessa lei. E para isso muitas circunstâncias concorreram, algumas das quais iremos examinar aqui, pois elas nos conduzirão aos motivos que deram origem ao desagradável apelido de "Canaan dos Falsificadores".

O ESTOMAGO — ESTRADA REAL DA FORTUNA ILÍCITA

Quase quatro séculos depois das suaves peregrinações ao padre Anchieta pelas praias de S. Vicente é que se iniciou a verdadeira arrancada do progresso paulista. Poucos anos antes do início do século XX começaram a afluir para São Paulo milhares e milhares de imigrantes. Não só levas de brasileiros de outros Estados partiam para a miraculosa Paulicéia à procura de fortuna, como centenas de milhares de estrangeiros de todas as origens eram anualmente despejados no porto de Santos. A fama da fertilidade da terra paulista e da operosidade e sentimento hospitaleiro de seus filhos, espalhou-se pelos quatro cantos da terra. Assim, pouco depois do ano de 1900, São Paulo já

surgia como uma grande metrópole, um centro de população densa e cosmopolita, um grande Estado agrícola que rapidamente se encaminhava para as vias da emancipação industrial.

Mas — e aí surge a fatalidade da lei a que aludimos — ao lado dos que para aqui vieram com o sincero desejo de ganhar honestamente sua vida, vieram também os aventureiros de toda espécie, homens para quem o trabalho honesto é o maior obstáculo no caminho da fortuna.

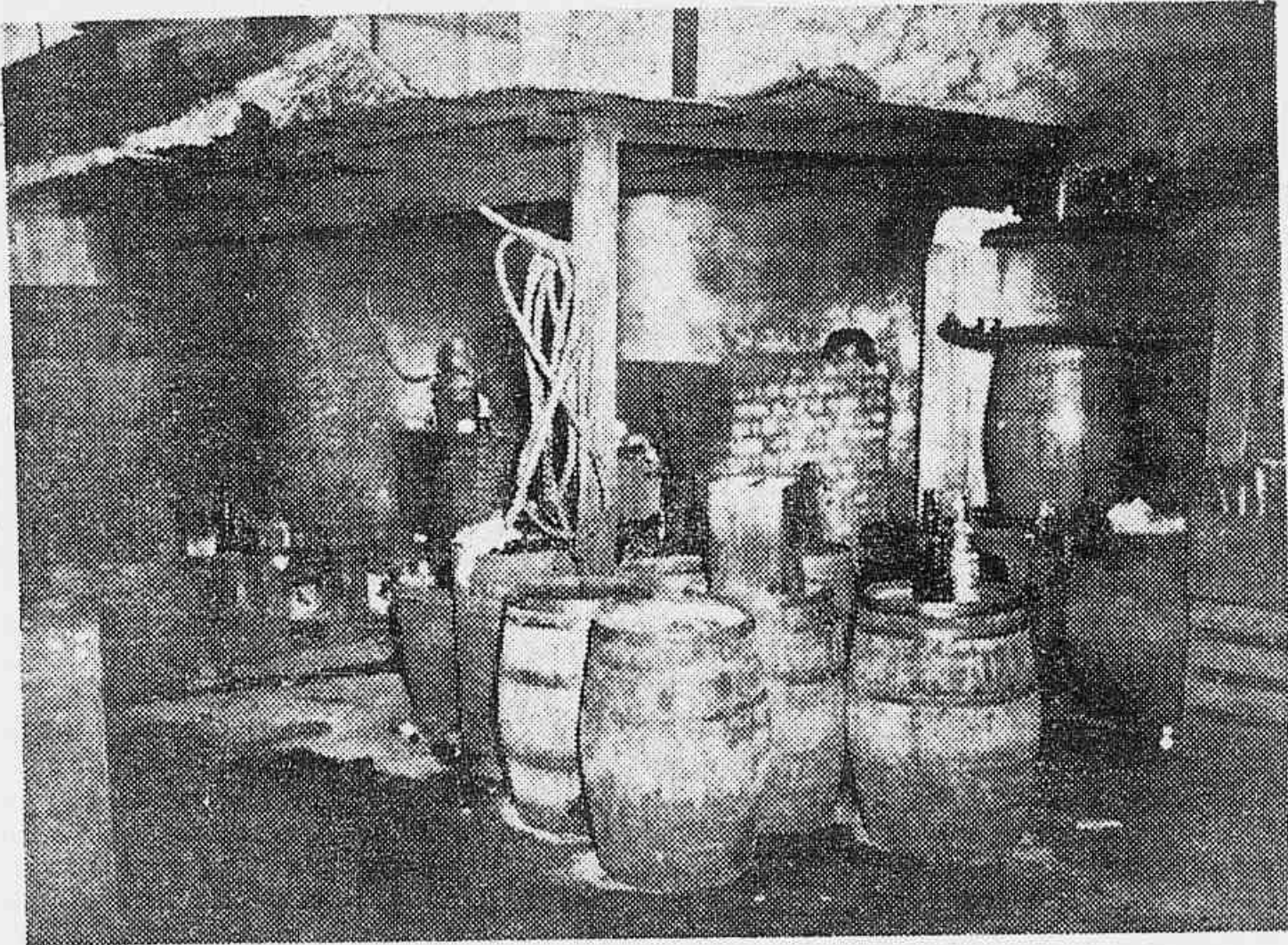
O rápido progresso de muitos dos antigos imigrantes contribuiu para aguçá-los ainda mais o apetite dos bandos de parasitas que pululavam em torno de to

desenvolver-se uma das mais rendosas indústrias do crime: a falsificação de gêneros alimentícios e produtos bromatológicos. O estômago passou a ser a estrada real da fortuna ilícita. O nosso então incipiente parque industrial ainda não cobria uma vigésima parte das necessidades da sempre crescente população. A maior parte do que o paulista comia e bebia vinha de fora. O nosso aparelhamento policial e fiscal ainda apresentava todas as falhas de um organismo novo. E assim a crônica da cidade foi se enchendo de notícias que revelavam ignobres atentados contra o povo. Nos porões excusos dos bairros industriais alvoreciam algumas grandes fortunas, amalhadas à custa da

diz um ditado policial anglosaxônico. E isso o verificaram em breve os falsificadores de gêneros alimentícios. A reação contra os defraudadores do leite, os "batedores" de manteiga, os fabricantes de azeite puro de oliva, os industriais do legítimo parmezon, foi violenta. O clamor público contra o assalto de que o povo era vítima, aliás duplamente vítima na bolsa e no estômago, fez nascer a Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública de São Paulo, destinada a lidar com a impunidade que cercava os defraudadores. Desde então um dia não se passou sem que um deles fosse preso e multado, enquanto sua impresentável mercadoria era destruída. O nosso Código Penal veio atn-

e nele descobriram uma ampla brecha nas defesas do estômago popular. Essa brecha residia na inexistência de uma lei que também punisse com cadeia e processo os falsificadores de bebidas! Esses, quando surpreendidos, eram punidos com uma simples multa, seguida pela destruição do material empregado para a confecção das bebidas com que envenenavam o povo. Eureka! teriam exclamado eles, e lançaram-se à intensiva produção de bebidas de toda espécie, impingindo-as ao consumo público como de legítima procedência. O fabuloso lucro que daí auferiam, permitia-lhes pagar as multas e suportar tranquilamente a destruição de suas simples montagens industriais. Mal as autoridades sanitárias lhes voltavam as costas, montavam de novo as suas tendas, convocavam os seus cúmplices e recommençavam o cómodo e extraordinariamente lucrativo comércio das falsificações de bebidas.

Vinhos, quinados, whiskies, gins e vermouths "made in Brasil", mas apresentados como se tivessem sido fabricados na Escócia, França, Espanha ou Itália, inundaram o mercado paulista. Nem nos Estados Unidos, onde a Lei Seca contribuiu mais do que qualquer outra coisa para o florescimento do contrabando, e posteriormente da falsificação de bebidas, nem nos Estados Unidos, repetimos, a situação era tão grave. Os exportadores europeus que comerciavam com o Brasil se alarmaram. Uma das firmas estrangeiras, mundialmente famosa, cujo comércio de vinhos com o nosso país era dos maiores, sofreu tais prejuízos que decidiu montar uma fábrica em São Paulo, esperando que, com o barateamento ao máximo de seu produto, pudesse livrar-se da concorrência desleal e perigosa dos falsificadores. Tal providência, porém, de nada lhe valeu, pois vinhos rotulados como os de sua fabricação continuaram a inundar o mercado e a sacrificar a saúde dos consumidores. O fracasso dessa iniciativa desanimou outros expor-



Nestes porões imundos foram construídas muitas fortunas à custa da ingenuidade e da negligência de milhares de paulistas

as as atividades honestas do Estado. São Paulo tornou-se a Meca das mais inescrupulosas ambições. A ganância, a esper-teza, a fraude, a ânsia de lucro fácil despertaram naqueles aventureiros o espírito imaginativo, levando-os a conceber meios rápidos para acumular lucros.

Foi quando aqui começou a

ignorância e da negligência de uma grande parte da população paulista. Muitas das fortunas daquela época, diz a voz do povo, corriam sobre trilhos engraxados com azeite falso.

UMA AMPLA BRECHA NAS DEFESAS CONTRA OS FALSIFICADORES

Mas o crime não compensa

da dar maior autoridade e eficiência ao combate contra os falsificadores de gêneros de primeira necessidade, estabelecendo a pena de prisão e processo para os manipuladores e comerciantes clandestinos.

Mas, julga o leitor que o pânico perturbou por acaso o raciocínio dos colegas de Albino Mendes? Estudaram o Código

dariam para formar um Amazonas



As garrafas são abertas pelo próprio proprietário da fábrica de bebidas falsificadas. Ao fundo os compradores, surpreendidos, aguardam a decisão da análise que irá ser feita

adadores europeus que planejavam montar aqui suas indústrias.

Mas, a ganância dos falsificadores não tinha limites. Subitamente viram-se à frente de um competidor extremamente perigoso para eles: a indústria vinícola nacional. Os falsificadores não hesitaram: passaram a adulterar e falsificar também os produtos nacionais. Um dia as autoridades sanitárias de São Paulo, em rumorosa e feliz diligência, conseguiram localizar e deter uma enorme derrame de vinhos do Rio Grande do Sul, falsificados com matéria corante venenosa, espalhados por todo o Estado. A falta de uma lei severa, porém, inutilizava esse esforço louvável dos responsáveis pela saúde pública do paulista. Novas garrafas, contendo vinho riograndense falsificado, surgiram nas prateleiras dos armazéns e bares da cidade.

Muitos gêneros de primeira necessidade não tem entre nós o consumo apresentado pelo comércio de bebidas. Entretanto, a lei, por uma inexplicável benignidade, não considerava as bebidas como gêneros de primeira necessidade. A saúde do povo vivia ameaçada, o fisco era prejudicado, a indústria nacional sofria a concorrência dos porões ilegais, a indústria estrangeira fugia dos nossos mercados, para onde poderia transplantar as suas próprias máquinas, a exemplo do que aconteceu com outras indústrias mais felizes. Enquanto isso, os falsificadores viviam impunemente, amontoavam verdadeiros tesouros nas contas correntes dos bancos, e até conseguiam privilegiada posição na sociedade. É verdade que nela fundavam pelas portas do fundo, mas para um falsificador qualquer porta serve.

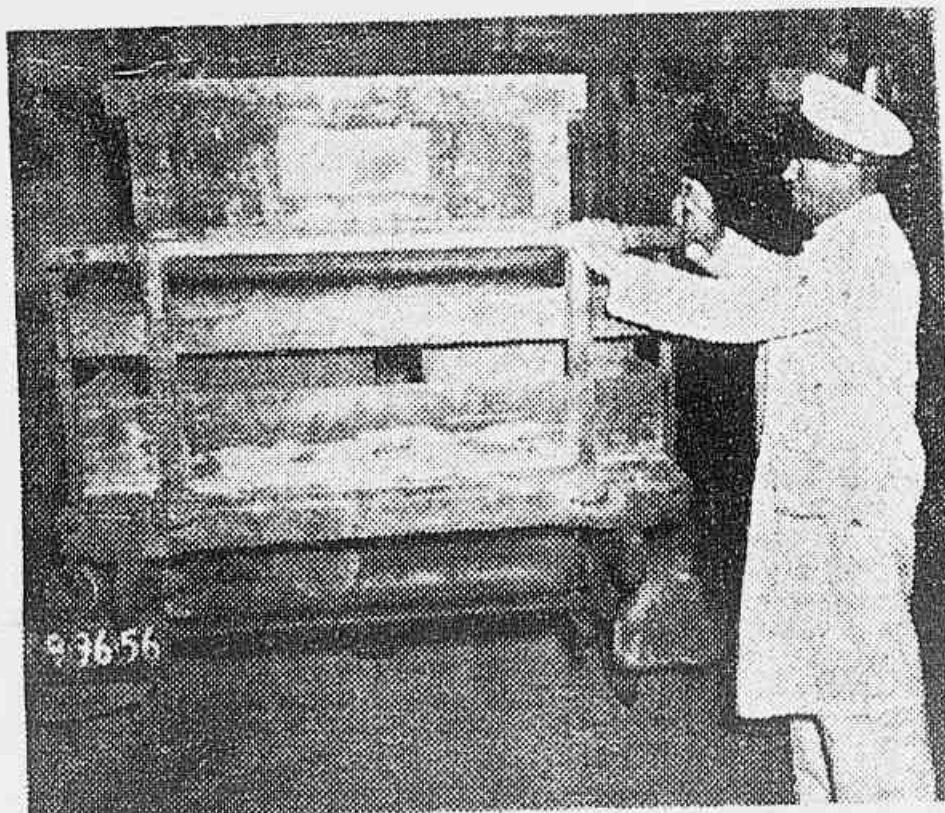
E assim São Paulo viveu muitos anos, com a sua economia e saúde debilitadas pelas quadrilhas de falsificadores que nela se formaram. As nossas autoridades sanitárias, porém, não desanimavam. Pouco a

pouco, mas com uma energia inflexível, a sua ação moralizadora foi se fazendo sentir. E hoje, os defraudadores e falsificadores de gêneros de primeira necessidade constituem um reduzido grupo, constantemente açoitado pelas autoridades sanitárias, que contra eles dispõe de uma lei forte e pesada.

Os manipuladores de bebidas falsificadas, entretanto, ainda mantêm em seu poder alguns redutos extremamente perigosos. Apesar da dedicação e coragem dos responsáveis pela fiscalização sanitária, a falta de legislação penal os impede de uma ação decisiva e arrasadora contra aquele persistente inimigo da saúde do povo.

Muito já se fez, mas muito ainda há a fazer. Os brios de uma cidade como São Paulo, uma das principais capitais do mundo, não podem e não devem ficar à mercê de aventureiros inescrupulosos, para quem a única pátria é o dinheiro pouco se lhes dando que a sua conquista arruine a saúde e a economia de milhões de pessoas. A imprensa, que tanto já contribuiu para a alimentação desse cancro social e econômico, sempre representou dignamente o seu papel de guardião dos interesses do povo. Os fatos narrados nesta pequena reportagem indicam, porém, que ainda falta muito para se atingir o fim da estrada. E DIRETRIZES se orgulha de nela ingressar hoje, iniciando a publicação de uma série de reportagens sobre o problema da falsificação de gêneros alimentícios, especialmente bebidas, em São Paulo. Mostrando como se vem processando a guerra contra os falsificadores, expondo ao público alguns dos expoentes dessa vergonhosa indústria, sugerindo medidas que possam eventualmente contribuir para o esmagamento dos focos da falsificação, entrevistando personalidades responsáveis pela luta contra eles desencadeada, agitando, em suma, tão grave e atual problema, que mais ameaçador ainda se torna devido as

circunstâncias criadas pela guerra, DIRETRIZES espera pagar assim mais uma parte da honra e estimula.



Uma das únicas penalidades impostas aos falsificadores: destruição de seu material de fabricação

UM FRANCÊS QUE NÃO SEJA DA BARRA FUNDA

O freguês senta-se à mesa de um restaurante do Rio, e, não raro, ouvimo-lo exclamar:

— Traga-me um bom vinho francês, mas que seja legítimo, ouviu?

Que seja legítimo? Não parece exequista essa premissa? De quem desconfia o freguês? Do garçom, do dono do restaurante ou do fabricante? Por que acrescenta ele, geralmente, uma ironia condicional:

— Quero um bom vinho italiano, mas que não seja do Belémzinho...

A prova do bom fundamento da desconfiança do freguês reside no próprio fato de só excepcionalmente um garçom exaltar-se com essa desconfiança. Ele parece aceitá-la como um fato natural, uma desconfiança da qual ele mesmo participa. Muitas vezes encontramos garçons que não se atrevem a discutir com um freguês, esperando que a experiência deste confirme ou não a legitimidade da procedência do líquido por ele solicitado.

Estamos certos, leitor, que assim como noventa por cento da humanidade, você também aprecia um bom vinho, um suave beer ou uma saborosa cerveja. Mas, quantas vezes a mesma dúvida não vem perturbar o seu prazer, impedindo-o de usufruir completamente uma satisfação que só Noé experimentou totalmente em um mundo em que ainda não havia falsificadores? E, para encerrar esta

ligeira digressão biblico-gastronômica, terá você, leitor, o direito de desconfiar das bebidas que lhe servem? Sim, responder-lhe-emos nós, esse direito não só lhe cabe, como é justo e lógico.

Anos e anos de intensa falsificação de bebidas e numerosos gêneros alimentícios, contribuíram para criar no consumidor brasileiro um espírito de permanente suspeita. DIRETRIZES, nesta série de reportagens, que agora inicia, procurará apresentar o problema da falsificação de bebidas em S. Paulo, sem dúvida o maior reduto desse comércio clandestino. Hoje publicaremos o passado e o presente da luta travada entre o crime e a lei, isto é, entre os falsificadores e as autoridades sanitárias. Nesta reportagem os nossos leitores encontrarão os motivos do direito que lhes cabe de desconfiar das bebidas que consomem. Esperamos, por isso mesmo, que, concordem com a solução final por nós apresentada, solução essa que não é sugerida somente por nós, mas por alguns dos principais responsáveis pela saúde pública do país.

A PRIMEIRA INVESTIDA ORGANIZADA CONTRA OS FALSIFICADORES

São Paulo assistiu no primeiro quarto do século atual um recrudescimento constante dos atentados contra a sua saúde e a sua economia. Falsificadores e defraudadores de gêneros alimentícios e bebidas, tal como os "bootleggers" norteamerica-

Um grito de alarme contra os falsificadores de gêneros alimentícios e bebidas — A primeira investida organizada — Os bebês não definham mais — Comam peixe e carne sem susto — Mas os falsificadores de bebidas continuam agindo — Vinhos do Porto, Kumel, Cohnhaques, V e r m u - tes, Champagnes e até vinhos nacionais saindo de fábricas clandestinas espalhadas por toda a capital — Aberta ainda a porta para o crime.

nos lutavam e venciam muitas vezes as autoridades sanitárias do Estado, empenhadas em debelar o mal que se expandia assustadoramente. Enquanto milhões de paulistas em suas fazendas de café, suas plantações de algodão, seus campos de arroz, suas fábricas de tecidos, suas usinas de açúcar, seus laboratórios de química, construíam uma base para a grandeza e progresso do seu Estado e do seu país, uma pequena legião de aventureiros constituía a escoria das correntes migratórias que para aqui se dirigiram, estudava todos os meios para a conquista da fortuna rápida, para a acumulação vergonhosa de lucros ilícitos, mas fabulosos.

Esta situação acabou por impor ao governo estadual a necessidade da criação de um organismo especial, que se incumbisse da fiscalização da alimentação pública — o setor mais infestado pela praga dos falsificadores — vigiando sanitariamente a produção, industrialização, o comércio e o consumo das substâncias alimentícias e das bebidas, com a fiscalização das instalações e funcionamento dos estabelecimentos industriais e comerciais, assim como, do estado de saúde dos seus manipuladores. Em 1925 nasceu o Serviço de Policiamento da Alimentação Pública do Estado de S. Paulo, com a incumbência de levar a bom termo essa missão.

Até então o Laboratório de Análises do Estado, criado em 1892, incumbia-se da fiscalização dos gêneros alimentícios. Além das análises fazia as buscas para a inspeção dos alimentos, bem como procedia à inutilização dos deteriorados ou condenados. Mas S. Paulo crescia, e por isso os próprios inspetores sanitários passaram a fazer aquela fiscalização, cumulativamente com os demais serviços de higiene, isto é, com o policiamento dos domicílios, os serviços de vigilância médica contra as moléstias transmissíveis, os de imunização contra a varíola e outros.

Evidentemente um acúmulo de tantas obrigações impedia que os abnegados inspetores sanitários pudessem enfrentar vantajosamente os bem municiados e sagazes bandos de falsificadores. Esses engordavam dia a dia, enquanto os fiscais emagreciam sob o fardo de tanta responsabilidade.

Com a organização, porém, do Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública teria início uma nova fase de fiscalização. De 1925 em diante os defraudadores teriam que enfrentar um serviço permanente e sistemático de vigilância dos alimentos e das bebidas expostas à venda ou entregues ao consumo. Casas de varejo e atacado, fábricas de massas alimentícias, de doces, de conservas de origem animal e vegetal, de óleos e substâncias gordurosas, assim como fábricas de cervejas, refrigerantes, bebidas alcoólicas, licores, vinhos, etc., passaram a ser visitados constantemente pelos membros da

(Continua na 18ª pag.)

(Continuação da pg. anterior)

Polícia de Alimentação Pública. As feiras, os mercados, os vendedores ambulantes também não escaparam às batidas energéticas e frequentes daqueles fiscais. Ao lado destes, uma legião de médicos, incumbidos do policiamento, procedia à inspeção dos gêneros entregues ao consumo público, colhendo amostras para análise dos suspeitos de alteração ou adulteração. Dos laboratórios saíam depois as sentenças. Em caso de condenação, o Serviço de Policiamento da Alimentação Pública procedia à apreensão e inutilização dos gêneros condenados.

OS BEBÊS NÃO DEFINHAM MAIS

Desde o mais modesto fabricante de macarrão ao mais poderoso fabricante de bebidas, todos os comerciantes e industriais honestos exultaram com a criação do Serviço de Policiamento. Assim, não só teriam oportunidade de provar constantemente a boa qualidade de seus produtos, como poderiam esperar que se vissem livres de uma vez dos seus concorrentes clandestinos.

Um dos primeiros setores a sentir os efeitos da nova organização fiscalizadora, foi o mercado do leite. Este é um alimento sujeito à fiscalização diária, pois são enormes os perigos que podem advir da inclusão de impurezas ou substâncias estranhas ao seu conteúdo. Não havia ainda a obrigação da pasteurização do leite, sendo este produto entregue ao consumo público, parte cru, fornecido pelos vaqueiros da capital, e parte pasteurizado, procedente das usinas do interior do Estado.

Mas, apesar da nova fiscalização, as mães paulistas continuavam a queixar-se. Seus bebês definhavam, seu filhos enguliam com certa repugnância o leite que lhes era fornecido. Mais tarde veio a se descobrir a origem da má qualidade do leite ingerido pelos paulistas. Verificou-se que dentre os debanhos existentes nos estábulos dos arredores da capital, num total de 10.000 cabeças, havia um coeficiente de infecção de 4.000 bovinos ou sejam, cerca de 40 por cento, reagentes à tuberculina. Não era alôa que os fiscais sanitários clamavam contra o alto coeficiente em germes do leite cru distribuído em São Paulo. E esse coeficiente amda mais crescia devido ao acondicionamento do leite ser feito pelos próprios vaqueiros, em seus estábulos, sem os menores cuidados de higiene. Por outro lado, a percentagem de fraude pela adição de água ao leite era muito elevada, embora a fiscalização aumentasse sempre a sua vigilância.

Só treze anos depois, em fins de 1933, foi o problema enfrentado corajosamente, e vencido. O governo paulista, atendendo às solicitações do Departamento de Saúde, instituiu, por ato legislativo, a pasteurização compulsória do leite entregue ao consumo público. Depois disso o leite melhorou consideravelmente, baixando amplamente o seu conteúdo microbiano, conforme o provam os exames bacteriológicos semanalmente procedidos pelo Instituto Adolpho Lutz, do Departamento de Saúde Pública.

Registraram-se assim a primeira grande vitória obtida pela Saúde Pública. As mães de São Paulo já não temem tanto que temer pelo desenvolvimento físico de seus filhos, embora ainda haja medidas a tomar.

COMAM PEIXE E CARNE SEM SUSTO

Nos matadouros, o veterinário procede à inspeção prévia das rezes que vão ser abatidas. Mas isso não basta, pensaram os responsáveis pela saúde pública. Assim a carne passou a ser fiscalizada, di-

riamente, nos próprios açougues. Evitaram assim os métodos distritais que fossem entregues ao consumo público carnes em estado incipiente de alteração. Nada de vender carnes sobradas do dia anterior, foi a ordem, ordem essa que se dirigiu também aos açougues existentes no próprio Mercado Municipal.

Mas, muito mais difícil que a fiscalização das carnes, é a do peixe. São grandes as dificuldades de conservação do produto pelo frio, enquanto as viaturas, embora aparentemente isotérmicas, não satisfazem os requisitos de ordem sanitária para garantir a sua integridade. E ainda há o sol, cujos raios deterioram facilmente o pescado, procedente de Santos ou do Rio de Janeiro, e exposto à venda nas feiras. Para que o pescado permaneça fresco, é indispensável que seja mantido em baixa temperatura, o que não é possível com simples viaturas isotérmicas, como as que ainda hoje são usadas.

O Serviço de Policiamento da Alimentação Pública estudou cuidadosamente o caso. Não desejava prejudicar ninguém. A única solução encontrada foi a de condenar a venda de pescado nas feiras. Mas, não basta destruir, e preciso criar. Por isso a Polícia de Alimentação propôs à Prefeitura da Capital que se abolisse esse comércio incrementando-se a instalação de peixarias nos diversos bairros paulistanos, onde o peixe, mantido nas câmaras frigoríficas, ofereceria as condições necessárias e indispensáveis à sua perfeita conservação.

No dia em que essas peixarias forem disseminadas por todos os bairros, como é de se prever para breve, poderemos exclamar:

— Comam peixe e carne, sem susto, paulistas.

Essa será a terceira grande vitória do Serviço de Policiamento da Alimentação Pública, pois a segunda foi obtida nas feiras-livres, que depois de 1933 passaram a ser lugares limpos e arejados, com os feirantes higienicamente vestidos e com seus armários cercados por vitrines adequadas, que protegem os gêneros alimentícios da poeira e das moscas, os dois maiores inimigos da boa conservação dos latifícios, doces, conservas e carnes preparadas que são vendidos nas outoras anárquicas feiras-livres.

JOHN HAIG EM SANTO AMARO E VINHOS DO PORTO NA BARRA FUNDA

Os fiscais sanitários não hesitaram um minuto. Deixaram o seu carro ao lado do atual Campo de Congonhas, situado à margem da Auto Estrada de Santo Amaro, e dirigiram-se resolutamente para o que parecia ser uma fábrica de bebidas. Não ingressaram e foram denegar, atônitos, com uma perfeita fábrica clandestina de whisky e outras bebidas alcoólicas. Sobre as prateleiras da fábrica acumulavam-se dúzias de legítimas garrafas de whisky "John Haig", ali mesmo fabricadas.

— Quantos e quantos cavaleiros não terão pago por essa droga falsa o mesmo preço que pagam pelo legítimo whisky escocês? teria perguntado de si por si um dos fiscais.

Diligências como essas achem os arquivos da Polícia de Alimentação Pública. Vagamos enumerar algumas com o intuito de exemplificar apenas a gigantesca luta travada entre os seus membros e os componentes do verdadeiro paraíso de falsificadores que se localiza em São Paulo.

Em 1924, um ano depois de criada a Polícia de Alimentação, foi fechada no bairro do Ipiranga uma grande fábrica de Vinho do Porto. Ali se confeccionava o produto com todas as características do vinho genuíno. Os fiscais apreenderam todo o material destinado a falsificação. Carre-

garam também consigo mil caixas contendo garrafas cheias de falso "Porto da Reserva", de Ferreira Netto e Companhia, de Vila Nova de Gaia, Portugal. Mas o dono desta fábrica não fazia muita questão de nacionalidades. Assim os fiscais foram encontrar ali uma grande quantidade de vermute, manipulado sob o nome de "Juliano", de Torino, Itália, assim como uma champanhe "Perviller", uma marca fantástica que nunca existiu na França.

Ano não se passava sem que dezenas de apreensões e destruição de material fossem efetuadas pelos fiscais sanitários. Mas, os falsificadores respondiam a cada golpe com um novo contra-golpe. A Polícia de Alimentação fechava-lhes uma fábrica aqui, abriam outra acolá. Tornou-se famo-

sa a rua Joaquim Murinho, estava um outro colega do fabricante de Kumel. Este fabricava conhaques, usando álcool e corantes em vez de vinho. Ele sabia que a lei mandava que o conhaque seja um destilado de vinho, isto é, mais do que vinho concentrado. Mas ele também sabia que o apressado ingeridor do cálice de conhaque não conhecia a lei.

Acreditamos que todo o espaço que dispomos na revista não será suficiente para o arrolamento de todas as apreensões e destruições efetuadas pela Polícia de Alimentação. E isto desde 1926 até o momento atual. Em 1937 foi fechada uma fábrica de vinho do Porto "Adriano Ramos Pinto", na rua Conselheiro Nebras, onde foi apreendido não só o produto como as matrizes



A etiqueta é verdadeira, mas o vinho é falso

so o caso de uma célebre firma, estabelecida à rua Conselheiro Cotezipe. Ali se fabricava "bitter", cacau, vermute, quindão, conhaque. A sua frequência era enorme, tanto no Rio como em São Paulo. Um dia, a Polícia de Alimentação a localizou e fechou. Um ano depois, essa mesma falsa distilaria, apareceu sob outro nome, em outra parte de São Paulo. Continuou empregando os mesmos processos de sempre: uso de corantes e anilinas nos produtos, venda do produto sem selo, etc. Pois bem, foi novamente fechada para reaparecer meses depois sob outro nome! Hoje essa fábrica funciona lá sob outro nome e continua inundando o mercado com cacau anilado.

Ainda recentemente ali estiveram, na firma Salazar & Rama, os fiscais do Imposto de Consumo e da Alimentação Pública, estes tendo à frente o ilustre médico, dr. Ernani Max, e lá procederam a rigorosa diligência, cujos principais aspectos focalizamos nesta reportagem.

Entre outros comodores, lá estavam adquirindo produtos falsificados, para uso próprio ou para revender a terceiros, os srs. Felisberto de Castro Moreira, Jacob Schurr, Rodolfo Fest Filho, Pedro Meiz e José Fabrício todos logo detidos e chamados a depor pelas autoridades sanitárias e fiscais presentes.

O preço pelo qual adquiriam o produto? 2\$500 o litro, com 25% de abatimento para compras acima de 50 litros! Eis por quanto lhes vendia, a Distilaria Vitória, o "bitter", o cacau, o vermute, o quindão e até o conhaque de sua fabricação! Enquanto isso um bom produto, sem anilinas, corantes ou drogas prejudiciais à saúde e mesmo de fabricação nacional, não poder ser vendido por menos de 3\$, a 1\$5 o litro.

E o Kumel, o finíssimo licor? Importar do estrangeiro? Usar o bom produto nacional? Para que? E um dia foram encontrar em plena rua Ministro Godoi uma fábrica clandestina de Kumel, com açúcar cristalizado e colocado dentro de garrafas rotuladas com a marca do legítimo produto! Mas, não muito longe,

para a impressão de rótulos, envoltórios, capsulas e demais materiais utilizados na falsificação. Uma completa fábrica-tipografia. Aliás, um caso mais ou menos idêntico a esse, passou-se na rua dos Sorocebanos. Numa fábrica de bebidas "perfeitamente legalizada" foi encontrada uma série de clichês, com os seguintes dizeres: "A G" — Bisquit-Dubouché e Cia — Jarmac — Um emblema do vinho do Porto Adriano Ramos Pinto. Capsulas próprias para o fechamento de garrafas, chapas com os dizeres — "São Paulo-Via Santos", destinadas à marcação de caixas, o outros, sem de rótulos de "Cinzano", "Fernet Branca", "Salamanca", "Cognac fine champagne, L. Godin", "D'Artagnan Cognac" e uma infinidade de outros. Como vemos estava bem munida essa fábrica "legal".

Mas o caso mais sensacional é, sem dúvida, o que se refere aos trabalhos efetuados pela polícia sanitária de S. Paulo, em colaboração com as autoridades do Rio Grande do Sul, localizando um centro de adulteração de vinhos gaúchos. Aburou-se, então, que toda a bem maquinada trama era executada num armazém da praça Arvoredo Junior, em Santos, onde o produto, virgem, era adulterado com matérias corantes, prejudiciais à saúde. Tratava-se de uma quadrilha de perfeitos "Topazes Mirins" ao Brasil.

A PORTA ABERTA PARA O CRIME

Mas, console-se, leitor astutado, se todos estes casos provam a incrível audácia dos falsificadores de bebidas, provam também a formidável luta que contra eles sustentam os inspetores sanitários, auxiliados muitas vezes pelos inspetores de consumo, que agem no terreno da fraude física em que os falsificadores são usuários e vendedores.

Em poucos palavras poderemos descrever as benéficas consequências advindas da incansável atuação desse grupo de dedicados servidores do público brasileiro. Em 1933 o Serviço de Policiamento de

Alimentação Pública foi reorganizado e seu pessoal aumentado. Esse acréscimo de auxiliares contribuiu para uma imediata melhoria no saneamento da indústria de bebidas em geral, particularmente as alcoólicas, graças ao policiamento sistemático das fábricas existentes no município da Capital. Os últimos dados que colhemos sobre a fraude e falsificação desse gênero de bebidas, isto é, dos vinhos compostos e licores amargos, acentuam que, de 90 por cento como era antigamente, baixou hoje para 10 por cento. O Posto Bromatológico, que o Serviço de Policiamento de Alimentação Pública mantém em Santos, não deixa passar por ali nenhum vinho, seja nacional ou estrangeiro, sem examiná-lo convenientemente. Os vinhos paulistas, procedentes de Jundiaí e São Roque, só são entregues ao consumo, depois de devidamente inspecionados pelos Postos Bromatológicos locais. Por outro lado o Serviço de Policiamento colhe semanalmente amostras nas fábricas da capital, entrega-as à análise bromatológica, evitando assim a possibilidade de serem fraudulentos aqueles produtos.

Mas, como já vimos na introdução desta reportagem, todo esse enorme esforço sanitário vive sob a constante ameaça da porta aberta que resta aos falsificadores de bebidas. Enquanto os defraudadores de gêneros alimentícios — como já se viu em dezenas de casos — sofrem pesadas multas e processo penal os falsificadores de bebidas não ficam expostos a nada disso. A jurisprudência de nossos tribunais não os torna incidentes em penalidade de ordem criminal, devendo os infratores serem punidos de acordo com os suaves regulamentos sanitários. Por isso, muitas denúncias encaminhadas pelo Policiamento de Alimentação às autoridades policiais para respectivo inquérito, decaíram em juízo, dado o critério aludido.

Não lhe parece absurda, leitor, essa exceção? Não acha, como nós, que se deveria, urgentemente, não só aparelhar ainda melhor as nossas autoridades sanitárias, como mudá-las no setor das bebidas com as mesmas prerrogativas penais de que goza o combate aos falsificadores e defraudadores dos gêneros alimentícios? Sem essa indispensável medida o crime continuará campeando. Simples multas e destruições nunca poderão destruir uma nefasta indústria que aufera lucros capazes de compensar quaisquer prejuízos. A cadeia é o único lugar para onde devem ser encaminhados tais falsificadores.

Estamos certos, leitor, que está de acordo conosco, assim como estamos certos que partilha de nossa admiração pelos excepcionais serviços que vem prestando ao nosso povo o Serviço de Policiamento da Alimentação Pública.

Mas, achamos que ainda há muito a fazer. E' nesse sentido que DIRETRIZES lançou-se a esta série de reportagens, orientadas pelo nosso programa de colaboração com o poder público, na solução dos problemas que mais de perto dizem respeito aos interesses do povo. São Paulo deve deixar de ser a "Canaan dos Falsificadores" e para isso devemos contribuir com todos os elementos ao nosso dispor, desenvolvendo esta campanha, para cuja maior eficiência acabamos de entrevistar o dr. Tupy Caldas, diretor da Recebedoria Federal em São Paulo. Em nossa próxima edição, os que nos leem, terão oportunidade de conhecer as oportunas declarações do dr. Tupy Caldas e do dr. Israel Brondão, um de seus mais dignos auxiliares. Ouviremos, ainda, a respeito, o próprio sr. Soltes Gomes, levando a seguir o nosso inquérito até as mais altas autoridades do Estado e da República.

NOVOS RUMOS DA ARTE AMERICANA

Pelo Professor GEORGE BIDLLE

Perante uma seleta e numerosa assistência realizou-se no Instituto Brasil — Estados Unidos uma conferência do professor e pintor norte-americano, sr. George Bidlle que, num gesto de simpática gentileza para com o nosso país, pronunciou a sua palestra em português. Pela importância dos seus conceitos e pela lição que ela encerra para a arte e os artistas brasileiros resolvemos publicar aqui aquela conferência, cujo interesse deve alcançar também as outras classes culturais do Brasil.

QUANDO digo que durante os últimos dez ou doze anos a arte nos Estados Unidos passou por uma fase de renascimento, refiro-me à onda de interesse em coisas de arte que invadiu o país inteiro, e à mudança de atitude não só dos nossos pintores e escultores, mas igualmente dos críticos em relação à arte e ao próprio conceito de vida. São fatos registrados, de indiscutível realidade. Por outro lado, é matéria de opinião pessoal atribuir ao movimento artístico nos Estados Unidos considerações de importância. Por mim, não tenho interesse em entrar em discussões sobre este aspecto da questão. Estou, sim, profundamente interessado nas tendências manifestadas em nossas obras de arte, bem como em seu conteúdo — no que os nossos artistas procuram proporcionar ao público.

A guisa de introdução quero apresentar um breve resumo da pintura norte-americana desde o começo do século. Desde o ano de mil novecentos muita água — e arte — passou por baixo da ponte. Naquele ano Vitória ainda ocupava o trono da Inglaterra. O Czar Nicolau e Guilherme Segundo eram moços e William e Henry James estavam no seu auge, sendo que o pragmatismo deveria ser publicado uns sete anos mais tarde. Sinclair Lewis já à escola e Ernest Hemingway era embalado no berço. Em Paris, muito raramente, avistamos uma "carruagem sem cavalo". Na Europa reinava a paz, em termos.

Na América do Norte as exposições anuais na Academia de Pennsylvânia em Philadelphia e na Academia de Desenho em Nova York, constituíram os acontecimentos da estação. Os nossos pintores, como Mary Cassatt, John Singer Sargent e Gari Melchers eram mais conhecidos em Paris e em Londres do que na pátria. Um pequeno grupo rebelou-se contra as fórmulas técnicas do impressionismo francês e contra os nus mornos, sub-adolescentes, das nossas academias. Insistiram com veemência sobre a realidade da América contemporânea com os seus cortios, cenas de rua, trapiches, tavernas e fábricas. Tornaram-se conhecidos sob a denominação de "Escola da Lata do Lixo". Daquilo que hoje chamamos arte moderna nada existia.

Então, em mil e novecentos e treze, a famosa Exposição da Armory (Quartel da Polícia de Nova York), produziu enorme sensação, fora escolhida, organizada e trazida principalmente de Paris por um grupo de jovens pintores e intelectuais. Post-impressionismo, neo-impressionismo, cubismo, futurismo, vorticism, os escultores Lehnbruck e Brancusi, Matisse, Picasso, culminando em sequência lógica de Goya, Daumier, Courbet, Degas, Gauguin e Cézanne, tudo isto era pela primeira vez exposto ao grande público americano. Cerca de meio milhão de pessoas visitaram a exposição em Nova York; e depois ela foi transportada de costa a costa através de todas as grandes cidades. O público viu, discutiu, refugou, mas nunca se esqueceu. Foi diferente o efeito sobre nós outros artistas. Consolidou-nos num grupo consciente, que percebia o movimento internacional florescente em Paris antes da guerra. Muitos de nós tínhamos estudado o modernismo em Paris, onde alguns havíamos participado do movimento. Depois de mil e novecentos e treze, adquirimos a consciência de que formávamos um grupo de artistas modernos americanos. Eramos um tanto dogmático, exuberantes de ideais: éramos moços. Este grupo afastava-se do ponto de vista de interesse humano da "Escola da Lata do Lixo" e não se mostrava disposto a coparticipar das exposições dos revoltados mais velhos da década anterior.

Em mil novecentos e vinte e um, ocorreu um fato, sem grande importância em si, mas que constituiu um marco em nossa

pintura. Um grupo de jovens artistas de Filadélfia convenceu a Academia de Pennsylvânia — a instituição mais importante, mais tímida, mais miope e mais acadêmica dos Estados Unidos — que promovesse uma exposição de arte moderna. A arte moderna americana já podia ser apresentada ao público. As galerias da Quinta Avenida pouco a pouco abriam as portas aos novos pintores, mas ainda existia cisão intelectual entre o nosso grupo e os insurgentes do período anterior. Os "ismos" custam muito a morrer e os modernistas permaneciam intransigentes até serem aceitos no mais amplo sentido pelo público. So então poderiam fundir-se com o movimento geral contemporâneo.

Hoje esta fusão já se realizou e uma outra exposição pode ser considerada como símbolo desta quase-maturidade, desta maioridade da nossa pintura americana. Na primavera de mil e novecentos e trinta o Museu de Arte Moderna de Nova York abriu a sua primeira exposição de artistas americanos vivos. Conquanto o aspecto geral dos trabalhos exibidos fosse acentuadamente moderno, ainda assim encontravam-se exemplos da placidez mais ou menos acadêmica de Kenneth, Hays Miller; o eco do impressionismo de Allan Tucker, a sobriedade de sentimentalismo realista de Eugenio Speicher e de George Luks, a par das francas abstrações de Charles Demuth, Stuart Davis e George O'Keefe.

O significado desta exposição era que a arte americana se emancipara ao ponto de poder abandonar os "ismos" e egotismos da sua adolescência. Daí em diante preocupar-se-ia menos com os estilos de expressão do que com aquilo que o artista tinha a dizer e a paixão e clareza com que era capaz de dizê-lo.

Escolhi o ano de mil novecentos e trinta para marcar dum novo desenvolvimento da arte norte-americana por uma razão. Foi este o primeiro ano do período de depressão e a crise financeira que nos assolou veio exercer sobre a arte estadunidense influência mais enervante do que qualquer outro acontecimento anterior na história do país. Enumerarei em breve essas influências que durante os últimos dez ou doze anos produziram enorme efeito sobre as tendências da arte americana e que foram aceleradas pelo advento da depressão. Em primeiro lugar temos aqui o despertar da consciência social dos artistas americanos e o consequente afastamento do modernismo francês, da torre de marfim e do conceito de "arte por amor à arte". Em segundo lugar verificamos o incremento da arte mural juntamente com a influência do grande movimento mexicano neste terreno incipiente. Em terceiro lugar mencionarei o ponto certamente mais importante: o efeito salutar do patrocínio que o governo federal começou a dedicar à arte nacional e aos artistas americanos.

Já alguns anos antes da depressão, e mais ou menos ao

mesmo tempo em que os mexicanos pintaram seus murais, houve uma espécie de renascimento entre os nossos artistas mais novos da esquerda neste nobre campo da arte, e é fato que durante algum tempo o movimento mural mexicano exerceu influência benéfica sobre a pintura em meu país. Grande número dos nossos artistas viajou para o México, onde nos encontramos para trocar idéias a respeito de Orozco e Rivera. Mais tarde ambos estes artistas receberam encomendas para executar murais em São Francisco, no sul da Califórnia, em Detroit e em Nova York.

E, talvez, natural que, ao sermos surpreendidos pela depressão — que atingiu os nossos artistas em primeiro lugar — fôssemos levados a ponderar sobre a filosofia que formava a base do movimento mexicano.

A história dos povos parece indicar que as escolas importantes de arte sempre surgiram nas correntes de prosperidade econômica. Por toda a parte onde a arte mural alcançou plenitude de expressão houve uma religião universal — quer dizer, fé ou objetivo comum — de que os artistas partilhavam juntamente com todas as classes sociais. Ao mesmo tempo estava à disposição dos melhores artistas o espaço necessário nas paredes dos edifícios públicos onde pudessem simbolizar as emoções oriundas da fé coletiva. Esses requisitos — o assunto edificante a emocioná-los as massas e as instituições sociais que pudessem proporcionar aos artistas o espaço necessário à pintura e as respectivas encomendas — aparentemente formavam a essência da pintura mural.

A experiência mexicana neste terreno da arte clássica de que estou a falar, evidentemente sofreu certas modificações. Os jovens artistas e estudantes mexicanos, ao regressarem em mil novecentos e vinte e um dos aprendizados na Itália, na França e na Espanha, mergulharam no idealismo da revolução. A cultura dos índios e dos aztecas forneceu o fundo sobre o qual bordaram seus motivos sociais. Encontramos o impulso clássico para a inspiração. Um grupo de artistas jovens de tendências liberais, uniu-se para fundar o sindicato dos trabalhadores técnicos, pintores e escultores. Obtiveram os primeiros contratos em fins de mil novecentos e vinte e dois, e estes eram baseados sobre o espaço mural a cobrir e oito horas de trabalho diário com a retribuição média de oitenta mil réis (oito pesos mexicanos naqueles dias). Alguns meses mais tarde a sucessão presidencial implicou numa transformação do Ministério da Educação. De todo o sindicato unicamente Rivera foi readmitido. Parecia que a eminente irrupção de arte nacional que floresceu durante menos de um ano, estava terminada. Não obstante, dez anos mais tarde, milhares de estudantes norte-americanos peregrinaram todos os anos para a capital do México afim de examinar as referidas pinturas. Sua influência estendeu-se até a Europa e hoje o México possui vinte edifícios públicos ornados de afrescos executados por artistas novos, que, ignorados ainda na década precedente, continuaram a obra nas linhas nobres da tradição coletiva e da liberdade técnica da expressão.

Os melhores dos artistas liberais mexicanos tiveram plena liberdade para executar os seus murais. Não pode haver dúvida em que os mexicanos estavam animados de fé coletiva tão ardente quanto os sentimentos religiosos de outros povos, e que es-

tavam prontos para sacrificar-se pelos seus ideais. O movimento, porém, não emanava de maré de prosperidade econômica.

Neste caso não foi essencial a abundância de riqueza que se oferecesse em pagamento da arte verdadeira. Na realidade as despesas eram mínimas. Tinha sido preciso, porém, proporcionar ao artista oportunidade para trabalhar em ausência de censura, e cama e mesa enquanto executava sua obra. Tudo mais era supérfluo. E' isso que aprendemos com os mexicanos. Durante o período de alta dos clássicos ciclos econômicos artistas capazes de conquistar o patrocínio dos ricos — em outras palavras: os pintores cujos trabalhos estavam em moda — obtinham os preços que quisessem. O resto, que se arranjassem. Em períodos de baixa, todos teriam morrido de fome se tivessem continuado a pintar. No México, entretanto, não houve o fenômeno do preço de objetos de arte dependente de aceitação popular e do gosto geral. Ali o governo se ofereceu para empregar, pagando-lhes salários adequados, membros da corporação dos pintores afim de executar projetos benéficos. O objetivo destes projetos consistia em educar o povo na contemplação dos símbolos do socialismo americano — podem chamá-los de propaganda, se quiserem. Na realidade, toda a arte vem a ser propaganda quando é construída como estímulo das emoções. Não pode ser outra coisa, porque a humanidade consiste de noventa e oito partes de emoção e de duas partes de inteligência. Todo a força da arte cifra-se neste apelo direto à emotividade.

Que possiblidade tinhamos nós, nos Estados Unidos, de rivalizar com a experiência mexicana? Possuíamos abundância de talentos jovens e anônimos. Isto estava eu certo. Para obter espaço mural isento de censura para os moços, era preciso que estes se sujeitassem a trabalhar por salários de operários, e isto também eu estava certo. Mas, os Estados Unidos não possuíam mais a fé religiosa que ardera na nova Inglaterra do século dezanove; nem a fé política que nos sustentara através da revolução e da guerra civil. A depressão, contudo, tinha feito muito por nós outros, artistas. Tinha nos ensinado a encarar as realidades da vida e a compreender as nossas próprias necessidades econômicas e o nosso poder social. E os tiranetes monstruosos da Europa haviam incutido em nós certa dose de ódio sadio e unificador. Os nossos artistas repeliam a filosofia destruidora dos fascistas e nazistas tão intensamente quanto estes temiam a arte não censurada, a liberdade e a democracia. Mas a fé negativa é insuficiente. E' necessário o ímpeto de energia do amor. Todos os artistas nos Estados Unidos tinham visto, durante a depressão, a vida sob aspectos desoladores ou trágicos. Sabiam que ela podia oferecer, entretanto, justiça e beleza. Havia bastante para todos. Não faltava nenhum elemento. Era preciso que recompusessemos as partes que formam o esquema insatisfatório da vida nacional. Porque, entre aqueles elementos, de qualquer forma, encontrávamos a visão da justiça democrática e da saúde espiritual.

Ai, pois, parecia-me existir uma crença universal, ainda imperfeitamente distinguida pelo público em geral, mas a qual o artista podia dar expressão numa linguagem que todos compreendessem: a vida é triste e feia; a vida pode ser bela.

Em nove de maio de mil novecentos e trinta e três escrevi ao presidente Roosevelt, sugerindo que a arte americana estava bastante amadurecida para a instituição de uma escola nacional de pintura mural. Escrevi: "Os artistas moços dos Estados Unidos tem a consciência, como nunca antes tiveram, da revolução social pela qual estão passando a nossa pátria e a civilização; e estão ansiosos por exprimir esses ideais numa forma de arte permanente, desde que obtenham a cooperação do governo". Isto foi exatamente dois meses depois de Roosevelt ter assumido o governo, num momento dos mais sombrios da história do nosso país. Dez dias depois eu recebi uma resposta em que o presidente mostrava o seu interesse pela minha sugestão e me pedia que tratasse do assunto com o sub-secretário das Obras Públicas. Os artistas americanos devem muito ao fato de que neste momento altamente

crítico no desenvolvimento da nossa arte nacional tivéssemos podido obter o apoio decidido de mais de um homem em alta posição no governo, com a clara consciência do valor da arte em nossa vida social: o presidente Harry Hopkins e Edward Bruce, e Holger Cahill que mais tarde se tornaram os diretores dos dois grandes projetos de arte.

Não desperdiçarei o tempo com a descrição dos esforços, da correspondência, dos desapontamentos, das intrigas, que parecem necessários para levar a termo qualquer programa que dependa de intervenção humana e política. Vou apenas expor, em traços breves, a organização, o aparelho, e a obra até hoje realizada pelos dois projetos federais de arte. Foram parcialmente baseados num memorandum que escrevi e enviei ao presidente, ao secretário do Tesouro, Morgenthau, ao secretário Ickes, ao secretário do Trabalho, Perkins, e a outras personalidades. Os pontos essenciais são os seguintes:

PRIMEIRO — A importância vital duma escola nacional de arte mural, iniciada com o apoio e a cooperação do governo do país;

SEGUNDO — Que a liberdade de expressão do artista pode ser galvanizada para apresentar as idéias sociais e econômicas que a atual administração procura realizar;

TERCEIRO — Que num período de depressão econômica o governo deve dar aos nossos artistas a mesma assistência que dá aos trabalhadores doutros ramos de atividade;

QUARTO — Que esta assistência por parte do governo estimulará outras atividades e que o movimento tem justificação econômica e está de acordo com a política oficial de favorecer o resabecimento das condições normais.

A Repartição de Belas Artes foi organizada por Edward Bruce em mil novecentos e trinta e quatro sob a dependência da administração de Obras Públicas do Tesouro. Bruce tinha todas as qualificações para o empreendimento. Havia sido advogado de grandes companhias e banqueiro antes de começar a pintar. Era um empreendedor, um idealista e um político astuto. Ele mesmo era artista de reputação. O seu bom gosto era universal. Merece todo o crédito pela execução da Repartição de Belas Artes. O objetivo desta repartição, em resumo, consiste em dispendir um por cento das verbas dos programas de construção na decoração dos edifícios, através da escolha acertada dos melhores artistas do país para o serviço. Em quase todos os casos, estes artistas são escolhidos por meio de concursos. Se a decoração, pintura e escultura, é de grande importância, o concurso realiza-se com extensão nacional, franqueando a qualquer um e anunciando por editais oficiais. Em certas ocasiões mais de quatrocentos artistas tem tomado parte nesses concursos, cujas inscrições são anônimas. As comissões de julgamento, em regra geral, são formadas pelo arquiteto que projetou o edifício, um representante da seção do governo a que o edifício se destina, dois ou mais artistas e um representante da Repartição de Belas Artes, quase sempre também artista, tal como o próprio Bruce.

Quais tem sido as realizações da repartição e quais os seus efeitos sobre a arte americana?

Em junho de mil novecentos e quarenta estava a ponto de concluir novecentas e cinquenta e uma decorações ou em escultura, em oito mil e cento e vinte e um prédios distribuídos por setecentas e setenta e sete cidades diferentes. Seiscentos artistas haviam trabalhado em setecentas e quarenta e três obras terminadas. Duzentos e oito artistas estavam trabalhando em contratos feitos com a repartição. Nesses contratos o governo dispendera um milhão, trezentos e sessenta e oito mil dólares, o que representa uma média de menos de mil e quinhentos dólares por decoração. O simples enunciado destes algarismos é hoje a mais completa e impressionante justificativa do sucesso do programa da repartição; mas tem lugar aqui um comentário doutro gênero. O emprego de mais de seiscentos artistas em quase oitocentas cidades nos Estados Unidos não custou ao contribuinte um vintém em novos impostos. Foi financiado pelo emprego de verbas votadas pelo Congresso para a construção de edi-

(Continua na pág. 28)

Prata Princeza

(METAL PRATEADO)

PRATOS e cestas para bolos, bandejas, cestas para frutas, pratos para "sandwiches" em grande variedade.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO — Londres — Buenos Aires — Johannesburg — Hamburgo

MEDICINA E SAUDE

A transfusão de plasma

DR. CASSIO ANNES-DIAS

O DR. C. ANNES DIAS focaliza em "A transfusão de plasma" um problema de grande interesse e atualidade, em face do momento em que vivemos. Docente da Faculdade de Medicina, autor de vários trabalhos científicos, com longo tirocinio, clínico o Dr. C. Annes Dias, na base de sólidos e modernos conhecimentos, aborda, no presente artigo, um assunto que deve merecer a atenção de nossas organizações e sociedades médicas.

Os jorais, nos últimos tempos, muito se tem ocupado da criação de postos para exame e registro de doadores voluntários de sangue, para o caso de entrarmos em guerra.

Achamos que estes doadores, "desde já", poderiam prestar os seus inestimáveis serviços, se se colhessem o seu sangue para depois armazená-lo sob a forma de plasma dessecado ou mesmo de plas congelado.

Considerações concorrentes à ação fisiológica dos vários componentes do sangue, tiveram como consequência, a substituição do sangue total pelo plasma citratado em muita socorrências moribundas.

A indicação mais comumente conhecida para transfusão era a da necessidade de eritrócitos. A prática mostrou, entretanto, que o benefício terapêutico da transfusão sanguínea é antes devido aos elementos contidos no plasma do que aos glóbulos vermelhos.

Nos casos em que ocorre concentração das hemátias, devida à perda de plasma, a adição posterior de eritrócitos é contraindicada.

A experiência clínica confirmou plenamente a eficiência e a segurança de aplicação do plasma. O uso constante e intensivo da introdução venosa do plasma já entrou francamente na prática médica, na Grã Bretanha e nos Estados Unidos. O plasma é um agente terapêutico realmente eficaz em muitos estados moribundos, especialmente nos pacientes em choque.

Em queimaduras, as enormes quantidades de proteínas perdidas podem ser rapidamente recuperadas, grama por grama, por este meio. Em estados moribundos onde há hipoproteidemia discreta ou intensa, obtém-se o armazenamento de proteínas e o nível de proteínas no plasma retorna praticamente ao normal.

Em enfermos que não podem ingerir alimentos, como logo após certas operações gastro-intestinais, o balanço normal nitrogenado pode ser mantido pelo mesmo processo. Do ponto de vista técnico, o plasma sanguíneo citratado oferece consideráveis vantagens sobre o sangue total, especialmente no tocante ao tempo de conservação e facilidade no seu emprego.

O plasma pode ser armazenado por um tempo muito maior do que o sangue total. O último sofre modificações progressivas, sendo pois limitado o seu período de utilidade.

Sangue total conservado pode causar reações devidas à hemólise e à alteração na concentração do ião potássio.

Essas reações não se concentram quando se usa plasma citratado.

A escolha de um bom método de conservação, do plasma foi assunto de grandes preocupações no início das pesquisas. O armazenamento no estado líquido fracassou porque se desenvolveram germes e se alteraram vários dos componentes contidos no plasma conservado sob esta forma. As dificuldades encontradas inicialmente para o armazenamento do plasma citratado no estado líquido foram eliminadas completamente com a separação dos glóbulos por um processo rápido de centrifugação afim de precipitar as hemácias e os leucócitos seguido por imediata congelação e conservação do plasma no estado congelado. Este método, ao mesmo tempo simples e econômico, conserva o plasma íntegro. Retirado da geladeira e aquecido em banho-maria a 37°, no fim de meia hora, o plasma já se acha em condições de ser injetado.

Já foi usado plasma congelado, com mais de seis meses na câmara frigorífica, sem que se apreciassem alterações na sua constituição e sem que os pacientes apresentassem acidentes.

Plasma dessecado. — O plasma, livre dos seus elementos figurados, é solidificado por congelação, a água é removida pela ação de bombas de vácuo, fica então, o plasma dissecado que apresenta com o aspecto dum pó de cor creme.

Atualmente o plasma dessecado está sendo usado, cada vez com maior frequência, porque pode ser armazenado sem necessidade de câmaras frigoríficas e transportado sem maiores precauções, e, sobretudo, ser injetado quando necessário, três, quatro e cinco vezes concentrado.

A despeito do maior custo na obtenção do plasma dessecado, as vantagens acima enumeradas fazem com que o seu uso, sob esta forma, se torne cada vez mais frequente. A sua administração concentrada está adquirindo cada dia maior número de adeptos, pois o plasma, assim injetado, é um meio direto de aumentar substancialmente a sua capacidade osmótica intracelular, também permite, num volume relativamente pequeno, introduzir grandes quantidades de proteínas e outros elementos úteis ao organismo combatido pela doença.

Convém frisar que a administração do plasma dessecado, em solução concentrada, é de um modo geral, isenta de reações secundárias.

Nos Estados Unidos, os órgãos encarregados da colheita do sangue fazem a sua remessa mesmo para Laboratórios particulares afim de ser confeccionado o plas dessecado.

Mesmo não levando em conta o momento que atravessamos, mas somente pensando na vastidão do nosso território, nas dificuldades que existem no interior para se fazer uma transfusão e nas vidas que poderão ser salvas havendo plasma em estoque, se deve tratar de enfrentar tão importante problema.

Em face da guerra, esta necessidade ainda se torna mais premente pois, assim como se fazem grandes depósitos de munição de guerra, de combustíveis e mantimentos, deve-se providenciar para que exista quantidade suficiente de plasma seco distribuído nas zonas estratégicas afim de ser utilizado na ocasião oportuna.

NOTAS E COMENTÁRIOS

MORTALIDADE INFANTIL

DR. OSWALDO LOPES DA COSTA

Dentre os termos usados em técnica sanitária, mortalidade infantil é dos de emprego mais corrente em meios outros que não o de saúde pública e de importância capital pelas considerações que sugere no tocante às condições das coletividades a que se refere.

Índice do desenvolvimento das atividades de saúde pública e das condições do ambiente, a mensuração da mortalidade infantil tem preocupado estatísticos e sanitaristas, no sentido de encontrar medida que represente o mais aproximadamente possível o que se passa na realidade.

A simples computação, do número de óbitos de crianças com menos de um ano de idade, a avaliação da mortalidade infantil, perde qualquer significação quando se tem o propósito de comparar o que se dá a ver em coletividades diferentes. A redução dos fatos a um denominador que exprima as condições do total no qual eles se verificam estabelece uma relação que visa levar em conta o volume da população sujeita a morrer nessa idade.

Dai o emprego do coeficiente de mortalidade infantil, no qual se refere o número de óbitos de crianças com menos de um ano de idade, ocorridos no ano calendário, ao total de crianças nascidas vivas, no mesmo ano, fornecido pelos assentamentos de Registro Civil.

Essa é a medida universalmente utilizada, apesar das causas de erro a que está sujeita, entre as quais avulta, em primeira plana, a imperfeição dos registros de nascimentos, verificada ainda nos países em que a biodemografia já atingiu um desenvolvimento satisfatório e que, entre nós, cresce de importância.

Certos coeficientes de mortalidade infantil, em capitais brasileiras, onde é de supor-se, pelas organizações sanitárias existentes, não sejam tão pre-

ciárias as condições de amparo à criança, revelam sobretudo uma deficiência alarmante do registro dos nascimentos.

Como campanha que deveria ser tomada a peito por todos os clínicos do Brasil, especialmente por obstetras e pediatras, num esforço individual, seria de inestimável auxílio a incentivação desses registros, do que resultaria certamente um benefício coletivo, uma modificação para melhor nos nossos coeficientes de mortalidade infantil, fazendo subir, no conceito dos demais países, o nível de nessa situação sanitária.



RESUMO BIOESTATÍSTICO DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS DO DISTRITO FEDERAL NA EMANA DE 3 A 19 DE MAIO DE 1942

Fatos vitais	Total da semana
Nascidos vivos	883
Nascidos mortos	71
Óbitos de menores de 1 ano	71
Total de óbitos	469
Principais causas de óbito em ordem decrescente:	
1) — Tuberculosos	91
2) — Doenças do coração	65
3) — Pneumonias e broncopneumonia	41
4) — Diarréia (abaixo 2 anos)	38
5) — Doenças do ap. circulatório	27

Dados fornecidos pelo Serviço Federal de Bioestatística.

O RIO PRECISA DE HOSPITAIS

Prevenir é um dever. O grave momento que vivemos exige que todas as nossas atenções estejam voltadas para um sem número de perigosas situações e que de pronto, com eficiência e energia, saibamos enfrentá-las a todo o custo, removendo os seus obstáculos com firmeza e decisão.

O que se está fazendo de positivo no sentido de preparar a população do Rio e dos Estados para o que der e vier, evitando que sejamos apanhados de surpresa pelo inimigo feroz e covarde, é qualquer coisa que vem de encontro ao nosso pensamento exposto acima: para a hora que atravessamos toda a vigilância é necessária.

A Cruz Vermelha, o Exército, os estudantes, as classes conservadoras, as associações médicas, os sindicatos se acham compenetrados da imprescindível necessidade de preparar a população civil para qualquer eventualidade bélica que oxalá deixe de acontecer, a bem da nossa tranquilidade e da segurança de nossas famílias.

lidade e da segurança de nossas famílias.

Ao em vez de meter a cabeça entre as asas, evitando a visão macabra do perigo, como fazem os avestruzes, as autoridades brasileiras estão a prestigiar movimentos como a da multiplicação dos postos de doadores de sangue, a promover cursos de enfermagem entre as samaritanas, a patrocinar cursos de cirurgia de guerra para os médicos civis, que acorreram em massa ao chamamento da Diretoria de Saúde do Exército.

Tudo isso é muito louvável e merece de certo o apoio conciente de todos os bons brasileiros. Mas, é preciso que se diga, ainda não é tudo o que se tem a fazer. O Rio de Janeiro é uma cidade sem grandes hospitais. Os que possuímos mal chegam para atender aos reclamos da população, em situação normal. Imaginem, agora, o que seria de nós, em caso de guerra. Os leitos dos nossos hospitais dariam para (Continua na 22ª pag.)

NOTICIÁRIO

Faculdade de Ciências Médicas — Em face do ato do Sr. Ministro da Educação aumentando o número de vagas, poderão se matricular na Faculdade de Ciências Médicas, os alunos aprovados nos exames de habilitação prestados em outras faculdades.

Curso de cardiologia clínica — O Dr. Oscar Ferreira Junior, livre docente da Faculdade Nacional de Medicina, iniciou a 20 do corrente, na 7ª. enfermaria da Santa Casa, um curso de cardiologia clínica. As aulas serão realizadas às segundas, quartas e sextas, de 8 às 9 horas da manhã.

Curso de eletrocardiografia — Em princípio de junho, terá início, no Pavilhão Miguel Pereira da Santa Casa, o curso de eletrocardiografia, a cargo do Dr. Oscar Ferreira Junior, docente de clínica médica. Trata-se de um curso de extensão universitária, para o qual as inscrições podem ser feitas na Reitoria da Universidade do Brasil.

Cursos do D.N. S. — O Sr. Presidente da República vem de assinar um decreto criando cursos de aperfeiçoamento e especialização no Departamento Nacional de Saúde, visando o aprimoramento técnico dos sanitaristas brasileiros.

Curso de Técnica de Laboratório — As inscrições para este curso dirigido pelo Prof. Abdon Lins acham-se abertas na Escola de Medicina e Cirurgia.

Curso de Antropologia Brasileira — Promovido pelo Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil terá início a 16 de junho próximo o curso de Antropologia, dirigido pelo Prof. Artur Ramos.

LABORATORIO DE ANÁLISES

"M. M. KOGAN"

Exames do liquido cefalo-ra-quiano, sangue, escarro, urina, suco gastrico, etc.

Auto-Vacinas, Espermoculturo, DIAGNÓSTICO DA GONORRÉIA E DA SÍFILIS.

DIAGNÓSTICO DA GRAVIDEZ

Das 8 às 12 h. e das 2 às 7 horas

DOMINGOS DAS 9 ÀS 12 HORAS

Rua Barão de Itapetininga, 242-3.º andar

Telefone 4-0218

S. PAULO

“A borracha, as febres e o “El Dorado” da Amazônia”

AINDA SE USA O VELHO PROCESSO DE EXTRAÇÃO DA BORRACHA — O SERINGUEIRO É PRINCIPALMENTE CEARENSE E INVENTOU UM NOVO PROCESSO DE MARCIA — O HOMEM QUE ACENDIA CHARUTOS COM NOTAS DE QUINHENTOS MIL RÉIS — A FEBRE ACABOU COM MUITA LINGUA SOLTA — A VIDA NOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA E A DIFERENÇA ENTRE OS SERINGAIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Existem muitos vegetais no Brasil que produzem latex apropriado para a confecção da borracha, porém, somente a “Hevea Brasilensis”, conhecida vulgarmente por seringueira, é que produz o verdadeiro leite, o melhor e com o qual se faz os bons produtos dessa matéria prima.

A seringueira é da família das Euforbiáceas, nativa em todo o vale do Amazonas, região avaliada em 1.000.000 de milhas quadradas, quase a metade da Europa.

A árvore tem de 25 a 30 metros de altura e 0,50 a 1,50 de diâmetro. A produção do leite inicia-se no quinto ano e prolonga-se até o décimo ano de existência do vegetal. Fornece cada indivíduo 40 a 60 gramas por dia e três a quatro quilos por safra, havendo árvores nos altos rios que produzem até 7 quilos. Nem todo o leite se transforma em borracha; a parte aquosa evapora-se e somente 50 % é aproveitável.

A melhor qualidade de borracha vem dos altos rios, isto é, dos afluentes altos e confluente do rio-mar. A seringueira é nativa em toda a planície amazônica, porém, varia de qualidade conforme o terreno, sendo melhor nos “firmes”, regiões de terra mais sólida. No Brasil a grande experiência até agora feita com o plantio dessa árvore privilegiada vem sendo realizada na região do Tapajós, orientada pelo industrial Ford.

Com o leite da seringueira, defumado, obtém-se um produto sólido e elástico, que depois adquire o aspecto conhecido por todos nós.

O homem que trabalha na faina da borracha chama-se “seringueiro” e o processo que usa é bem primitivo. Seus utensílios são rudimentares: facão (denominado terçado), latinha apropriada, com um espeto. O facão serve para golpear a árvore e as latinhas ficam depois fixadas na parte inferior do corte, para receber o leite que a árvore “chora”. Logo depois de ferida. O bom seringueiro fere a hevea com cuidado, poupando-a da melhor maneira, mesmo porque a prática facilita-lhe maior quantidade de leite.

Como a árvore nasce quase sempre longe uma da outra, nos seringais, abrem os “caminhos da seringa”, picadas dentro da mata e que se estendem, às vezes, por distâncias imensas. O seringueiro vai para a faina armado com o seu rifle 44, nem só para se defender dos bichos, como também para obter, muitas vezes, a caça. Anda muito, fazendo percurso sinuoso e longo. Vai fincando as latinhas, sem se deter, até o momento do almoço. Depois de matar a fome, com a passoca ou outro qualquer alimento, volta para retirar os recipientes que deixou aparando o leite a escorrer das árvores. O melhor processo de corte é o que se assemelha ao das nervuras de uma folha: um sulco grande longitudinal de cima para baixo e cortes laterais que venham convergir para ele. Assim, todo o leite descerá naturalmente para o rego central, sendo colhido pela latinha fixada na sua parte mais inferior.

Num seringal novo o trabalho de descoberta das árvores

Por REZENDE RUBIM

é árduo e os caminhos muitas vezes intransitáveis. O seringueiro geralmente é nordestino e as mais das vezes cearense e está habituado a toda sorte de dificuldades. Por mais fraco que esteja é sempre um bom andarilho que no trabalho da seringa inventou um processo especial de marcia, reputado valioso, para grandes caminhadas. Marcha apoiado ora numa perna, ora na outra; cansando de um lado muda para o outro, e, d'esseram-me que assim descansam mais. É tal o número de cearenses no trabalho dos seringais que na Amazônia diz-se comumente haver tantos cearenses trabalhando em tal seringal, querendo com isto exprimir que lá estão tantos trabalhadores na faina da seringa.

Nas lides da borracha há que lutar com as febres e com o clima inconstante; cobram imposto tremendo das levadas de homens que foram procurar fortuna no extremo norte. Apesar disso, muito seringueiro achou ali o “Eldorado”. Alguns fizeram-se milionários e conta-se de um que acendia os charutos, quando vinha a Manaus, com cédulas de quinhentos mil réis.

As febres da Madeira, Arupuaná, Amonea, Jamari e do célebre Machado liquidaram muita basófia. Diz-se mesmo que na “Madeira-Mamoré” vale cada dormente a vida de um homem. Não é tanto assim. A verdade, entretanto, entrevê-se nesse exagero. Na dita estrada o que ficou provado foi a fibra do nosso caboclo, único que resistiu ao meio.

No tempo áureo da borracha, apesar do regime bárbaro dos seringais, o dinheiro chegou para todos e as duas grandes cidades de Manaus e Belém ainda atestam em sua beleza o bom emprego feito com o dinheiro adquirido com o ouro negro.

O leite viscoso, quase coagulado ao contato do ar, é logo depois defumado. A operação se faz com a queima de um coco nativo. O operador usa uma haste roliça de madeira, adrede preparada, apoiando-a sobre duas forquilhaes. No chão queima o coco. No centro da haste vai derramando o leite que coagula ao contato da densa fumaça produzida com a queima do coco. A haste, que está colocada horizontalmente, imprime-se um movimento rotativo, de maneira que as novas camadas de leite vão se sobrepondo às mais antigas, formando afinal uma bola. Há bolas de 20, de 30 quilos. Terminada a operação resulta um esférico achatado e com um orifício central. Na região denominam “peles” as tais bolas. E as peles são escuras por fora, com um cheiro característico e que se percebe de longe.

Cada trabalhador adquire o que quer no barracão do seringal e paga com a borracha que fabrica. Nessa transação é que fica a vantagem do patrão. Apesar de que a terra e os mantimentos são fornecidos pelo dono do seringal a transação final é feita de tal maneira que o pobre seringueiro nunca saia sua conta.

Eis porque muitos acabaram como verdadeiros escravos, contidos por capangas armados que não lhes permitiam fugir ao cativeiro. O ambiente do seringal brasileiro nem sempre foi humano, mas, comparado ao do seringal peruano ou boliviano, levou vantagem em brandura. Lá, no estrangeiro, as coisas muitas vezes eram trágico-cômicas. O aviado pedia a mercadoria que necessitava e quando ia ajustar contas sempre levava a pior. O “cauchero” estrangeiro nunca ou quase nunca enxergou um palmo adiante do nariz. O ajuste de contas era assim:

— **Unos pantalones que usted me pidió e otros pantalones dados a usted — dos pantalones...**

Realmente, o aviado havia recebido somente uma calça, mas, pagava duas. E tudo era feito por esse processo.

Era o que contavam. Si non é vero...

Acrescentavam os informantes que os infelizes trabalhadores ainda eram roubados na conta final: 2 e 2 faziam 22 e não 4. 5 e 5, 55 ao invés de 10... Pode muito bem ser isso verdade porque o trabalhador de seringa naqueles países era quase pegado a laço; era quase selvagem, sem hábito de transação comercial.

As peles são levadas a Manaus ou Belém para a exportação. Viajam até lá a granel.

A borracha que vai ser exportada é conferida sob controle rigoroso, afim de evitar fraude de resíduos e pesos no interior das peles.

Dois homens, armados de ganchos afiados e recurvos, tomam da bola de ouro negro e um deles passa um facão afiado, partindo-a ao meio. A superfície do corte, na borracha de boa qualidade, é caracterizada por uma sucessão de camadas claras, separadas por frizos mais escuros. Essa é a “Fina Pará”, assim denominada no comércio internacional por causa do último porto brasileiro de embarque. É a melhor borracha do mundo, muitíssimo melhor que a obtida no Oriente, das árvores selecionadas e tratadas com todo o carinho. Parece que a árvore, mudada do seu habitat, perdeu muitas qualidades. Os produtos bons sempre levam, mesmo usando a matéria oriental, um pouco do produto brasileiro para fazer liga. Visitamos certa vez uma fábrica na Suíça e, ao entrarmos no depósito, o gerente explicou:

— A do chão é de Ceilão, a das prateleiras é fina Pará, sem esta não se faz liga boa.

O homem não sabia que eramos brasileiros.

Os seringais, depois do colapso da borracha, ficaram despopulados, mas as árvores, as mesmas que enriqueceram tanta gente, lá estão, à espera do braço humano. Agora já é tempo de pensar naquela riqueza abandonada. Só mesmo a guerra, com sua fome de Moloch, poderia despertar da modorra a região mais rica do país e que guarda, além da riqueza do ouro negro, muitas outras, para justificar o vaticínio dos Wallace e Humboldt.

LINCOLN, A FLORESTA E A LIBERDADE

DALCIDIO JURANDIR

Muito oportuno para o público brasileiro o livro de Nathaniel Wright Stephenson sobre Lincoln, lançado pela Companhia Editora Nacional. Os leitores do Brasil vão conhecer, agora, nesse livro claro e vivo, com melhor intimidade, a figura do que parecia ser “menos líder de homens do que diretor de homens”. Figura solitária e errante e ao mesmo tempo humana e poderosa, Lincoln nasceu na grande floresta americana, entre os “pregadores itinerantes”, cabanas de madeira, os vilarejos sujos e tristes, sob o poder agressivo e bárbaro da natureza virgem. Foi na floresta que ele encontrou os seus elementos mais vigorosos de independência, de solidão interior e de infatigável obstinação. Ali conheceu e amou os “revivals” religiosos que tão grande impressão deixavam nas mulheres pelo que havia neles de exaltado, profético e sombrio: “Um estranho, um quase terrível retorno ao primitivismo eram essas reuniões religiosas que perduraram enquanto perdurou a grande floresta. Que outras figuras existem em nossa história mais vigorosas que os pregadores itinerantes, os “circuit-riders” como lhes chamamos hoje, que viviam como Elias e cuja índole era a mesma do profeta? Tudo quanto era severo, sinistro, profético — como que a emanção suprema do âmago das selvas — encontrava naquilo a sua verdadeira voz. A religião desses homens era o êxtase de cor local, a glória do canto exaltado, a sultura das emoções fenéticas, algo sem forma, porém incommensurável, e que na vida da floresta não sabia exprimir-se de outra maneira.” Lincoln, porém, não se fez místico, não quis voltar-se àquele destino de pastor primitivo, cheio de um Deus patético e implacável contra as fraquezas do homem na sua luta com a floresta. Lincoln trouxe desses homens, das mulheres que os caviam e da terra bárbara a “trágica paciência das plantas”. E atravessou a solidão, a pobreza, os dias ásperos e incertos da vida errante, os primeiros fracassos da vida política, como um homem que conscientemente procurasse o seu grande destino e visse no desconhecido as lutas que o esperavam, os milhões de negros que aguardavam a sua libertação.

Em Lincoln podemos ver nitidamente as qualidades mais vivas de um homem do povo. Sua juventude não foi vivida nas universidades, cujos donos eram senhores de negros. Lincoln contava as suas histórias entre rapazes do povo, nas aldeias, nas granjas, em contacto com a terra e com os homens rurais, os dominadores de selva, os pequenos proprietários, os velhos puritanos que não tinham ambição de serem, depois, os grandes banqueiros e os grandes chefes de companhias. Entre lenhadores e caçadores, Lincoln ouvia histórias e escutava as vozes religiosas subindo entre as cabanas e as árvores com toda a exaltação das mulheres e o ardor místico dos pastores. Entre essas histórias havia as que contavam matanças de índios. Lincoln achava pouco heróico e pouco digno matar índios e saquear tribus. Naquele tempo essas matanças correspondiam aos interesses mais atrozes da civilização capitalista que vinha nascendo. Sem matar índio, sem escravizar o negro, sem exercer a prataria, sem destruir culturas materialmente menos adiantadas, sem dominar a terra com toda a ferocidade e toda a falta de escrúpulos não seria possível assegurar as bases de uma sociedade que se encarnou em Napoleão, Bismarck e o prussianismo militar, Disraeli e Rockefeller. Sociedade cuja ética vinha da Enciclopédia amamentando-se porém no sangue da Revolução Francesa e utilizada pelo realismo político dos navegadores, colonizadores e comerciantes que estavam criando o capitalismo industrial e o capital financeiro.

Lincoln não foi, apenas, grande pelo indivíduo que era, pelo caráter que possuía, pelas virtudes de homem de povo habituado à solidão, as secretas alegrias dum ser solitário e obstinado. Sua admirável posição na história do mundo veio dos negros que o levaram a aceitar uma luta terrível da qual dependia a sorte das liberdades democráticas nos Estados Unidos. Ele não decidiu, por vontade própria, por intuição vinda do céu, libertar os negros norte-americanos porque achava generoso e lírico libertá-los. Defendeu os negros porque era consciente de que o futuro da democracia não se limita a uma época nem se condiciona definitivamente a interesses de uma classe dominante. Ela cresce incessantemente porque sua condição mesma de vida é a vida do povo de onde retira todos os impulsos mais puros e mais decisivos. Uma condição da democracia é o seu não conformismo, é o seu estado de continuo movimento, de renovar-se para melhor ampliar a sua visão e enriquecer o seu conteúdo. Lincoln surgiu naquele momento em que nos Estados Unidos já se fazia sentir de modo prático e revolucionário a necessidade histórica de abolir a escravidão negra por não corresponder mais às razões econômicas do mundo e entre o Sul e o Norte a luta era menos ideológica que econômica. Tratava-se de abolir um sistema de produção já condenado e já impraticável. Outro modo de produ-

(Continua na 22ª pag.)

Um novo Meeternich para a América

(Continuação da pág. 9)
canos que só há pouco tempo iniciaram a repressão contra as atividades eixistas?

Os planos mais importantes sobre a penetração nazista na América Latina foram feitos pela Gestapo, em permanente colaboração com o célebre Instituto Ibero Americano de Berlim. Nesta instituição sentam-se homens ilustres com um imenso cabedal de conhecimentos sobre o nosso continente. Muitos intelectuais americanos visitaram esse instituto a convite do governo alemão, e talvez sem o saber tenham prestado preciosos informes sobre as questões continentais. Fato muito interessante é que ocupava a presidência do Instituto Ibero Americano de Berlim o general von Faupel, que é conselheiro de Hitler para as questões latinoamericanas, ao mesmo tempo que um perito do problema colonial. Com relação aos planos do Reich para a América von Faupel reuniu dois títulos inestimáveis. Com o rompimento das relações diplomáticas das Américas com os países do Eixo, porém, o famoso Instituto tornou-se ineficiente. Isso obrigou os alemães a solucionarem o impasse da seguinte maneira: O Instituto Ibero Americano juntamente com a Gestapo suspendia a sua orientação sobre os seus agentes germânicos do Novo Mundo. O controle das atividades nazistas passou a ser feito pela Central da Falange que tornava-se assim o foco de irradiação das instruções de todos os ordens de Berlim para os nossos países. Dezenas de técnicos da Gestapo e de membros do Instituto Ibero Americano já estão em Madrid. Ao que parece, a Central da Falange acha-se plenamente adaptada para continuar a ação dos seus congêneres germânicos. E como notícia um tanto esquisita, sabe-se que o general von Faupel está em Dakar como um barão báltico a fitar cubitos a América.

Cooperativas só p'ra japoneses!

(Continuação da pág. 8)
to, paixões partidárias e oportunismo"; 3.) "e se alguns papéis foram entregues ao jornalismo, foi porque vieram ler as suas mãos, provocando revolta, porquanto eram redigidos por forma parcial, visando mais diretamente os brasileiros, como por exemplo a circular n.º 23-41, de janeiro do corrente ano".
Esse é o principal conteúdo das declarações tomadas pelo sr. dr. José Leite de Almeida. Agora, para que se evidencie a procedência delas, vejamos o conteúdo da famosa circular 23-41, citada pelos depoentes:

"S. Paulo, 3 de janeiro de 1942. — Circular n.º 23-41 — Srs. chefes e encarregados de Serviço — Pela presente, reiteramos a v. s. o nosso aviso no sentido de evitar que os nossos empregados e associados, nos locais de serviço, façam ou permitam, a terceiros, quaisquer comentários a respeito de assuntos de guerra.

Outrossim, comunicamos-lhe que será sumariamente despedido o empregado em cujas mãos seja encontrado qualquer impresso ou mimeógrafo, alusivo aos atuais acontecimentos que se desenrolam na Europa ou na Ásia. — A gerência".

A circular acima transcrita, sr. redator, foi antecedida de uma outra consubstanciada nos seguintes termos:

"São Paulo, 11 de dezembro de 1941 — Ilmo. sr. chefe da Seção — Pela presente, recomendamos aos nossos empregados que se abstenham de qualquer comentá-

Franco já teve a audácia de dizer que a "Hispania Americana voltará à Espanha quando esquecer o seu complexo de liberalismo". Os nazistas da Europa não compreenderam ainda que esse preconceito de liberalismo americano custou muito sangue dos nossos povos, nas lutas que galvanizaram as nossas nacionalidades e que nos veneramos como as únicas apreciáveis conquistas da qual a nossa civilização, frente a civilizações mais cultas e mais antigas, só poderá nos orgulhar. Nesse preconceito latino-americano que tanto irrita os capitães fascistas não há somente um pretexto imperialista. Ele abriga também a aversão de novos Atilas contra uma tendência ideológica que revive vigorosa nos povos da América.

Embora a França, berço da Grande Revolução, esteja sobre o chicote nazista, o espírito desse movimento revive de forma robusta no continente americano, onde a rebeldia do nativo tropical e a experiência do imigrante oprimido da Europa, fundem entre as nossas massas um inquebrantável sentimento de democracia. A América Latina emancipada, a abolição da Escravidão. O Panamericanismo vitorioso são frutos semeados pela Revolução Francesa em nossas terras tropicais e constitui uma negação absoluta de todas as diretrizes do fascismo. Ao retumbar da Queda da Bastilha na França, as Américas despertaram e arremeteram ao solo o jugo dos seus tiranos da Espanha Imperial. Ao seu lema de Fraternité-Liberté-Egalité, a América proclamou a igualdade racial com a libertação dos negros. Entre seus princípios fundamentais, o transcendental movimento de 1879, defendia a idéia de que as nações de um continente deviam ter seus interesses regulados por acordos comuns e que a Europa não devia intervir nas questões trans-

atlânticas. Defendia assim a Revolução Francesa a idéia do Panamericanismo que se traduzia na época na Doutrina de Monroe. E' justamente essa consciência política que herdamos do movimento gaulês que se transformou em enorme movimento ameaçador do nazismo. Ao fitarem o panorama político da América, os gran senhores do nazismo se sentem enormemente hostilizados pela nossa união e reafirmação de fé na democracia. A Santa Aliança de Metternich não aceitou a libertação das colônias espanholas da América Latina, muito menos concordava com a Doutrina de Monroe que acobertava o nosso continente da sua ambição imperialista.

O Eixo inspirado por Hitler se propõe àquele mesmo objetivo que ditaram a malograda Santa Aliança criada por Metternich. E como os Reis da Santa Aliança do passado, os ditadores da Santa Aliança da Atualidade ou o Eixo, procuram reaver seus impérios coloniais, berço dos seus fabulosos tesouros e manancial da sua política escravagista, esta cubizada e ingênua América Latina. Ontem, era um Fernando em Madrid. Hoje, um Franco em Burgos. Ontem, um Metternich em Viena, hoje, um Hitler em Berlim. A Europa do passado, picadeiro dos aristocráticos tiranos da Santa Aliança. Europa do presente, campo de concentração dos povos europeus oprimidos pelos "chefes" do fascismo. Desse mesmo pedaço do universo de onde a pirataria trouxe e quer trazer novamente a escravidão para a América, o fantasma de Metternich revive em Hitler, o Metternich do presente. E a jovem América olha aterrorizada para a Europa, ao saber que de novo, um "protetor" quer desposá-la e novamente lhe presenteará com uma grinalda cuja gase servirá para cobrir as algemas dos seus pulsos delicados.

Mais um drama da Humanidade. Outra vez um novo Metternich volta a fitar a América... Oh! quando tomarem todos os Metternich da Humanidade!... Ai então a jovem América não se assustará mais com o estouro dos canhões, nem precisará correr alvoreçada dos bombardieiros aéreos, e poderá se desenvolver livremente onde quiser. Nos laboratórios, nos ateneus, nos mares, nas fábricas e nos seus imensos campos...

INJEÇÃO
ANTIBLENOR-
RÁGICA

Gonol

Suprime
a dor, não
mancha a
roupa.

(Continuação da pág. 21)
ção havia surgido mais adiantado e mais progressista e com ele um novo avanço da democracia. Lincoln não foi, pois, um simples apóstolo, um inventor de ideologias, um idealista utópico. Sua conduta foi a de um político realista e frio, simples e justo como todo estadista que encarna os interesses mais democráticos de sua época. Por isso Lincoln soube lutar e obter uma real conquista para o crescimento das tradições de liberdade nas Américas. Toda a grandeza está em que os negros libertados valorizaram a democracia e deram um sentido ideológico mais alto à liberdade americana.

Lincoln compreendeu quais as aspirações mais imediatas do povo no seu tempo, as necessidades mais justas impostas pela economia e pela razão. Dai a sua simplicidade aparentemente linear, o vigor de seus princípios e o que havia de leal, direto e dominador na sua inteligência. Em política, quando se está ao lado do povo, as atitudes são simples e as palavras claras e muitas vezes rudes. Não há necessidade de complicar a verdade. Não existem pretextos para escondê-la. O fascismo, por exemplo, usa uma demagogia nebulosa e dramática que nada encerra. A "pureza" ariana, os slogans contra a democracia, os símbolos e a encenação guerreira são armas e pretextos fascistas para esconder a verdade, oprimir os povos e deter a marcha das liberdades democráticas. Quando fazemos a defesa de Lincoln, o fazemos em nome da democracia que rompeu com a escravidão negra, luta contra a desigualdade de raças e quer manter o respeito à dignidade da cultura e ao progresso humano. Lincoln foi um democrata que não via, apenas, na abolição da escravatura um direito assegurado aos negros, mas um passo para que a democracia se tornasse mais ampla, mais necessária e mais viva. Até hoje os negros norte-americanos lutam pelas suas condições de igualdade social e cultural e a democracia, agora, está experimentando uma das suas crises mais duras e sabe que só poderá resistir e vencer se com ela estiverem todos os povos oprimidos, com as possibilidades de lutarem livremente e dignamente viverem.

A leitura desse livro sobre Lincoln anima-nos a lutar com melhor compreensão e mais inteligente decisão e nos faz amar uma verdadeiro democrata vindo do povo, atravessando a floresta e a pobreza, a guerra em favor dos negros e todas as adversidades políticas para afirmar que o "governo do povo, pelo povo e para o povo nunca perecerá sobre a face da terra".

O 5 de Julho nasceu no Meyer

(Continuação da pág. 6)
mente inversa. Eram as famílias francesas, premidas pelo fator econômico, procurando reduzir a prole, enquanto do outro lado da Maginot, seguindo uma velha orientação do prussianismo, os nazistas obrigavam as famílias, as mães alemãs a um aumento de encargos. Precisava-se de muita carne para canhão...

Agora o dr. Water Barbosa Moreira aborda um outro aspecto da tragédia íntima da mulher.

— O brasileiro, antes de casar, descuida-se por completo do passado venéreo, deixando-se quase sempre levar pelas aparências. Há porém moléstias que depois do período agudo podem dar ao infectado a falsa impressão de que desapareceram por completo. Produto de uma ilusão devida à falta de assistência médica, esse descuido, aparentemente de pouca importância, traz sempre as piores consequências. E não é pequeno o número dos que caem nessa ar-

madilha. Dai ser espantosa a porcentagem de esposas vítimas desse descuido. Então a mulher vê-se diante de um verdadeiro rosário de sofrimentos. A doença, crônica no marido, transmitida a mulheres sadias, manifesta-se em caráter agudo. Além disso, muitos males, de cura menos difíceis no homem, são muitas vezes, ainda hoje, considerados incuráveis na mulher. Mas a esposa não é a única vítima. As consequências se estendem à prole. E aí vem o cortejo de crianças aleijadas ou cegas de nascença. Monstruosas consequências de "pequenos descuidos".

E concluindo:
— Vê o senhor que o problema sanitário do Meyer, em seus aspectos mais sérios, é o problema sanitário do Distrito Federal e até mesmo o problema sanitário do Brasil. Quando elevarmos o nível econômico e educacional do nosso povo, efeitos benéficos serão refletidos nas condições sanitárias da vida dos brasileiros.

O RIO PRECISA DE HOSPITAIS

(Continuação da pág. 20)
abrigar os feridos de um possível bombardeio aéreo à capital brasileira?

O que devemos fazer, não há dúvida nenhuma, é pensar na criação de hospitais de emergência, aproveitando prédios como por exemplo o do antigo Hotel Internacional, em Santa Tereza, de há muito resabitado, além de outros que não nos ocorre no momento. Lembremo-nos que um dos nossos maiores hospitais, o Estácio de Sá, foi entregue à Polícia e que a Santa Casa e o Francisco de Assis são partes do plano de demolições da administração do atual prefeito do Distrito Federal.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

Sem Calomelanos — E Salfará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve trabalhar, diariamente, ao estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio. Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pílulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contendo não mais do que 1/4 de grama de sal. Peça as Pílulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 35000.

MÚSICA

Alexandre Brailowsky continua obtendo, no Teatro Municipal, um imenso êxito, diante de salas cheias de um público entusiasta, que não lhe regateia aplausos não menos entusiásti-

cos. Scarlatti, Schumann, Listz, Chopin, encontram sempre em Brailowsky o pianista impecável assim como o artista de sensibilidade requintada.

Quarta-feira 13, a nossa

grande Magdalena Tagliaferro, na Escola Nacional de Música, terminou a 1.^a série do curso de alta virtuosidade e interpretação musical que vem realizando para bem dos alunos e prazer de todos aqueles que a querem ouvir. Como pianista "virtuosa" admitiam aqui, todos, que Magdalena Tagliaferro era excepcional; mas, como professora, embora sendo professora catedrática do Conservatório de Paris, onde formou artistas brilhantes (excusez du peu) alguns espíritos de "difícil compreensão", duvidavam ainda dos dons maravilhosos de transmissão que possui.

Ora, os resultados das suas aulas já se fazem sentir. O jovem pianista Heitor Alimonda, que tínhamos ouvido o ano passado, e que acabamos de ouvir agora, nos faz constatar progressos notáveis. Na última aula, quarta-feira passada, Magdalena Tagliaferro apresentou uma das alunas, Oriane de Almeida, que interpretou o concerto de Schumann para piano e orquestra (orquestra, na ocasião, um segundo piano). Pois bem, digamos antes de mais nada, foi, para o público, uma verdadeira revelação do talento da jovem pianista e da magnífica escola da mestra.

Em Oriane de Almeida sente-se, nos mínimos detalhes da execução do difícil concerto de Schumann, e orientação técnica e artística de Magdalena. Isso não quer dizer que a mestra impõe a sua forte personalidade à aluna.

Não, tem-se, antes, a impressão de que, respeitando a jovem a personalidade de Oriane, a revela e desenvolve em uma orientação certa.

Não nos é possível fazer uma crítica minuciosa do que foi a interpretação das páginas de Schumann por Oriane de Almeida, mas é preciso reconhecer que estamos diante de uma natureza excepcional de artista, cujos numerosos dotes, já em plena realização, farão dela, nas mãos de Magdalena Tagliaferro, um dos nossos futuros grandes pianistas. Guardem este nome: Oriane de Almeida.

A propósito do centenário de Jules Massenet, vem-nos à memória uma das suas frases de espírito.

Massenet, que foi o mais doce dos homens, diremos mesmo o melhor dos homens, tinha, apesar de tudo, muito espírito. Um dia, um dos seus numerosos admiradores lhe pediu a opinião sobre a música de um mais que medíocre compositor. Ora, Massenet (que não sabia nunca dizer mal de ninguém) fez elogios ditirâmbicos do músico. O admirador ficou perplexo, e

É bom para VOCÊ também!

NUNCA é cedo demais para usar Kolynos. As crianças, especialmente, precisam da protecção superior que só Kolynos lhes pode dar.

Porque Kolynos não só conserva o brilho dos seus dentes e a saúde de suas delicadas gengivas, mas também protege-as contra muitas infecções perigosas que têm origem na boca.

É fácil habituar as crianças ao uso de Kolynos, porque elas adoram seu agradável e refrescante sabor.



A Cosmos vai inaugurar o maior «grill» radiofônico de São Paulo

NOVA LINHA DE PROGRAMAÇÃO PARA 1942. — O PRÓXIMO LANÇAMENTO DO "PROGRAMA DO INTERIOR", EM REDE COM 269 MUNICÍPIOS

O Rádio também tem o seu cavalo de batalha: — a "novidade". Tudo na vida pode envelhecer — menos o Rádio. Daí essa ansiedade infinta de coisas "novas", de cartazes novinhos em folha para o microfone. Antigos programas, antes tão interessantes, só têm um defeito irreparável e imperdoável: — acabam criando cabelos brancos... Vem o dia que o ouvinte boceja e dá uma volta no dial, displicentemente, com o anzol da curiosidade jogado no eter, para pescar algo diferente... E adeus o "grande" programa!

Dentro de um ou dois meses, teremos em S. Paulo a NOVA Rádio Cosmos. A PRE-7 está ultimando a inauguração de um moderníssimo "grill" radiofônico, o maior de São Paulo — que já conta os maiores auditórios do Brasil. Iniciará uma fase de grandes iniciativas, com lançamentos sucessivos de programas diferentes e atrações para o grande público. Conjuntos, grandes orquestras e cantores estão sendo contratados no País e no estrangeiro para "shows" no moderno auditório da popular emissora bandeirante, numa grande variedade de cartazes.

Os programadores também estão em atividade, elaborando a nova linha de programas teatralizados com que a Cosmos brindará os seus ouvintes.

Uma realização que se anuncia, com a abertura do moderno "grill" radiofônico dessa estação, merece especial referência pela sua magnitude. É o "PROGRAMA DO INTERIOR" e o desenvolvimento de serviços informativos especiais para os ouvintes do Interior. Neste sentido, a Cosmos se colocou na vanguarda do Rádio no Brasil. O "PROGRAMA DO INTERIOR" será feito em rede com todos os Municípios paulistas, divulgado amplamente por uma cadeia de 186 jornais e periódicos localizados em todos os pontos do Estado, os quais estão em estreita colaboração com o Departamento de Imprensa e Divulgação da Cosmos, que obedece a uma orientação única no "broadcast" nacional. Dados interessantíssimos e informações atuais sobre a vida e o desenvolvimento de cada um dos Municípios estão sendo pacientemente coligidos pela PRE-7. Esta realização se desenvolverá num ciclo gigante de 52 programas por ano, minuciosamente dedicados às cidades do Interior, focalizando a vida e figuras marcantes do progresso e da história viva de cada uma.

Outro detalhe impressionante do "PROGRAMA DO INTERIOR", tal como foi planejado pela Cosmos, será a possibilidade de retransmissão das irradiações por uma cadeia de 30 emissoras, estrategicamente localizadas em todos os pontos do Estado de São Paulo.

Prefeitos e personalidades destacadas de cada Município, serão especialmente convidados a ir a São Paulo, encerrar cada série de programas lançados pela Cosmos, para os ouvintes do Interior.

disse ao grande Massenet: "Mas, Mestre é um homem que diz horrores de seu talento, de sua música".

Ao que, com o suave sorriso, Massenet respondeu: "É verdade, meu amigo, esquecia-me de lhe dizer que esse compositor e eu, quando falamos um do outro, di-



zemos sempre o contrário do que pensamos!..."

MURILLO DE CARVALHO

DIA 26

no "Grill" das celebridades

TITO GUIZAR

O TROVADOR GALANTE



Todas as noites, um "show" que é sempre uma fina revista.

URCA

Brailowsky, a Guerra e o Nazismo

Alexandre Brailowsky é considerado um dos quatro maiores pianistas do mundo e o melhor intérprete de Chopin, na atualidade. Grande amigo do Brasil, encontra-se ele agora novamente entre nós, pela vigéssima vez. Os brasileiros do Rio e São Paulo pertencem hoje ao grande público deste artista puro, russo de origem, mas internacional através de sua arte magnífica e de sua técnica original.

Como todo artista nos dias que correm, dias aflitos e angustiosos, Brailowsky não é um homem que se enclausura na sua torre de marfim, distante das disputas humanas cá de baixo e indiferente a luta que se trava para a definição do destino do homem. Estamos todos lembrados do que foi o seu "Festival Chopin", nos inícios de setembro de 1939, homenagem ao grande Frederico, um dos mais geniais poloneses de todos os tempos, precisamente no instante em que a Polónia gloriosa e secular sucumbia sob a bota agressora do prussianismo nazista. Desde então, Brailowsky, como artista, passou a ser uma da guerra, e, como homem, alguém intimamente ligado a ela. Em todas as ocasiões que lhe são permitidas, Brailowsky não deixa de condenar o nazismo: sua brutalidade e intransigência, inimigo mortal do artista e de toda manifestação intelectual.

DIRETRIZES teve oportunidade de entrevistar Alexandre Brailowsky falando-nos, numa reportagem que será publicada no nosso próximo número, o magnífico intérprete de Chopin mas uma vez tecer comentários sobre as coisas de hoje, seus problemas e suas angústias. Através de suas palavras corajosas, sentimos o artista que não se deixou abater pela crueldade da época presente, mas que, ao contrário, transformou sua arte e sua fama em armas decididas contra a opressão e o ódio.



MOVEIS - CORTINAS
TAPETES - DECORAÇÕES

ASA

RIO DE JANEIRO

UNES

AGORA SOMENTE
65-R. DA CARIOCA-67

AVISO

Velando pela segurança de 1 milhão e meio de habitantes

O rápido desenvolvimento da capital paulista gerou um problema, à primeira vista, quase insolúvel: o do policiamento da cidade, cuja área, hoje, é de cerca de 300 kms.2. Esse policiamento primitivamente feito pela Força Policial do Estado, então denominada Força Pública, por volta de 1915 passou a ser feito pela Guarda Cívica, mais tarde substituída pela Guarda Civil criada no governo Carlos de Campos.

Atendendo às urgentes necessidades decorrentes do crescimento da cidade, hoje uma verdadeira metrópole de mais de 1.300.000 habitantes, em 1937 foi criado o serviço de Rádio Patrulha, nos moldes dos mais modernos serviços desse gênero, nas mais civilizadas capitais do mundo. Para esse fim a capital foi dividida em 33 setores, atendendo-se — como é natural — a importância e densidade de população de cada setor. E por toda a "urbs" espalharam-se dezenas de carros munidos de serviços de transmissão e recepção de rádio-telefonía, assistidos por uma Central localizada nos altos do Palácio do

Uma organização que honra São Paulo — O que é o Departamento de Comunicações e Rádio Patrulha do Estado de São Paulo — Um garoto perdido, um pai desesperado e a tragédia de um dente de ouro — Estatísticas que traduzem a eficiência de um serviço perfeito de patrulhamento — Os casaisinhos românticos e a Rádio Patrulha — A boa iluminação é inimiga do Amor — Uma palestra interessante com o dr. Oswaldo Porchat, diretor do Policiamento da Rádio Patrulha de São Paulo

PONTES DE MORAES

(Reportagem especial para DIRETRIZES)

Café, em pleno coração da cidade — Pateo do Calégio. Essa Central é dotada dos mais modernos aparelhos de rádio-telefonía e radiotelegrafia, assistidos por técnicos rigorosamente selecionados, com oficinas de construção e reparação de aparelhos e dirigida pelos srs. Venancio Aires, delegado auxiliar, e Oswaldo Porchat, como chefe do Policiamento.

PALESTRANDO COM O CHEFE DO POLICIAMENTO

O reporter de DIRETRIZES visitou o sr. Oswaldo Porchat. Foi recebido com a lhanesa que o caracteriza e dele recebeu completos informes sobre o funcionamento dessa máquina admirável que vela pela população paulista, sempre vigilante nos mais longínquos recantos da cidade, na defesa intransigente, mas serena da ordem e da tranquilidade a que fazem jús os que moure-

jam, neste torrão brasileiro, pelo engrandecimento do Brasil.

— "Vamos a um pouco de estatística. Desejo que todos fiquem sabendo o que fizemos nestes últimos tempos — esclarece o sr. Oswaldo Porchat — em benefício da população, a quem devemos contas, pois que a nós ela confiou a segurança das suas pessoas e dos seus bens. Em 1941 o nosso serviço atendeu a 29.051 ocorrências, efetuando a 15.582 detenções. Os carros de presos tiveram 36.144 chamados, conduzindo para os postos policiais 4.243 menores, 2.683 dementes, 1.177 cadáveres e 48 reforços de policiamento.

"Esse trabalho representa um grande esforço e exige das guarnições dos carros da Rádio-Patrulha uma abnegação sem par, durante as seis horas, tempo de cada plantão.

As ocorrências aumentam — naturalmente — à noite. A hora mais agitada é 21 horas e a mais calma às 6 horas. Esse total de ocorrências pode ser classificado em 33 modalidades, desde o crime de morte até à embriaguez. Entretanto, desde que se criou a Rádio-Patrulha — posso afirmar — o número de alterações da ordem caiu sensivelmente. E' o resultado da eficiência na prevenção. Em 1940 tivemos 31.675 ocorrências contra 29.051 em 1941".

O PESSOAL

O Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha — nome oficial dessa importante organização — é dirigida por um Delegado Auxiliar, com funções de Diretor Geral. As duas feições principais do Departamento, a Rádio-Comunicação e a Rádio-Patrulha, são dirigidas, respectivamente, por um diretor técnico, engenheiro electricista e um diretor do Policiamento, bacharel.

A Diretoria Técnica tem ainda três chefes de Serviço, sendo um técnico, um mecânico e um do Tráfego Central (rádios).

Possue cerca de 40 estações de radiotelegrafia distribuídas por todo o Estado, localizadas nos pontos de interesse policial. As estações estão habilitadas a se comunicarem com aviões, com estações portáteis de comitivas científicas e aptas também para localizar os aparelhos clandestinos de rádio-emissão. O seu quadro tem 130 radiotelegrafistas. A Diretoria Técnica mantém plantões permanentes para reparações das estações, das viaturas, para abastecimento de combustível, para a carga de acumuladores e para o movimento de expedição e recebimento de rádios oficiais.

A Diretoria de Policiamento tem sete chefes de Serviço que fazem, em rodízio permanente, plantões na sala do Controle, além do serviço normal de Expediente. São funcionários devidamente instruídos e preparados para exercerem, com critério, as funções, cheias de responsabilidades, dos seus cargos, de certo modo assemelhados aos de autoridade policial.

Com exceção de um antigo sub-delegado, os demais são formados ou estudantes em estabelecimentos de ensino superior.

AS ATRIBUIÇÕES DA DIRETORIA DO POLICIAMENTO

A Diretoria de Policiamento cuida especialmente de manter a ordem nas ruas da cidade, sendo essencialmente de natureza policial-repressiva, visto que, seus veículos se deslocam dos estabelecimentos unicamente depois de chamados pelos interessados. Como sóe acontecer, a eficiência e presteza em reprimir, atribue como consequência, uma feição preventiva à Rádio Patrulha.

Para o cumprimento de suas atribuições, a Diretoria do Policiamento dividiu a cidade em 33 setores, de áreas desiguais, atendendo porém, a maior ou menor possibilidade de imprimir velocidade às viaturas, a maior ou menor densidade de população e a maior ou menor frequência de alterações de ordem pública.

Desses 33 setores, em consequência das deficiências de pessoal, de material e presentemente, de combustível, somente 13 estão providos de viaturas.

As viaturas da Rádio Patrulha tem aparelhos de recepção e transmissão de rádio, em fonia. Estão guarnecidas por um guarda encarregado, um motorista e um auxiliar. Como armamento levam revólver e, em cada carro, uma Winchester.

De cada ocorrência que atendem fazem um pequeno relatório, cuja redação é facilitada pelas perguntas impressas que se acham nos talões, tais como testemunhas, local, hora, providências, etc.

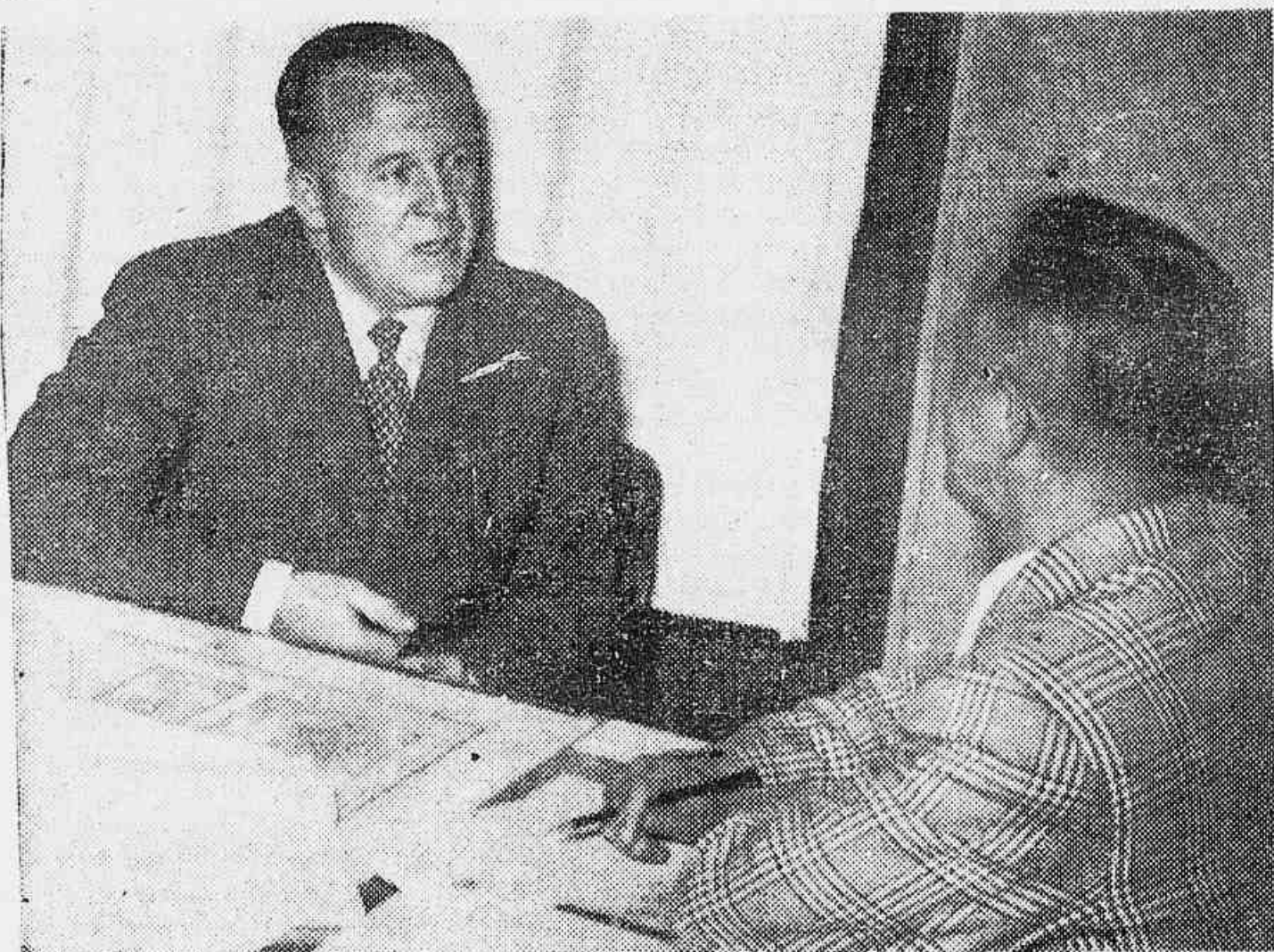
No decorrer dos últimos dois anos a Rádio Patrulha atendeu mais de 35.000 ocorrências por ano nas ruas da capital, registrando ainda a média de 2 1/2 minutos entre o tempo da irradiação e a hora da chegada da viatura ao local do chamado.

Cabe ainda à Diretoria do Policiamento providenciar todos os transportes de presos, menores, dementes e cadáveres solicitados pelas autoridades policiais.

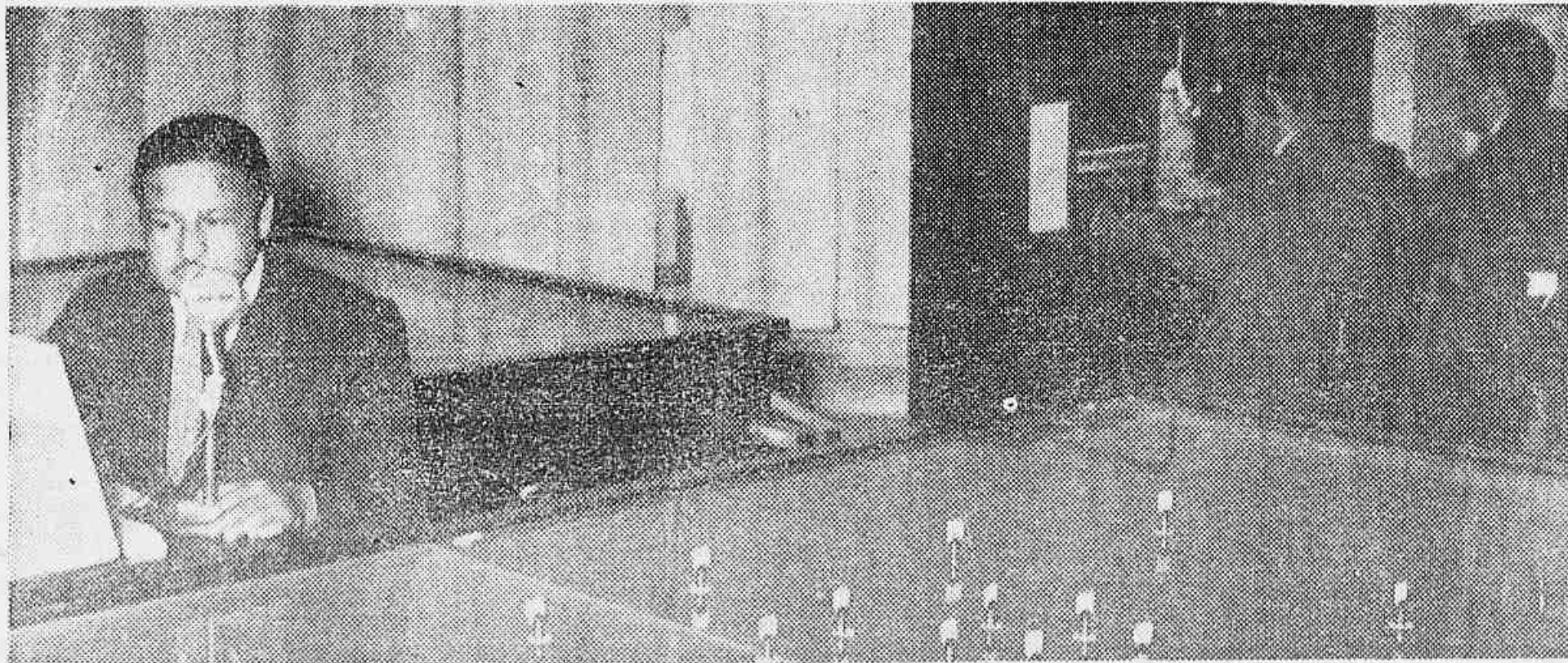
Durante o último ano, a Rádio Patrulha prestou cerca de 44.000 transportes desta natureza.

O que nos dá quase 80.000 serviços policiais prestados pela Rádio Patrulha à população de São Paulo, por ano.

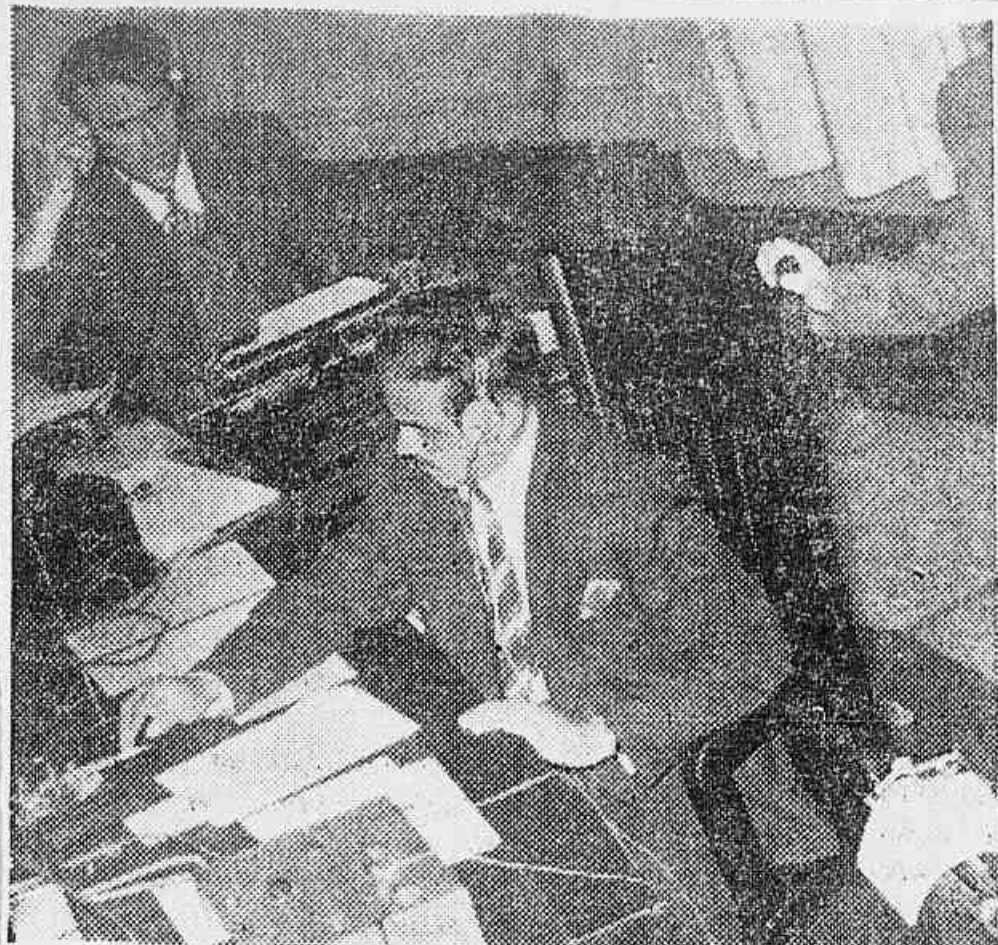
Enquanto o Departamento



O dr. Oswaldo Porchat, chefe do policiamento da Rádio Patrulha, conversando com o reporter de DIRETRIZES



A sala onde está instalado o Controle do Departamento de Comunicações e Rádio Patrulha do Estado de São Paulo. O funcionário que se vê em primeiro plano expede as ordens às viaturas espalhadas pela capital paulista e recebe detalhes das ocorrências. No fundo vê-se um PBX, onde 2 funcionários atendem o serviço telefônico usado para a recepção do pedido de providências.



Sala de recepção e transmissão do volumoso serviço telegráfico da Rádio Patrulha.

de Rádio Patrulha não tiver seu quadro privativo de funcionários para as guarnições das viaturas, está autorizado pelo decreto que o instituiu, a utilizar elementos das corporações policiais já existentes.

Presentemente a Rádio Patrulha vem utilizando os bons serviços de cerca de 350 guardas civis selecionados e instruídos constantemente na D. R. P.

Pela sua mobilidade, pelo número de homens de suas guarnições e pela apreciável potência de fogo de que está dotada, cada viatura da Rádio Patrulha representa um poder repressivo considerável, tão eficiente e bem aplicado quanto perigoso se aplicado abusivamente. Daí a necessidade de fiscalização severa e permanente que deve ser exercida.

EM SANTOS

A Diretoria de Policiamento organizou também um serviço de Rádio Patrulha para servir a vizinha cidade de Santos.

O pessoal previsto para o policiamento e rádio-comunicações foi o seguinte: um chefe de serviço, dois 4.ºs escrivães, cinco controladores-telefonistas, dois encarregados de acumuladores, um mecânico, um técnico de rádio, quatro radiotelegrafistas, um servente-lavador e um estafeta. Para as viaturas: 60 guardas.

A cidade de Santos foi dividida em sete setores, sendo que os dois setores que margeiam os armazéns das docas deveriam ter em cada viatura um guarda intérprete.

Por deficiência de meios, o policiamento de Santos está sendo feito apenas com quatro viaturas e o pessoal previsto apresenta 30% de claros.

As viaturas da cidade de Santos estão munidas apenas de aparelhos receptores, donde a necessidade das comunicações dos guardas com a estação (Controle) serem feitas por telefones cedidos por favor.

A ESTAÇÃO CENTRAL

A estação central da Rádio Patrulha (em São Paulo e em Santos) é chamada — "Controle". Dia e noite está em atividade, irradiando, recebendo chamados e informações de particulares ou dos próprios carros, anotando tudo que pu-

der ser útil, para manter ao corrente do que se passa, as autoridades que estiverem de plantão.

Afim de evitar, tanto quanto possível, a perda de trabalho atendendo a chamados falsos, o telefonista, ao receber um pedido de providência anota o telefone utilizado e imediatamente, finda a comunicação, chama novamente esse número verificando assim a veracidade do chamado.

Para manter as guarnições prevenidas contra surpresas de reações por parte dos implicados em certas desordens, como para adverti-los da necessidade de se dirigirem com muita velocidade para os locais determinados, etc., existem convenções várias palavras "senhas", cujos significados são conhecidos dos policiais.

Convém frisar que a eficiência da Rádio-Patrulha influiu decisivamente no sensível decréscimo do número de furtos de automóveis. A rapidez com que são atendidas as reclamações não permite, que o gatuno tenha tempo de, sequer, recolher o carro a uma garagem para camuflá-lo e muito menos sair da cidade, pois que as estradas de rodagens são constante e rigorosamente vigiadas.

UM CAPÍTULO SENTIMENTAL

O desenvolvimento de São Paulo, como era natural, deu uma nova feição à cidade. O São Paulo romântico, pequeno e mal iluminado de 1915 transformou-se numa metrópole dinâmica, barulhenta e, na quase totalidade da sua área, bem iluminada.

Mas a boa iluminação não atingiu certos logradouros públicos e em certas ruas foi neutralizada pelas árvores centenárias, muito copadas e causa de muita sombra.

e as Julietas, extravagantes de

Nessas praças e ruas enxameiam os namorados. Parzinhos românticos escolhem as ruas sombrias para os seus devaneios, pois que o Amor é inimigo da boa iluminação. Beijos prolongados, tipo cinema norteamericano, entrecortados de palavras ternas e promessas vivazes, procuram a sombra protetora e simpática das velhas árvores que o van-

dalismo moderno ainda não destruiu. Esse é ainda o espetáculo que lembra São Paulo, de 1900, com vida farta e despreocupada, sem guerras, revoluções e questões sociais. O Amor, apesar de tudo, ainda é a pilula dourada da Vida. E em São Paulo ainda se ama romanticamente pelas ruas e praças escuras, longe do olhar indiscreto dos moralistas.

A polícia comum é feroz. Roda com o seu carro de presos, assustando e, quando pilha em flagrante, detém os Romeus e as Julietas, extravagantes de vida e de seiva amorosa.

Mas a Rádio-Patrulha é mais humana e — porque não dizer — mais romântica. Limita-se a assestar o farol do carro na direção do idílio. O par foge assustado e procura outra rua escura. Os guardas só o persegue com a luz, essa inimiga tremenda dos namorados.

OS CASOS DA RÁDIO-PATRULHA

A Rádio Patrulha atende casos os mais diversos. Alguns até pitorescos. É uma gama cheia de nuances. Vai desde a tragédia sangrenta ao ridículo. Mas as guarnições são sempre, dedicadas e complacentes.

Ha dias, do bairro da Casa Verde, bem afastado do Centro, veio um chamado angustioso. Cêlere a viatura partiu ao ponto mais próximo em demanda ao local da "tragédia".

Era um caso para rir. Uma ninharia para a guarnição, mas uma "verdadeira desgraça" para a vítima. Uma senhora que, numa rua desprovida de iluminação, havia perdido um "pivot" de ouro, solicitara a intervenção da Rádio Patrulha para, com auxílio do farol do carro, procurar o dente. Um determinado trecho da via pública, delimitado pela vítima, foi varrido com a luz do farol... e o dente foi encontrado com grande regosiço para a anciã que seguiu o seu caminho desejando toda sorte de felicidades aos guardas da guarnição.

Outros casos traduzidos, a princípio por chamados urgentes, são depois de poucos minutos, solucionados com a maior simplicidade, dada a sua insignificância. Mas nem por isso deixam de serem atendidos. A solicitude é a principal característica da Rádio Patrulha Paulista.

NA ESTAÇÃO CONTROLE

Um dia, já alta a noite, barafustou pela estação Central a dentro, um cavalheiro de aspecto desvairado, com os olhos lacrimejantes. Mal pôde contar ao plantão a desgraça que o atingira. O seu relato quase ininteligível de homem desesperado e exausto, foi compreendido afinal. Um filho — garoto de seis anos — havia desaparecido das imediações da sua casa. O alarme foi dado e todas as viaturas ficaram alertas. O pobre homem choramingava ainda, mal decorridos quinze minutos, já um dos R. P. avisava pela radiotelefonía que a criança fora encontrada.

O pobre pai, com olhos umidos ainda, foi encontrar o seu rebento querido, brin-



O jornalista, enquanto não aparecem novas a registrar, palestrar com a guarnição do R. P. 30, na rua da Conceição na capital paulista

cando calmamente dentro do R. P. sob o olhar vigilante e paternal das guardas.

OS "PAUS D'AGUA"

Os "paus d'água" contribuem com um elevado número de "ocorrências". Alguns viram valentes e dão certo trabalho aos guardas para recolhê-los à residência ou ao carro de presos. Outros, estirados na calçada, são recolhidos pela viatura e levados para a Central de Polícia de onde, após cozinhareem convenientemente a bebedeira, são mandados em paz.

As primeiras horas da manhã, principalmente, as guarnições percorrem os lugares mais "propícios" para fazer a "coleta" de "paus d'água". São tipos que variam de cara e de indumentária. Desde o "mocinho bonito" até o pobre diabo encharcado de cachaça.

Um dia — fala agora um dos guardas de um R. P. — a estação mandou-nos a uma determinada rua do setor. Era um chamado urgente. Corremos velozmente para atender à "calamidade".

Era um susto somente. Uma jovem fizera o apelo para arrombarmos o banheiro da casa e de lá retirarmos o seu pai, morto talvez, pois que para lá entrara há mais de uma hora e não mais dera sinal de vida, apesar dos seus gritos.

A porta foi arrombada. O banheiro estava vazio. Pouco depois verificou-se que o velho tinha saído para a rua sem que a moça visse e um seu irmãozinho menor se trancara no banheiro, saltando, depois para o quintal. A porta fechada causara todo o reboliço.

AS RESTRIÇÕES DO MOMENTO

Atualmente, atendendo à restrição no consumo de gasolina, a direção da Rádio Patrulha reduziu o número de viaturas. De 33 que atendiam o serviço da cidade, a cifra foi reduzida a 18. Mas o trabalho continua a ser feito normalmente, pois que certas viaturas passaram a atender dois setores, suprimindo, destarte, a falta dos carros retirados do serviço.

As reclamações confiadas à R. P. tem o caráter secreto e o nome dos reclamantes são fornecidos somente por solici-

tação do Juiz. Isso evita que os alvejados tomem desforços pessoais.

A DIREÇÃO DA RÁDIO PATRULHA EM S. PAULO

Essa organização que tanto orgulha a capital paulista é dirigida pelo delegado auxiliar, dr. Venancio Alres e tem como chefe do Policiamento o dr. Oswaldo Porchat. O dr. G. Mastena é o seu diretor técnico e o dr. Marçal de Barros está na chefia do Tráfego do Serviço Radiotelegráfico. Uma pleiade de auxiliares especializados completam o quadro dessa magnífica organização sob cuja égide São Paulo, o gigante da produção brasileira, trabalha, se diverte e dorme tranquilamente.

O SERVIÇO RADIOTELEGRÁFICO

Em 1941 o Serviço Telegráfico do Departamento de Comunicações e Rádio Patrulha do Estado de São Paulo expediu e recebeu cerca de 260.000 telegramas com mais de doze milhões de palavras, exclusivamente em serviço público, pois que esse serviço trabalha para todas as repartições do Estado e Serviços Meteorológicos Federal e Estadual. De acordo com o Regulamento Internacional do Serviço Telegráfico presta toda a assistência aos aero-navegantes, quando solicitado. Esse serviço tem preferência sobre qualquer outro.

O serviço interestadual está sendo feito com o Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e atende às necessidades oficiais, principalmente às policiais.

No interior do Estado as estações estão localizadas nos postos policiais e na capital são as seguintes as estações que atendem o movimentado serviço da R. P.: Central — PYH6; Gabinete de Investigações — PYG6; Secretaria de Segurança Pública — PYN7; Palácio do Governo — PYN9; e Penitenciária do Estado — PYN6.

Sob a chefia do sr. José Mattos de Souza funcionam, nos fundos da Central de Polícia, as oficinas de reparação e construção de aparelhos de rádios que atendem às necessidades da R. P.

O mestre é o obreiro da gratidão e fidelidade à Pátria

(Continuação da pág. 31)

Fatos ocasionais ou voluntários, circunstâncias fortuitas, intermitentes, às vezes, constantes em outras, de menor ou maior gravidade criaram nova expressão ao sentimentalismo brasileiro, nos reflexos de sua convivência com os portugueses.

A DEFESA DO SOLO NATAL

O aumento da nossa população; o menosprezo ao desassombro do nosso proceder, em defesa do solo natal, libertado a custo do nosso heroísmo, das bonifarras estranhas; o abandono à sorte, a que nos votou a metrópole, em condições desfavoráveis para nós, em presença de inimigos sem conta, aguerridos e bem armados; as fortunas construídas pelo colonizador em nosso meio; as remessas das imensas riquezas daqui para além do oceano; os estorvos e as humilhações do governo intramontano e de seus prepostos — eis, arrolados, os fatores que nos fizeram aquilatar o valor da nossa contribuição, reforçando-nos a consciência da nossa individualidade coletiva.

O apego instintivo à região nativa, o enlevo e o ciúme, do seu deslumbramento, o tédio aversivo que nos inspirava o sistema desdenhoso da coroa brasileira deram configuração ao nativismo, patenteado na rivalidade entre os descendentes do português e os reinóis, entre os filhos da terra e os seus possuidores de então.

Portugal hodierno e o Brasil contemporâneo, por seus governos e povos, não respondem pelos erros de ontem, que os tempos esgarçaram, e a recíproca estima, os rumos iguais, os interesses comuns, a inteligência e a alma de ambas as nações tem como pulverizados.

O nativismo é o prefácio do nacionalismo. A significação dos mesmos está, mais do que nos seus nomes, nos seus resultados. Mais se apreende na atenta análise prática de suas fórmulas do que na síntese de seus enunciados. Os acontecimentos, e não as palavras, os definem. A paronímia de seus termos obscurece a distinção entre eles, mais compreensível se tornando a específica diversidade, ao lhes esmiuçarmos as causas materiais quanto ao nativismo, motivadores classificando, de ordem espiritual e jurídica, os conspectos inerentes ao nacionalismo. Este buscava a obtenção de iguais direitos na vida coletiva, sem indagar a diferença pessoal do nascimento, à política metropolitana concedendo a supremacia governamental sobre os habitantes locais e distantes. O nacionalismo, ao contrário, insurgiu-se contra a subordinação brasileira às ordens de Lisboa, exigindo fossem respeitadas as linhas geográficas dos respectivos espaços, advogando condições de autonomia.

Das repetidas competições particularistas do nativismo, em anos diversos manifestado, ora num ora noutro ponto do território brasileiro, sem ligações diretas entre si, brotou o nacionalismo, na exuberante eclosão do entusiasmo, fundamentando, expandindo e determinando o ideal da Independência.

A Revolta de Beckman, no Maranhão; os Mascates em Pernambuco, os Embaobas, em Minas; o martírio de Felipe dos Santos; a glorificação de Tiradentes, mistificada no opórbio; a Revolução de 1817, são capítulos sucessivos da rebelião, preparando e antecipando o Grito do Ipiranga, centralizador máximo das explosões locais do nativismo.

No decurso do século XIX, com a mesma insistência que demonstrávamos, não se repetiram as provocações dos soldados e marujos estrangeiros, porque a Europa se unia para enfrentar a França revolucionária.

A Convenção e o Diretório, o Consulado e o Império, sucessivos órgãos da nação revel, abalaram o prestígio dos monarcas da época, absorvendo-lhes os cuidados os trabalhos, num estado permanente de concentração de forças, em benefício da própria estabilidade, contra a qual se levantavam, ameaçadores, os princípios libertários. A preocupação da segurança dinástica fê-los se quietarem temporariamente, nos deixando a colher de surpresas desagradáveis.

Eclipsada a vitoriosa carreira militar de Napoleão Bonaparte, com os reveses que a arrastaram em Leipzig e Waterloo;

anulado o encanto político do famoso imperador-soldado, com a prisão na Ilha de Elba e o posterior exílio, em Santa Helena, decidiram as nações aliadas reunir-se no Congresso de Viena, cada qual procurando tripudiar, com maior desenvoltura, na repartição do espólio, inimigo, no suposto direito de quem mais quer e pode reivindicar quinhões. As finalidades da magna assembleia resumiam-se no recompor o mapa da Europa, pela correção arbitrária dos abusos cometidos, por quem tivera o mau sonho de julgar possível fazer-se único senhor do mundo, ideia fixa de umas tantas figuras da História, de eras já volvidas no pretérito e de outras viventes hoje em dia.

Obsessão? Sim, obsessão mórbida que enfiáqueceu, no passado, o pensamento de reis orgulhosos de suas ascendências, perdidos na voragem das ambições desfeitas. Na hora que passa vem ela obliterando o raciocínio de césares improvisados, de nomes trocados, ferrabrases doutrinadores de cervejarias, blazando ter nas veias a superioridade e a pureza do sangue, colorindo, então, no painel dos acontecimentos, com as tintas da incurável megalomania, os contornos e assombros do balofo messianismo, arrostando os méritos de uma "nova ordem" com que se mascara o necrofago sadismo das lágrimas e do sofrimento, da escravidão e da morte.

Conoidei-me aqui repetir as belas palavras de Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, respeitável arcebispo metropolitano de São Paulo, em as quais, com a doutrina da Igreja, se harmonizam as lições da História, do Direito e da Sociologia: "Não há, para nós, raças superiores ou inferiores, nascidas umas com o monopólio de gênio ou da força e outras geradas com as lutas do servilismo e da fraqueza, porque a mesma centelha de inteligência Deus acendeu em cada cérebro humano, como em cada coração ateu idêntica jughla de amor e bondade."

O Congresso de Viena, a que nos referimos, teve, na Santa Aliança, o seu forçado complemento. Seu mentor supremo foi Metternich, ferrenho reacionário absolutista, que se vangloriando de ser o "rochedo da ordem" contra o qual, impotentes, se esbateriam os vagalhões da anarquia, desfraldou a bandeira de combate ao liberalismo. Na Conferência de Aix-la-Chapelle, realizada em 1818, o famoso chanceler austríaco, em prol do fortalecimento da autoridade monárquica, fez triunfar o chamado "princípio da intervenção".

DOCTRINA DE MONROE

O exemplo dos Estados Unidos, desgarando-se da Inglaterra, a Revolução Francesa e as dificuldades que asoberbaram a Espanha e Portugal, primeiro, para derrotarem os exércitos de Napoleão e, posteriormente, nas lutas entre o absolutismo e o constitucionalismo, aos patriotas americanos ensinaram a cristalização do sonho da liberdade. No realismo histórico, esplendoroso, ela ressurtiu abençoando os anseios de Hidalgo, Mina, Nariño, Bolívar, Santander, Miranda, Yegros, San Martín, Moreno, Carrera, Recalde, O'Higgins, Louverture, Sucre, Tiradentes, José Bonifácio... e toda uma legião de Atlantes da glória!

Debalde, flebis, sob a tristonha celagem, o Manzanares e o Tejo clamariam os queixumes das duas velhas nações da América, pela firmeza dos povos que elas fizeram nascer para a luz da História, assistindo-lhe e valiantes primeiros passos, ensinando-lhes a crescer e a viver...

Metternich, espantado, convocou e realizou o Congresso de Verona, finalizado em dezembro de 1822, alvitrando a intervenção da Santa Aliança, no intuito de recolonizar as terras que haviam proclamado a soberania nacional.

Entretanto, levanta-se a doutrina de Monroe, consubstanciada na afirmativa de que o Novo Mundo, de então para o futuro, não seria colonizado por qualquer nação do continente europeu e, mais ainda, toda veleidade de extemporânea de intervenção, contra as que se haviam tornado independentes, seria tida como hostilidade aos Estados Unidos.

Dois mentalidades contrárias, dois interesses antagônicos se en-

trechocavam. Impossível estabelecer-lhes a conciliação e a unidade: de uma parte arremetiam-se os reacionários defensores da opressão imperialista; em campo adverso se postaram os inovadores patriotas, apologistas da liberdade, em si encarnando a força natural do crescimento dos povos jovens, reagindo contra o externo predomínio.

Contra o insolente "princípio da intervenção" os americanos postularam o "princípio nacionalista" estabelecendo a soberania das nações, de motu próprio organizadas e regidas, imprimindo orientação voluntária à sua existência, na escalada porvindoura dos séculos.

As heranças inalienáveis de Fernando VII da Espanha e de Dom João VI, de Portugal, consagradas pela sanção dos tempos, dissipar-se-iam no curso da História, como as nuvens fugitivas caminhando a esmo.

Como, outrora, os soldados faraônicos de Menefitá, arrostando o Mar Vermelho, em perseguição aos hebreus, dispor-se-iam a imitar os exércitos espanhóis e portugueses, afrontando a travessia do Atlântico, para a obediência submeter os povos rebeldes, castigando-os, como o fizeram aos invasores franceses, nas batalhas de Salamanca, Badajoz, Róica e Buçaco?

Assim resolvidos, não temeriam fossem os velames de seus bergantins, fustigados pelas ondas, não lhes assaltando o receio de fragoroso desbarato, no encontro com os gigantes que livres os pulsos, de esperança tendo a alma banhada, queriam respirar, em haustos profundos, sob o azul luminoso do pátrio céu, a jublosa certeza de pensar, sentir e mover-se por si, medindo a projeção futura de seus ideais, pela vertical do espaço e pela demarcação intermina dos horizontes?

Ou lhes abafaria a despeito o orgulho de antever o brilho e a pujança de uma nova civilização, trabalhada pelos sucessores dos astecas, maias, incas, guaranis, araucânicos e tupis, como rebentos floridos espirituais, cintilando em portentos de ousadia, em torno das montanhas e ao longo dos rios, que lhes defenderam e acalentaram o berço?

Quanto a nós, como, aliás, em relação aos nossos vizinhos, e sabido, não viram os destituídos preceptores, com olhar de complacência, os impetos de liberdade.

Diferenças marcadas vinham a conquista da soberania brasileira e a maioridade política das colônias espanholas da América: Os vice-reinados que se chamaram do México, Nova-Granada, Peru e Plata, desmembraram-se na fúlgida constelação de nacionalidades, todas elas regidas pela forma republicana, com elementos nativos colocados na suprema direção da responsabilidade governamental. Só o Brasil manteve a grandiosa unificação, menos como fruto consequente das condições geográficas ou governativas, do que no singular determinismo da História; só ele modelou a sua estrutura na imprevisível conformação da monarquia, mais de meio século retardando o advento da República, ideal de todas suas revoluções; só ele, finalmente, confiou seus radiosos destinos a um príncipe de sangue, da própria nação de que se deslajara.

Além das causas políticas, razões sentimentais devem ter influido no extraordinário acontecimento.

Sem olvidarmos as querelas motivantes do rompimento da nossa primitiva subordinação colonial, temerária não nos parece a suposição de haveremos elevado ao trono o filho do monarca português, como se nos inspirasse o desejo de tributar cordial tratamento à pequena-grande nação que, ao mundo, um mundo fizera conhecer.

NACIONALISMO E POVO

"e, se mais mundos houvesse, lá [chegara]."

Honramo-la, qual se nos impelisse o desvelo filial de cinzelar a estima de um povo stimples, bondoso e ativo, que na trajetória de sua existência mostra a força dominadora de sua crença, a beleza de sua intrepidez, os edificantes exemplos de suas tradições, e os indutíveis do espírito, que o manejo do mesmo idioma sedimenta em penhor de afeto comum.

Destituído completamente de

senso não será emprestar aos brasileiros o critério de homenagem, em requintes de agradecimento, admiração e respeito, na pessoa de Pedro I, a loura e jovem Leopoldina de Habsburgo, sua amável consorte, ardente instigadora da Independência Nacional, a quem devemos, em parte, o amolecimento dos rancores santalancistas da Áustria de Metternich.

Para gáudio nosso, o nacionalismo brasileiro, em fase tão alvoroçada e difícil, madrugou na alma popular, como índice afirmativo de sobrevivência, em que a nobreza e a altivez se igualaram.

A simpatia que envolveu Dom Pedro I, aos poucos rareando, de todo se dissipou, até ocasionar-lhe a abdicação. Para tanto concorreram os defeitos atávicos do seu temperamento impulsivo, o caráter personalista, a falta de escrúpulo na vida particular, herdados remanescentes psicológicos da rainha Carlota Joaquina. Fatos políticos vieram agravá-los, como fossem: a desintegração da Província Cisplatina, o recrudescimento de antigas desinteligências entre portugueses e brasileiros, a tudo se avolumando externamente, a impertinência de seu irmão Dom Miguel e os reflexos triunfantes da França, na luta "trois journées glorieuses" que depôs e desterrou Carlos X.

Imparcial e detidamente fôsemos perlestrar, os anais da nossa política exterior, dos albores do 1º Império aos nove anos de Regência, desta ao fim da monarquia de Dom Pedro II, e pelos tempos agora em que a República se projeta, veríamos a inflexível e forte linha do respeito à justiça, como tradição mantida pelo Itamaraty, numa reta serena e digna, de José Bonifácio ao Marquês de Abrantes, da administração do Marquês de Olinda ao Visconde do Uruguai, deste ao 1º Rio Branco, do Conselheiro Antonio Saraiva ao Barão de Loreto, prolongando-se através dos ministérios republicanos de Quintino Bocayuva, Visconde do Cabo Frio e do Barão do Rio Branco — o excelso apóstolo da paz continental — sem nos esquecermos de Nilo Peçanha, Azevedo Marques, Félix Pacheco, Mello Franco e, mais perto de nós, Oswaldo Aranha, o vitorioso árbitro da simpatia pessoal, das encantadoras maneiras simples, da palavra vibrante e persuasiva, das atitudes fidalgas, guardião intemerato do nacionalismo brasileiro e da soberania americana!

Cantam em nosso orgulho os ecos triunfais das missões e congressos em que nos fizemos representar, sagrando os batalhadores impertérritos dos legítimos direitos do Brasil, chamem-se eles Alexandre de Gusmão ou Marquês do Paraná, Joaquim Caetano da Silva ou José Alexandre Teixeira de Mello, Joaquim Nabuco, ou Ruy Barbosa ou Epiácio Pessoa.

A serenidade a energia com que temos defendido o direito e a justiça, na paz como na guerra, não apenas no interesse próprio, como vantajosamente para as demais nações do mundo inteiro, evidenciam-se na doutrina de não reconhecer o Brasil a aquisição de territórios pela força, de reprovar as perseguições raciais e religiosas e de praticar os princípios da solidariedade humana.

Envidamos seguidos esforços em prol da paz, só a guerra invocando em situações extremas, não atendidos os meios suaves, em defesa do solo pátrio, dos nossos direitos, da nossa honra. Vitoriosos, nunca nos cegou a desafrota; jamais nos embriagaram os louros, espoliando os bens dos que a sorte abatera: Sempre julgamos cessados os nossos direitos quando, em igualdade paralela, os de outrem se levantavam. Procedimento sob todos os pontos honrado e, a todas as luzes, superior, nos conferiu o respeito, a estima, a confiança das nações vizinhas, reciprocamente nos animando o ajuste de não revivermos caducas e passagereiras animosidades.

O panorama que o mundo amarga nos dias que passam, sombras e instáveis, carregados, tristemente, de erros e vilezas, de modo brutal solapados pelo ódio e pela traição, contrariam as normas e os portulacos a que o Brasil afeiçoa os seus esforços, honrando a civilização cristã, servindo à paz universal.

Fleis aos sentimentos e às tradições, a palavra assegurada em

compromissos e aos imperativos realistas do momento, as nações da América se uniram no recente conclave dos chanceleres, no Rio de Janeiro, para responder os comuns inimigos da paz, assecas do crime, sicários da maldade imperialista.

Não nos surpreendem seus arréganhos e botes, sob a execrável proteção dos chicotes e das esporas colocando povos dignos, contra os quais investem com violência e rapinagens elucidativas de uma egoísta civilização, toda sua, particularmente sua, que a revolta e a dor inflama.

Bradam aos céus os frios assassínios de reféns inocentes, que lhes ocupam o espaço vital, onde só as minorias étnicas deveriam respirar...

Embarcações neutras metralhadas, navios desarmados mercantes postos ao fundo, aquecem a zona de bloqueio, entregues ao comércio pacífico, longe de comprovar a decantada superioridade racial, que alardeiam, evidenciam a brutesa de seus instintos.

"saciando o ódio profundo... com as garras na mão do mundo, com os dentes no craço..."

A hora é de cuidado, consciente, forte disposição de ânimo e férrea disciplina, preparando a indestrutível frente interna das gerações, solidificadas, espiritual e materialmente, hoje e amanhã, impossibilitando toda e qualquer subordinação a outros povos.

Bem haja, pois, a Liga Acadêmica de Defesa Nacional, órgão da mocidade universitária paulista, clarinando a vigilância, para desfazer as ameaças e os perigos do momento internacional!

Alguns dias, enjaulados na impotência de hegemonias alucinantes, refeitos na contrição de seus desmandos, no eixo retítilo da razão e da moralidade, serão compelidos a entrar os Países do Eixo.

Inimigos de Deus, titeres das conveniências subalternas, representavam-nos e serviam-nos, oficial ou oficiosamente, esbirros teceadores da malha sinistra, com que pensavam abafar-nos a voz, comprimir-nos a consciência pouco, de modo vantajoso, aprofundando e imobilizando os braços. Até há, veitavam-se da cordura do nosso governo, encorajavam-se na ilusão da incorrigível displicência do nosso povo, embiocavam-se na manta das imunidades que lhes acoitavam os manejos desleais, assim emoo o ensaio, da austeridade fisonômica, a dissimulação da fidalguia no tratamento, o cálculo das medidas cordiais e os protestos de amizade, encobriam a baixeza de seus planos de agressão.

Canídeos ha amigos, amigos se revelando, por vezes, canídeos de atitudes mudando, no momento para eles azado, por causas inconfessáveis, tal o canilão de cor vária, pelo súbito irromper de causas acidentais. A justa se lhes aplica a declaração do grande Joaquim Murilo: "Gosto dos cães porque já conheço os homens". A constante blandícia da fala, a permanente gentileza, os gestos sóbrios, o inmutável riso acolhedor, não passam de sintomas de nojenta falsidade, maior repugnância merecendo a virtude aparente e a mentirosa amizade, que os defeitos do arrebatamento, o inconfesso das maneiras bruscas e o azedume das palavras rispadas. As pontudas arestas do arrebatamento ensinam a previsão e a defesa do atacado; ao contrário, as artimanhas do fingimento envenenam os intentos e os anseios dos atacante velado e deshojeto, invisível na dissimulação, brandindo as armas da mentira, da calúnia, do enredo, da maledicência, das excusas aéreas e dos pretextos falsos, esforçando-se, no disfarce e na penumbra, em tornar-se invulnerável, encolhendo-se para não expor-se aos riscos do combate, de peito aberto e viseira erguida. Tanto erro é a impulsividade como a premeditação; tanto aquela como esta, não há negá-lo, males acarretam após si. A primeira, no entanto, é fagulha que logo pode apagar-se, em se extinguindo a paixão errônea do momento, vezes por outras, de boa intenção e reveladora, todavia, de sinceridade. Ao revés disso, a segunda é chama que perdura e se alestra, alimentada e crescida na má fé, conscientemente errada, demonstrando covardia e desfaçatez.

(Con. no próximo número)

NO MUNDO DAS LETRAS

LIVROS & AUTORES

EM TORNO DE UM SOCIÓLOGO BRASILEIRO

Às muitos escritores de um pensamento profundo às vezes mesmo de uma excelente poesia no que escrevem, ou dotados, como outras vezes acontece, de uma maneira fácil e brilhante de dizer, mas a quem talvez não fosse possível atribuir um estilo, tribuindo uma forma pessoal, única e intransferível de expressão — o poder íntimo de fazer da palavra a matéria plástica e viva da sua própria sensibilidade.

Gilberto Freyre, diga-se sem exagero, esse poder é dos que mais se deitam em toda a sua obra de sociologia no Brasil. Ideias, fatos, homens, tudo o que essa obra reflete da nossa vida social conserva quase sempre a mesma unidade de expressão e a mesma identidade de espírito das coisas ligadas entre si pela influência de um mesmo dinamismo pessoal.

Do ponto de vista da arte, o único aliás que aqui nos interessa, o maior escritor não é de certo o que se exprime com mais sutileza de ideia, e antes o que se exprime com mais personalidade; não é o que pensa por amor à abstração, mas o que pensa por amor à vida. O que nos leva a compreender perfeitamente a frase de Goethe, que "para pensar não serve de nada o muito pensar". Apenas para se chegar a essa como divina plenitude de espírito, e fazer do pensamento uma quase que constante da própria natureza, um brio do temperamento é necessário a força de vivificar em imagens esse pensamento, e traduzi-lo em formas a bem dizer sensuais de vida.

E é justamente a capacidade de apreensão intelectual das coisas, mas a de vivê-las como fisicamente, de recreá-las nos seus tipos mais originais e plásticos de expressão o que conduz o escritor a um estilo. E preciso, quero pensar, a maior de possibilidades de espírito no escritor, para ver e pensar de uma maneira autenticamente pessoal, e criar daí uma linguagem correspondente, que se possam enriquecer de novas e imprevisíveis significações vocabulares de uso comum.

Os exemplos de Joice, Mallarmé, Chesterton, Carlyle, para citar tão somente os escritores universais que nos seus livros se exprimam com mais arte são bem significativos. Alguns deles como Joice e Mallarmé, pela ânsia de traduzirem na forma sensível do verbo o que há de mais inquieto e transitório no sentimento, e o que há de mais fugitivo na percepção da ideia, chegam por vezes a impenetráveis apenas pelo mundo diferente, particularíssimo, de sensações novas que procuram exprimir. Neles a vontade de expressão, da melhor expressão, é mais do que uma necessidade lógica, é uma necessidade vital, e o estilo nesses casos acabando por isso mesmo menos um problema simplesmente de forma do que de personalidade.

Há ou fazer uma diferença entre estilo e boa forma, a boa forma como sendo de preferência e exterior, a ordem, o tratamento proporcional e previsto da linguagem como nos clássicos, e que aspirasse a um tipo mais geométrico do que romântico de harmonia.

No verdadeiro estilo a ordem e a harmonia a tem que ser diferentes: detinhamas pela sensibilidade e não pelo verbo; uma qualidade do homem e não da frase. Daí o não sei que de estranho, e muitas vezes de intrincado e provocante que se descobre na linguagem dos escritores verdadeiramente de estilo. As palavras da mesma maneira que os fatos ou ideias por elas representados tornam-se imediatamente uma presa à sua sensibilidade. Uma contensão do seu "eu".

Entre nós, como dissemos, o escritor que mais encontra no que escreve é Gilberto Freyre. Seja, em qualquer dos seus livros publicados, o assunto de que ele trate, ou de sociologia ou de história, ou de poesia ou de pintura, e a sua linguagem sofre as mesmas refrações da sua personalidade; tende a se desenvolver no mesmo sentido, as suas tendências mais íntimas. E por causa desses recursos constantemente pessoais de expressão é que as ideias mais abstratas, perdidas na sua obra, todo o seu ar especulativo, humanizando-se.

Ainda um fato a destacar, e que nos parece bem característico da obra de Gilberto, é a sua unidade de gosto. Quase não se descobre em toda a sua obra de escritor, hoje já bem numerosa, os profun-

dos desnivelamentos, os acidentes de mau gosto face a de apontar mesmo em Machado de Assis, em Euclides da Cunha ou em Raul Pompéia, para citar aqueles escritores brasileiros entre nós de um estilo já consagrado pela crítica. A obra de qualquer deles oferece mais de um contraste. Assim é que os primeiros livros de Machado de Assis diferentemente se podem por no mesmo nível dos romances da sua última fase, e por outro lado muita da sua poesia e dos seus artigos (e jornal mal deixam adivinhar o autor de "D. Casimiro" e de "Braz Cubas").

Com Euclides da Cunha a desproporção, ainda é mais chocante, chocante quando comparamos o "Os Sertões" com os seus outros trabalhos, muitos deles de um verbalismo estentóreo, e chocante ainda dentro do próprio "Os Sertões". E que se lendo muitas das páginas da primeira parte do "Os Sertões" para pô-las depois em paralelo com a parte que trata da guerra de Canudos, de uma sólida harmonia, tem-se até a impressão de dois Euclides, um fluente, ainda traz da sua verdadeira expressão, e tocando em muito vocabulário sem gosto, e outro que afinal se achando a si mesmo, batisse no seu verdadeiro assunto e no seu verdadeiro ritmo.

E também o que me parece acontecer com Raul Pompéia, que, salvo o "O Ateneu", e o "O Ateneu" as páginas de memória mais do que as de crônica, não há quem lhe identifique um estilo, ou dentro de um estilo a mesma unidade de gosto.

As obras de Gilberto Freyre não se diminuem porém quando comparadas; até pelo contrário, se completam. E julgo não cair em nenhum exagero dizendo deste escritor brasileiro que é o mais inimigo da ênfase. Desde o começo da sua vida de escritor.

Nunca pude esquecer, digo agora, a impressão de surpresa que me causou o primeiro artigo que li desse escritor. Tinha ele então vinte e dois anos. E o artigo era a proposta de um livro de Mário Sete, "Senhora de Engenho". Senti um autor diferente. E não foi pela sua riqueza de vocabulário. Gilberto Freyre não é aliás um autor que se faça notar pela abundância e variedade do vocabulário, o que me encantou foi o realismo de cor desse vocabulário; o que ele encerrava de estranhamento vivo e novo. Em uma palavra, foi o seu estilo o que me surpreendeu; a facilidade com que as palavras pareciam-se render voluptuosamente aos apelos menos prosódicos e mais musicais da sua ideia. E mostras consecutivas desse estilo o temos em qualquer dos seus livros, o temos em qualquer dos seus grandes estudos sobre Euclides da Cunha, ou sobre Pedro II.

Há trechos no ensaio sobre Euclides da Cunha que fazem

lembrar os do seu livro sobre o "Nordeste", este livro de tanta repercussão poética, e que nem por isto perde dos seus atributos de história.

Uma das propriedades do estilo é realizar-se num plano fora de toda abstração: ser concreto. Falar de estilo abstrato por menos que se queira é sempre uma contradição. De todo o estilo pode-se dizer que é o verbo feito homem. E dizer sem metáfora, tanto, nos casos de estilo, a palavra parece enriquecer-se de valores psíquicos profundos, adquirir uma vitalidade intensa e fluida como a do espírito mesmo.

Mas essas formas de expressão que não significam tão puramente um catálogo de lugares comuns, ou de ideias já feitas, e que encarnem do indivíduo o que ele possa ter de mais original, de mais diferente dos outros, em regra não se improvisam, e tão pouco não se chega a elas pela mecânica de nenhum hábito. Não há estilo, como bem diz Thibaudet, onde "não intervenha uma vontade, um artifício, uma reação do homem contra ele mesmo".

Não se em todo o estilo uma unidade que poderíamos chamar orgânica pela necessária convergência, de todos os seus elementos verbais para uma forma de linguagem que, variando a vontade de significação e de ritmo não perde nunca a sua expressão característica, o seu traço fisionômico. É essa unidade criada a força de valores convergentes como nos organismos vivos que acaba deixando ao leitor a ilusão de que deve ser coisa fácil o estilo, como se a todo o pensamento seguisse sempre um meio completo e perfeito de expressão. Ou como se as ideias e os sentimentos que se exprimem em arte fossem tudo um milagre de inspiração.

Não há, porém, e é o que dizem grandes mestres, verdadeira arte sem trabalho, sem esforço, sem uma vontade conformante exaltada pela inteligência e pela imaginação. Daí explicar-se naturalmente aquela frase de Thibaudet, e que concorda com outra de André Gide, para quem toda a arte imbuída em ato de reação do indivíduo sobre si mesmo. O esforço para realizar pela palavra todos os imponderáveis de uma ideia é que exige essa reação que quanto mais paciente mais fecunda.

Mas isto não impede, é claro, que o valor artístico de uma expressão seja tanto maior quanto mais simples e fácil ela parecer. Que o esforço seja dramaticamente heroico como o de Flaubert, mas que a expressão seja natural e viva como a do seu romance "Madame Bovary". Escritores como Pascal e Romain de uma facilidade aparentemente angélica em tudo o que escreveram, deles, diz Thibaudet, que eram mais preocupados com o estilo do que Taine.

E o próprio Stendhal que se gabava de afiar-se para o seu estilo nas leituras do Código Civil, contam os seus melhores biógrafos que consumia às vezes quinze minutos para achar um adjetivo que não fosse inimigo do seu substantivo.

Esta aparência de facilidade, de simplicidade dentro do maior pletórico de imagens e um dos mais penetrantes encantos do estilo de Gilberto Freyre, para a maior impenetrabilidade da ideia nas palavras, e não só da ideia, das suas emoções, até fílar a essas palavras todo o ranço dramático, toda a sua dureza lexicológica, e tomarem afinal a clasticidade, o movimento, a força de coisas vivas e cheias de alma que elas têm.

OLIVIO MONTENEGRO.

O LIVRO ESTRANGEIRO

RACHEL DE QUEIROZ

"LETTRE AUX ANGLAIS" — George Bernanos. Atlântica Editora — Rio — 1942

Em primeiro lugar eu desejaria, para falar no livro de M. Georges Bernanos, colocar-me numa posição um pouco semelhante àquela em que se colocou ele no seu prefácio da "Lettre aux anglais" — prefácio endereçado aos brasileiros. Isto é, por de parte os convencionalismos de cortesia, esquecer que ele é um dos grandes escritores da língua francesa, um dos orgulhos da literatura do seu país, e poupá-lo à minha reverência embevecida de provinciana às voltas com o grande homem que, graças aos acasos da guerra e do exílio, vê o seu livro sair não dos prelos ilustres de N. R. P. "Grasset", "Plon" ou "Cité des Livres", mas dos nacionalismos prelos da Revista dos Tribunais, com errata e mais coisas brasileiras. Isso me permitiria falar sem constrangimento, louvar sem cabotinismo, falar de criatura para criatura — uma pobre mulher brasileira, assustada e em lágrimas ante as convulsões que agitam o mundo, procurando entender as palavras de um cri-tão que tenta plantar, no meio dessas convulsões o promissor estandarte da

bora, desmentido nas suas teses e nas suas profecias, ele ainda assim viverá, — viverá como um grito de sincera e humana paixão — viverá como ainda vive a Venus de Milo no seu mármore imortal, dois mil anos após a derrocada de todos os deuses do Olimpo.

Creio que poucas vezes me foi dado ver um homem proclamar a sua qualidade de cristão, as suas convicções de cristão com tão serena dignidade. Nunca vi ninguém interpelar os santos, a sua Igreja e até o seu Senhor com a humilde grandeza com que o faz Mr. Bernanos nas páginas deste seu livro.

Nunca vi a fé se manifestar com tão lúcida confiança no meio do caos. Como todos os franceses, nesta hora amarga, Mr. Bernanos, chorando a sorte de sua terra, faz um retrospecto das responsabilidades passadas e analisa as perspectivas futuras, com seus riscos, seus terrores — e também suas promessas.

E num patético apelo aos homens de raça saxônica — ingleses e americanos — aponta-lhes o que considera as causas da derrota, previne-os contra perigos identicos, levanta com mão atrevida o veu com que se encobre não só na França, mas na Inglaterra, nos Estados Unidos, no mundo todo, — o fariseu, o inimigo.

Não pretendo discutir as teses de M. Bernanos. Se de mim, não partilho da sua crença, não reconheço como ele, os influxos da Graça, não espero um milagre, pois não creio em milagres. Mas duvi-

do entretanto, que, cristão ou não cristão, possa um homem de boa fé e boa vontade fugir à emoção, ao apelo de sinceridade que flue dessas páginas de dor e de fé confiantes.

Há no requisição de Bernanos, algo da severa magestade dos profetas bíblicos que saíam do seu deserto, nus e macerados, de jejuns, para gritar ao ouvido dos reis a terrível mensagem de que os encarcerara o seu Deus. Este homem, quase um velho, mutilado da outra guerra, que se encerrara, no alto sertão do Brasil, na pobreza e na solidão, soube dar à sua mensagem a mesma ameaçadora grandeza, soube encontrar, para o seu clamor, o mesmo tom apaxenado que vai até o íntimo do coração dos homens, soube despir os fariseus do seu manto de mentiras e apontá-los à punição. Não importa que ele especifique, que nomeie os fariseus, Pétain, Doriot, Weygand; daqui a alguns anos, quando novos Pétain, novos Doriot, novos Laval, traírem, venderem, renegarem as apostrofes de Bernanos se ajustaram tão bem a eles quanto se ajustaram aos traidores da gora. Os trinta dinheiros não mudam nunca, sejam de prata, de ouro ou de cobre. São sempre o preço do sangue, e a ignomínia deles é a mesma. Por que, finalmente, o que importa mais no livro de Bernanos é a sua aplicação universal, ou antes, a sua preocupação com o universal. As suas lágrimas de frances não lhe cegam os olhos ante os perigos que

(Continua na pag. 28)

Novos rumos da arte americana

(Continuação da pág. 19)

fícios. Se o dinheiro não tivesse sido gasto em pinturas e esculturas, teria sido consumido da mesma forma em enfeites de mármore, pedestais de pedra, instalações luxuosas ou outros embelezamentos arquitetônicos. Com poucas exceções, esses contratos resultaram de concursos anônimos. Este regime de escolha por meio de concorrências abertas, aliado à descentralização inerente ao próprio fato de que o programa de construções está quase todo localizado em pequenas cidades, — é do meu ponto de vista a maior contribuição e a mais salutar influência da repartição. O efeito deste sistema é estar continuamente descobrindo novos talentos e artistas moços que não tinham a oportunidade de demonstrar o seu valor. Outro resultado do método de escolha é a garantia, tanto para o contribuinte como para o artista, de que a preferência não é dirigida por empenhos, nepotismo burocrático ou preconceitos artísticos, que até agora viciaram as tentativas oficiais de estimular as belas artes. A origem política e portanto a inspiração da outra grande agência federal relativa à arte, chamada

"o projeto federal de arte", são muito diferentes dos que presidem à Repartição de Belas Artes. Trata-se neste caso de um aparelho de assistência e portanto as suas funções — pelas quais é responsável perante o Congresso e o contribuinte — não são descobrir possíveis michelângelos, mas fornecer trabalho útil aos artistas necessitados. A sua ênfase e o seu critério de sucesso, portanto, não são tanto um alto padrão de arte como o valor do trabalho para a comunidade. O seu princípio diretor é que, quando se cria uma base cultural, a arte surgirá logo depois. Não foi Michelângelo quem criou o século quinze; foi o século quinze que criou Michelângelo.

As realizações do projeto federal de arte são ainda mais dramáticas do que as da Repartição de Belas Artes. No ponto culminante de suas atividades, o projeto empregou cinco mil e trezentos artistas. Completou mais de mil e quatrocentos murais, incluindo afrescos, mosaicos e foto-murais, em edifícios distribuídos por todo o país; mais de cinquenta mil quadros a óleo feitos por ordem do projeto tem sido emprestados, com caráter permanente, a escolas, bibliotecas, hospitais, centros ci-

vicos e outras instituições públicas. Algumas das suas noventa mil gravuras conquistaram notabilidade em exposições nacionais e internacionais. Entre as três mil e setecentas esculturas dessa origem encontram-se pequenas figuras cerâmicas para as escolas públicas de grandes grupos para os parques, e monumentos para lugares históricos. Mais de noventa e cinco mil reproduções dos trinta mil cartazes executados foram empregados em campanhas em benefício da Saúde Pública, de cuidados às crianças, de segurança do tráfego. Foram feitas experiências técnicas em mosaicos murais e pinturas a esmalte, no trabalho de laboratório de ensaios de tintas que trouxeram melhoramentos consideráveis à produção fabril de cores. Os artistas do projeto produziram ainda um total de mais de novecentos e setenta e cinco dioramas e modelos, quarenta e três desenhos de mapas, seiscentos e setenta e cinco mil fotografias documentárias. Talvez a realização mais notável e característica do projeto — porque tem profunda significação social e porque não poderia ser executada por nenhum outra organização na América e ainda porque é em si mesma uma obra de rara beleza e de duradouro valor — é o Index of American Design. Quando completa, esta coleção consistirá de gravuras em cor ou em preto e branco, de arte aplicada americana cobrindo um período de duzentos e cinquenta anos. A publicação definitiva desta obra está em vias de execução e já se acham completas dez mil chapas de trinta e cinco Estados.

Desde dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, mais de setenta e dois núcleos regionais de arte foram fundados naqueles distritos do país onde o povo tinha poucas oportunidades de apreciar a arte. Aulas de pintura, de modelagem e de arte aplicada são dadas nesses núcleos. E nas grandes cidades, tais como Nova York, Chicago e São Francisco, oferecem mil crianças e adultos das classes pobres tem recebido instrução artística. Mais de quinhentas exposições diferentes de arte tem sido conduzidas através do país em três mil exposições realizadas em museus, grandes estabelecimentos, escolas, bibliotecas e centros de arte.

O projeto de arte raras vezes exerce censura sobre os seus artistas. Na verdade não tem facilidades burocráticas para fazê-lo. Em consequência às vezes obtém péssimas pinturas e algumas vezes também os melhores trabalhos de que um artista é capaz. Mas pela primeira vez na história de milhares de artistas estão trabalhando para o governo quase sem sofrer censura. Creio que nisto está o estímulo mais vivificante hoje para a nossa arte. E creio que este fato estabelecerá um registro do máximo valor para os psicólogos e críticos de arte das futuras gerações.

Demorei-me talvez excessivamente sobre estas estatísticas secas, em parte para indicar o aspecto democrático, humano e social do projeto de arte, e em parte porque acredito que os programas federais artísticos tem sido talvez a mais importante influência que se exerceu, nesta última geração, sobre a arte nos Estados Unidos.

No começo referi-me à preocupação social dos nossos jovens artistas e ao afastamento da escola de Paris. Os senhores já começaram a compreender o que quero dizer. Mas vou apresentar mais alguns exemplos específicos.

Este senso social manifestou-se por várias formas. Uma delas foi a organização, a sindicalização, os esforços cooperativos dos artistas para a proteção econômica mútua. Desde a Idade Média nada se verificaria nessa escala no campo da arte. Mas a socialização não foi imposta pela autoridade. A sindicalização foi espontânea e nasceu vindo de baixo. A união dos artistas foi organizada sobre a base dos sindicatos profissionais para a proteção daqueles artistas que se achavam na lista de assistência do governo e contava com cinco mil membros. O Congresso dos Artistas, de aspecto cultural e também político, visto que um dos seus princípios fundamentais era o combate ao nazismo e ao fascismo e a defesa da liberdade de expressão e da democracia, contou com oitocentos membros. Estas organizações de artistas não se preocupavam apenas com

Os inimigos do Brasil estejam certos

(Continuação da pág. 3)

ca de Defesa Nacional" para oferecer à Pátria o tributo do entusiasmo, a energia e a sinceridade dos moços.

Sem se filiar a qualquer corrente ou pessoa, consciente da influência ruínosa do nazi-fascismo para o progresso e bem-estar das nações, abstraindo indivíduos, despoçando o cérebro dos devaneios exclusivistas e o mundo dos superhomens de fãncaria, a "Liga" só obedece aos dois impulsos vitais que lhe estruturam a razão de ser: o amor da Pátria e o respeito à Humanidade. Por isso, a "Liga Acadêmica de Defesa Nacional", vendo as ameaças que pesam sobre uma e outra, propõe-se combater as atividades antibrasileiras e defender os ideais democráticos. Nessa tarefa empenhará todas as suas energias, o seu entusiasmo, e se preciso, as suas vidas.

"A Liga Acadêmica de Defesa Nacional" não tem sede; tem apenas um ponto de partida nas Arcadas, mas estende a sua vibração patriótica a todos os quadrantes da terra brasileira.

Apresentando-se por meio deste manifesto, a "Liga" vem declarar que não visa arregimentar prosélitos, por isso que estão em jogo os destinos da nação, e pa-

triotismo que não se improvisa nem se impõe; visa unicamente notificar aos moços do Brasil da existência deste núcleo de civismo e de luta, e advertir os inimigos da Pátria que a qualquer tempo e em qualquer lugar a mocidade está vigilante e unida, para enfrentá-los e derrotá-los.

Esta é uma guerra de moços e para os moços, afirmou o illustre secretário de guerra dos Estados Unidos. Guerra dos jovens porque na mocidade é que reside a força vital das nações, e para os jovens porque só eles poderão reconstruir o mundo de amanhã, sem os ódios e as injustiças de hoje.

Os inimigos do Brasil estejam certos: nós também sabemos que esta é uma guerra dos moços e para os moços.

A DIRETORIA:

Rui de Azevedo Marques
Rodrigo Barjas Filho
Wilson Rahal
Edgard Barreira Matos
Petronio Fernal
Rubens Lessa Vergueiro
Roberto Costa Ferreira
Israel Dias Novais
Péricles Eugênio da Silva Ramos
Rui Amaral
João Nery Guimarães
Enio Novais França.

O LIVRO ESTRANGEIRO

(Continuação da pág. 27)

eamam a pátria dos outros. E ele chega a aceitar de coração resignado a vergonha e os sofrimentos da derrota quando se convence que tal vergonha e tais sofrimentos são um caminho para a redenção.

E' curioso, ao mesmo tempo, que um homem como Georges Bernanos, que dispõe de tal poder de ironia mordente, de sarcasmo de impiedosa zombaria contra aqueles que nos aponta como o Inimigo, (e o são) possa atingir a humildade, a singela ternura que brota limpidamente de algumas das suas páginas, a compreensão, o amor, com que se refere ao homem rústico, ao cristão rude e pecador, aquele que é soldado durante a guerra e camponês e operário nos tempos de paz, que não entende de distinções entre o bem e o mal, mas tem no seu coração ingênuo o iniludível desejo do Bem, e por ele se deixa matar "estimant trop généreusement payé par un coup de clairon sur sa tombe, ou une Croix de vingt hfrances".

"...J'aurais grande honte d'être confondu avec n'importe lequel de ces écrivains vagabonds qui débilitent dans chaque capitale, une main possée su le coeur, les mêmes flatteries imbéciles." E' o que Bernanos diz nas primeiras linhas do seu prefácio aos brasileiros.

Suponho que até hoje nenhum estrangeiro falou ao Brasil essa linguagem de entendimento e afeição. Nada das belezas da Guanabara, dasiderurgia; nem a vassidão nem dos futuros progressos por explorar nem o petróleo, da Amazônia, nem as minas nem o cacau, nem o café. Bernanos ama e saudá a nossa modesta vida do interior, os ranchos de barracão a sua bananeira no quintal os pequenos caminhos tortuosos que sobem penosamente os morros, ele nos ama a nós, tais como somos, com os nossos grandes defeitos, com o nosso pobre heroísmo do obscuro, — e não como prometemos ser, nem como apresentamos ser, no esplendor isolado das grandes cidades, e muito menos como dizem que somos os mentirosos ditrambos do tourista estrangeiro que quer agradecer.

Nós, do nordeste, que não nos sentimos contemplados nas estatísticas de grandezas, que não tiramos nenhuma dos arranha-céus de São Pau-

glória no número de andares, lo nos zebus de 50 contos do Triângulo Mineiro, nos milhões de quilômetros que pode produzir a Central Elétrica do Iguaçu, — nós que nascemos numa terra pobre onde até a paisagem é pobre, pois dispõe apenas da caatinga rala e cinzenta, de areia e mar, — na praia não tem portos, na caatinga não tem uns boizinhos vira-latas que suportam o trato de mandacari e joazeiro — nós do nordeste que nunca fomos ricos e sempre gostamos de ser livres, — nós é que estamos capacitados para entender aquilo que Bernanos nos diz no seu livro a respeito de humildade e paciência, sobre o crime de violar brutalmente a terra que amamos, e lhe arrebatar a riqueza e o sangue a poder de máquinas e de escravos.

Nunca procurei celebridades itinerantes para lhes pedir um autógrafo para lhes apertar a mão numa rápida cortezia de entrevista coletiva e voltar para casa com essa sensação tão cara ao homem moderno: a de ter visto e tocado a "curiosidade ilustre". E' que, por um lado, eu respeito e amo demais o meu semelhante para o colocar nessa situação de animal raro; e por outro lado, uma certa altivez de nascença me proíbe de procurar contacto com alguém que não quer me reconhecer, que não pode ter nenhum interesse por mim, ele do alto da sua glória, eu, obscura pobre de Cristo perdida nestas longínquas latitudes.

Não viso, pois, com minhas palavras de gratidão deter um momento em minha insignificante pessoa o olhar condescendente do grande homem. Mas, felizmente M. George Bernanos, de Paris, criou uma personagem a quem podemos fraternalmente estender a mão, e agradecer-lhe as palavras, e lhe dizer quanto de estímulo, de amorável consolo elas nos representam. Essa personagem é um cristão de Barbacena, — é o cidadão de Cruz das Almas, em Minas — e com ele nós não nos sentimos nem intimidados, nem machucados nem atrevidos, falando de igual para igual. Dizer-lhe que é isso mesmo, que Deus lhe pague, que ele, só ele, no meio dos milhares de outros que só enxergam o nosso ferro e as nossas cachoeiras, ele foi o único a pensar nas riquezas escondidas dentro do nosso modesto e paciente coração.

RACHEL DE QUEIROZ.

minha proposta constam os seguintes tópicos:

"Todas as nações abrigam as sementes do liberalismo, bem como os germes do extremismo, da tirania e do ódio. A Itália teve o seu renascimento. Hoje em dia estão nela as sementes da ciência e do esclarecimento. A Alemanha nos deu a filosofia e a música germânicas. Hoje ela contém as sementes do progresso liberal. A América do Norte teve os seus William Penns, seus Franklins, seus Paines, seus Jeffersons e o juiz Holmes. A história registra que houve enforcamentos de bruxas; os Klu Klux Clans, os vigilantes e os linchamentos chegam até os nossos dias. Amanhã poderão subjugar-nos.

"Fomos convidados, na qualidade de artistas individuais, para tomar parte numa exposição organizada por um governo que favorece a destruição de toda a qualquer liberdade nas artes. Este convite, pois, representa um desafio direto ao código de ética profissional dos artistas americanos.

"O nosso protesto não se dirige contra uma forma de governo que nós americanos repelimos; não é contra alemães ou italianos como simples entes humanos. Artistas americanos realistas que somos protestamos contra a colaboração com um governo que favorece a discriminação racial, a censura da palavra e da expressão, e que glorifica a guerra, o ódio e o sadismo".

Esta resolução foi adotada unanimemente pelo Congresso dos Artistas e posteriormente pela União dos Artistas e por praticamente todas as demais organizações de pintores nos Estados Unidos.

Essas eram, pois, até o momento que precedeu a nossa entrada na guerra, as principais tendências recentes da arte nos Estados Unidos. Está distanciada de cem anos das preocupações dos nossos pintores da década passada. E' concebida mais e mais como tend um valor industrial, educativo e social, e não apenas — como foi nos últimos trezentos anos, como um artigo de luxo com preço variável no mercado aberto. Os nossos vinte e cinco mil artistas profissionais cada vez mais insistem em que ginhem a sua vida — como os demais profissionais — pela prestação dum serviço, pela produção dum valor, e compreendem cada vez melhor que este serviço deve ser integrado na vida industrial, política e social da nação.

(Parte desta conferência já apareceu em inglês no "The American Selector, N. Y., no verão de 1940)

LITERATURA & CIA.

FRONT LITERÁRIO

Um reporter francês no Brasil



CECÍLIA MEIRELES, a poetisa de "Viagem", foi das erodores mais brilhantes na "Semana de Antero", tendo feito no Liceu Literário Português uma conferência sobre o "retrato ideal" do poeta.

CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

No próximo dia 16 de junho, a Casa do Estudante do Brasil iniciará os seus cursos de Inverno de 1942, sendo o primeiro deles sobre Antropologia, a cargo do professor Artur Ramos que, como se sabe, é dos nossos mestres mais notáveis nesses assuntos. O curso do ilustre autor "Criança Problema" e outros trabalhos de grande mérito está assim programado: 1 — As novas diretrizes da Antropologia, em duas semanas; 2 — O Índio, 3 semanas; 3 — O Negro, 3 semanas; 4 — O Europeu e outros grupos étnicos no Brasil, 2 semanas; 5 — Assimilação e aculturação no Brasil, 2 semanas.

A Casa do Estudante prossegue, assim, e de forma louvável, as suas finalidades culturais. O departamento editorial da C. E. B. anuncia, para muito breve, o lançamento de livros como "Gordos & Magros", ensaios de crítica e literatura de José Lins do Rego; "Linguagem e estilo de Machado de Assis", estudo filológico de Aurélio Buarque de Holanda; "Problemas Brasileiros de Antropologia", ensaio de sociologia de Gilberto Freyre, e o famoso livro de Waldo Frank, intitulado "América Hispânica".



CARLOS DE LAET, O POLEMISTA

Carlos de Laet, que Jackson de Figueiredo chamava "cascavel de pátio de igreja", foi das figuras mais interessantes entre os nossos letrados da Primeira República. Sua obra de polémica dá para encher vários volumes, e é coisa que reclama sair das colunas dos jornais para a eternida-

de dos livros. O sr. Antônio J. Chediak, professor dos mais acatados entre nós, de há muito vem se dedicando ao estudo da obra do grande escritor brasileiro. Sobre Carlos de Laet o sr. Chediak já nos deu os seguintes trabalhos: "Mobilidade do léxico de Carlos de Laet" e a primeira série de "Carlos de Laet, o polemista", e anuncia a segunda e a terceira série do "Carlos de Laet, polemista" além de dois outros trabalhos: "Carlos de Laet, o jornalista" e "A linguagem e o estilo de Carlos de Laet".

Na 1ª série do "Carlos de Laet, o polemista", o professor Antônio J. Chediak recorda as polémicas do mestre com João Verin, Camilo Castelo Branco, Castro Lopes, Valentim Magalhães, Justino de Melo, Artur Azevedo, Lemeira de Andrade, Rui Barbosa e João Ribeiro.

EU FINANCIEI HITLER

Erico Verissimo traduziu para a Livraria do Globo o célebre livro de Fritz Thyssen, "Eu Financiei Hitler". O romancista gaúcho, que é talvez o mais lido dos escritores brasileiros, escreveu a guisa de prefácio do volume quinze linhas que merecem ser divulgadas aos quatro ventos, tal a sua importância: "O fato de eu traduzir este livro — adverte o escritor de "Caminhos Cruzados" — não quer dizer que eu tenha por Fritz Thyssen uma admiração especial, nem que esteja de acordo com todas as suas idéias. Significa, apenas, que desejo contribuir para que os leitores brasileiros pudessem ler em seu idioma as confissões desse industrialista alemão que com tão dramática veemência nos mostra os perigos, as misérias, as crueldades e as mentiras do nazismo. Não seria mau também aproveitar mais esta oportunidade para declarar que o novo mundo de paz e justiça social que desejo, não só estará fechado aos Hitlers, Goerings e Himmlers, como também não oferecerá elma prêmio ao florescimento dos Thyssens".

VIDAS LUMINOSAS

As Edições Cultura, de São Paulo, que está fazendo uma obra de divulgação popular da leitura clássica, já publicou quatro tomos da sua coleção de cinquenta biografias de homens célebres, a qual denominou "Vidas Luminosas". As biografias publicadas até agora, são as de

Spinoza, de E. Renan; Marco Aurélio, de Paul de Saint Victor; Leão XIII, de Maraldi e Gutenberg, de Anatole France.

DEPOIMENTOS HISTÓRICOS

O editor Zélio Valverde continua com a sua coleção "Depoimentos Históricos", que começou com a publicação de grande interesse, as "Memórias do Conselheiro Francisco Gomes da Silva, o Chaleça", com prefácio e anotações do sr. Noronha Santos.

MAIS UM LIVRO DE HUXLEY

Mais um livro de Aldous Huxley, sem dúvida uma das mais gloriosas expressões da moderna cultura inglesa, acaba de ser editado no Brasil. "Visionários e Precursores" é o título desta obra, editada pela Casa Vecchi, do Rio, e traduzida por Eloy Pontes e Claudio de Araújo Lima, e com uma capa a cores assinada por Martelli. "Visionários e Precursores" é uma das mais recentes obras de Huxley e se caracteriza pelo seu profundo conteúdo espiritual. Nela Huxley faz uma revista tão cabal quanto convincente de algumas das teorias e doutrinas mais representativas do pensamento humano.

ESTACIO COIMBRA

Um grupo de amigos desse antigo político pernambucano fez publicar, num elegante folheto, artigos e depoimentos que formam um interessante "in memoriam", em torno da figura do ilustre estadista da primeira República.

O LOUCO DO CATI

Dionello Machado, autor de "Os Ratos", romance que obteve um dos prêmios do Concurso Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional, vem de publicar mais um livro: "O Louco do Cati". Trata-se da curiosa personalidade de um "fronteiro", classificação que costumam dar os psiquiatras a aqueles indivíduos que se encontram nos limites da loucura. O romance de Dionello Machado, que reaparece após quase sete anos de silêncio literário, traz interessante capa de Koetz, o desenhista gaúcho.

ESTUDOS SOCIAIS DO BRASIL

O editor José Olympio vai publicar os "Estudos Sociais" de Silvio Romero numa edição organizada pelo filho do grande escritor brasileiro, professor Nelson Romero.

AMANDO FONTES

O sr. Armando Fontes está escrevendo um romance, cujo título ainda se ignora. O escritor de "Os Corumbas" e da "Rua do Siriri" reuniu também uma coletânea de contos que, possivelmente, aparecerá ainda este ano.

POEMAS INGLESES DE GUERRA

O sr. Abgar Renault, cultor da língua inglesa e um dos nossos bons poetas, traduziu para o português alguns poemas britânicos, publicando um livrinho da mais viva atualidade, a que chamou: "Alguns poemas ingleses de guerra".

MARILIA E DIRCEU

A Editora Martins, de São

No dia 21 de dezembro de 1889, desembarcava no Rio o reporter francês Max Leclerc. Viera como enviado especial do "Journal des Débats" para contar aos seus leitores tudo o que ia ver e ouvir a respeito do Brasil Republicano. A correspondência de Leclerc — trabalho que durou pouco mais de dois ou três meses, creio eu — vem de ser agora reunida em volume, traduzida e anotada pelo senhor Sergio Milliet, sob o título "Cartas do Brasil" (vol. 215 da "Coleção Brasileira").

O livrinho é cheio de matéria pitoresca e varia. Há nele flagrantes deliciosos da vida do Rio, comentários muito vivos sobre São Paulo, caricaturas impiedosas dos chamados "republicanos históricos". O flagrante que Leclerc nos dá da rua do Ouvidor, por exemplo, mostra-nos desde logo a força do reporter. "E preciso muita indulgência para conceder-lhe tão somente o título de rua; a limpeza pública de Paris a classificaria na categoria dos becos. Sem calçadas ou passeios, com apenas oito metros de largura, apresenta de ambos os lados lojas recém pintadas de cores vivas, mostruários empanturrados de mercadorias, "camelote" barata ou vitrinas de joalheiros, naturalmente muito bem guarnecidas de pedras preciosas, além das casas ricas de algumas personalidades francesas da colônia francesa, cabeleiros, modistas, donos de restaurantes. Ai se encontram as sedes de todos os jornais do Rio. Por essa garganta estreita passa e repassa uma multidão agitada e descurada (durante o dia inteiro a circulação de carros é proibida); lá pelas duas horas a onda de gente se faz mais compacta e certos grupos de desocupados obstruem a passagem..." E o jornalista vai por aí afora, sempre interessante, um tanto exagerado talvez.

Falando da imprensa, "não raro de uma violência sem igual", Max Leclerc diz coisas muito interessantes, principalmente quando ataca de rijo o "ponto grangrenado" dos jornais da época — as famosas colunas ineditoriais dos "a pedidos". Profissional cem por cento, o correspondente do "Journal des Débats" não vacila em apontar os defeitos da falta de orientação dos diretores dos jornais brasileiros, citando apenas um, com simpatia, Ferreira de Araújo, "excelente jornalista, que julga homens e coisas com condescendente ironia". Quanto ao "Jornal do Comércio", informa Leclerc com desprezo, "é uma espécie de 'Times' sem virilidade."

Fez bem o senhor Sergio Milliet de chamar a atenção do leitor para os exageros do autor das "Cartas do Brasil". Max Leclerc, penso eu, embora sem a intenção de justificar este meu colega da França, escreveu notas apressadas de reportagem. Não teve em vista nenhuma preocupação de ordem sociológica ou mesmo cultural. A impressão que se tem é que ele não entendia da coisa e se tinha de falar dos problemas de emigração, para citar uma das suas "bolas erradas", era por dever de ofício, ou melhor para enviar aos seus leitores franceses uma informação, qualquer que fosse, a respeito. Isso, certamente, não é lá muito honesto mas demonstra bem ou mal o inquieto bisbilhoteiro que era esse tal de Max Leclerc.

O engraçado é que o reporter francês meteu o beldelmo em tudo. Criticou o relatório do ministro da Fazenda (Rui Barbosa), "longo trabalho não isento de mérito literário, mais obra de jornalista que de estadista". Meteu o pau na missão do ministro das Relações Exteriores (Quintino Bocaiuva) na Argentina. Etc., etc. Para ele o governo provisório do marechal Deodoro, "presidente feito a força", não passava "de um governo de fato irresponsável".

Max Leclerc, como vemos, era um jornalista que não tinha papas na língua. Os erros da sua correspondência são culpas do "métier", da obrigação de apanhar a mala postal para o serviço chegar quanto antes às mãos do secretário da redação. Antes assim. O jornalista foi sincero. Os seus olhos e os seus ouvidos se distinguiram sempre para o pior das nossas coisas. E, por isso mesmo, o seu comentário nos fere de maneira sensível. O homem carregou nas tintas mas o depoimento que deixou é dos mais interessantes, sendo mesmo leitura imprescindível para quem quiser estudar a história dos primeiros tempos da República de 89, em nosso país.

F. A. B.

Paulo, lançou o poema de Afonso Arinos de Melo Franco, "Marília e Dirceu", escrito em versos alexandrinos. O volume é todo ilustrado por Luiz Jardim, trazendo na capa um desenho do pintor Eraldo Bianco.

DOIS LIVROS DE SUCESSO

Os jornais norte-america-

nos acabam de noticiar o aparecimento de dois livros de grande sucesso: o quarto volume do "Romance de José", de Tomas Mann e o "Dragon Seed", último livro de Pearl S. Buck, a conhecida romancista de "Terra dos Deuses".

ACABA DE SAIR

STEFAN ZWEIG

O mundo que eu vi

MINHAS Memórias

EM TODAS AS LIVRARIAS
EDITORA GUANABARA
OUVIDOR, 132

O IMPUDOR DE MUSSOLINI

(Continuação da pág. 1)

Hoje, com seu novo livro, A História como história da Liberdade, que acaba de se publicar em inglês, o pensamento de Croce está de novo em ação. Hoje compreendemos, ainda melhor que há anos, que Croce é filho da heróica Itália do Ressurgimento, em que o ardor de profetas como Mazzini, o trabalho de estadistas como Cavour, o valor de soldados como Garibaldi, se reuniram para libertar a Itália dos tudescos, dos Bourbons, dos reis-sacerdotes. Na selva intelectual criada pela bestialidade fascista, Croce ainda proclama as doutrinas liberais de sua juventude. Alguns "apaxiguadores", fora da Itália, trataram de achar razões para suas tímidas observações sobre o fascismo posto que — acentuam — Croce vive na Itália fascista, mas ainda se lhe permite escrever poderosos livros em defesa da liberdade. Tal não se dá. O fascismo bem sabe que os livros de Croce não são de fácil leitura, que todos os que os leem já são inimigos da máquina de Mussolini e que proibir o envio de um manuscrito de Croce a Londres ou a Nova York poderia provocar um escândalo internacional, sem nenhuma vantagem prática. Para nós, italianos, já é bastante vergonhoso saber que os livros de Croce não se encontram nas bibliotecas públicas e que a circulação de sua revista "Crítica" está proibida em todas as escolas da Itália, embora contenha apenas estudos filosóficos e literários.

Qual é a mensagem de Croce em seu novo livro?

Segundo Croce, o fio espiritual que dará unidade à história não deve ser procurado na linha do desenvolvimento econômico ou na regeneração das classes. A adoração do Estado — diz Croce — "não é mais que uma baixa afeição, não de cidadãos, mas de criados de libré e cortezãos, que em vão tratam de adornar esse poder com emblemas sagrados e morais". O preconceito racial é um mal que o homem moral tem sempre o dever de "combater incessantemente e continuamente uma humanidade una, que a divisão em raças, transportada do teórico ao real, perturba e, se pudesse, destruiria".

Croce afirma em seu novo livro que o tema fundamental da história é a história da liberdade, uma, indivisível e imortal.

"A genuína historiografia — escreve — não tem sua base nas instituições particulares e transitórias, mas na idéia da liberdade que não seria idéia nem universal se não existisse em todas as épocas e em todos os setores da história, sob uma ou outra forma, com maiores ou menores dificuldades, às vezes como legisladora e governadora, às ve-

zes como oposição e rebelião; do mesmo modo que enquanto há respiração há vida, portas a dentro ou portas a fora, nas planícies ou nas montanhas, penosamente ou com saudáveis correntes de ar."

Com este conceito do motivo histórico, torna-se evidente que a história conduz uma corrente que às vezes corre com calma pela superfície dos acontecimentos, e às vezes se afunda sob a terra. Mas floresça a liberdade ou a tirania, o que a história estuda está sempre presente: pois onde quer que os homens concebiam a idéia de liberdade e se esforcem por conseguí-la, há história. E é nesses homens que o historiador deve concentrar sua atenção. Desse modo, a História nunca se ocupa da decadência, mas dos elementos que, em todas as épocas, ainda que em meio da decadência, estão gerando a vida do futuro.

Quando Croce escreve que "não há decadência que não seja ao mesmo tempo a formação e a preparação de uma nova vida", dá-nos a chave de um mistério psicológico existente em nós, os que sempre temos negado pactuar com o fascismo, nós que, com prazer, aceitamos todas as suas perseguições. Por que, apesar do exílio, da prisão e da confiscação, jamais nos abandona uma espécie de júbilo pessoal?

Porque — diz Croce — esta luta "nada tem a ver com a vulgar busca da felicidade: Tanto assim que poderíamos definir o progresso como uma forma sempre mais alta e completa de sofrimento humano".

O livro de Croce sobre a liberdade não é fácil de se ler. Mas os que o meditem da primeira à última página encontrarão magnífica lição de fé e de esperança. Muitas vezes a história voltará seus olhos para os atenienses que regressam vitoriosos de Maratona; às vezes para alguns mártires da verdade, morrendo em suas masmorras ou até aos mártires da liberdade e da justiça social como Matteotti — assassinado na Itália pelos fascistas, em junho de 1924 — ou como Dormoy — assassinado pelos reacionários franceses, donos do regime de Vichy, em julho de 1941. Mas onde quer que haja espírito de liberdade, aí, e somente aí, há história.

Colocados diante dessa grande concepção da história, até os mais brutais conquistadores, de Atila a Hitler, se transformam em sangrentas mas estéréis interrupções do curso da humanidade.

Mussolini treme em seu palácio de Roma, Hitler espuma de raiva em seu Berchtesgaden. Benedetto Croce sorri com serena fé em sua solitária casa de Nápoles, seguro como está do futuro da Itália, da Europa, do mundo.

Sílvio Romero na intimidade

(Continuação da pág. 13)
fazer visitas. Frequentava o escritório comercial do seu grande amigo e compadre, Artur Guimarães, autor do livro "Sílvio Romero de perfil", ou a Livraria Alves, a conversar e a discutir com o livreiro, um dos Quatro Evangelistas da sua predileção.

Quando visinhos na rua da Estrela, Sílvio Romero visitava constantemente o seu amigo Clóvis Bevilacqua. Para ele, D. Amelia prendia os cachorros, em número de dezesseis. E isso o fazia só para o seu compadre, dr. Sílvio, que se aproximava da casa a berrar: — Comadre! Recolha os cachorros, comadre.

Lá uma vez ou outra, almoçava na Livraria Alves. Antes de passar para Ouvidor, 166, o livreiro Francisco Alves tinha a sua casa de livros nos números 66-68 da rua Gonçalves Dias. Ai, no primeiro andar, havia um pequeno restaurante para empregados. Os amigos de Francisco Alves eram sempre convidados para o almoço do patrão. Foi num desses almoços que Sílvio apresentou João Ribetto a Francisco Alves:

— Está um jovem, recém-chegado de Sergipe, e que vai escrever umas boas gramáticas para você editar...

Até então, o jovem João Ribeiro jamais havia pensado em escrever uma gramática...

O BONACHÃO SYLVIO ROMERO

Não se cansava de proclamar:

Sou homem do livro, sou homem da família.

De fato, não era homem de luxos. A sua simplicidade, o seu jeito despretencioso, falando com todo o mundo, fez com que um companheiro de viagem, num trem de Minas, lhe perguntasse meio desconfiado:

— Mas o senhor é mesmo, de fato, o Dr. Sílvio Romero?

Gostava era de ler e que não o perturbassem. As crianças podiam chorar a vontade, o que ele não suportava era barulho de gente grande. Uma vez, espantou com a empregada do vizinho, que se pusera a conversar debaixo da sua janela, atirando-lhe um pote d'água na cabeça. Mas as crianças até o divertiam. E ele dizia, bonachão:

— Nunca me livre de choro de criança. Sou o mais velho da família. No entanto, o filho mais novo é meu. (Quando morreu deixou um menino de menos de ano).

Ja lhes falei do bom humor

A Secretaria de Finanças...

(Continuação da pág. 14)
co pelo valor de rs. 819.102.100\$000.

O pagamento de seus juros, prêmios e resgates, continua sendo feito com regularidade. Pode-se, aliás, afeirir o índice da confiança que hoje inspiram os títulos de nossa Dívida Pública pela sua grande procura na Bolsa do Rio de Janeiro, onde desfrutam da mais ampla aceitação.

A Dívida Flutuante sofreu oscilações naturais no correr do exercício, tendo sido acrescida dos débitos processados e contabilizados em 1941 e diminuída pelas contas liquidadas, no mesmo período, no total de 162.250.042\$900. Dentre as operações de crédito realizadas releva notar as que se referem às obras do Parque Industrial de Belo Horizonte, cuja construção foi iniciada, já havendo o Governo nela despendido a quantia de rs. 10.200.594\$900, além de ter vinculado a de 22.364.488\$700 no Banco do Brasil — onde se acha à disposição de firmas que contrataram o fornecimento de máquinas e outros materiais destinados à instalação da Usina; prosseguiram, também, normalmente, as obras de aparelhamento da Estância Balneária de Araxá, nas quais foi invertido, durante o exercício passado, o total de rs. 8.753.312\$300.

Quanto à Dívida Consolidada Interna, processou-se a sua amortização, de acordo com o plano estabelecido em 1938 e já amplamente divulgado no relatório relativo a este exercício.

Compreende essa Dívida os compromissos do Estado junto aos estabelecimentos bancários. Durante o ano de 1941, foram resgatadas promissórias e pagos outros débitos a diversos Bancos, no montante de rs. 32.493.737\$300.

Ficou definitivamente regularizado o débito do Estado junto ao Bank of London & South América Ltda., mediante a assinatura de um acordo pelo qual o Governo se comprometeu a liquidar em prestações mensais — o que vem sendo pontualmente observado. Em 1941 aquele estabelecimento recebeu do Tesouro do Estado a quantia de R\$ 29.617-14-3 de principal e juros.

Devemos salientar a novação feita com a Caixa Econômica Federal para normalização dos empréstimos ali contraidos.

Em virtude da referida novação, esses empréstimos serão liquidados com o produto das dividendos das ações de propriedade do Estado, no Banco de Crédito Real de Minas Gerais e no Banco Mineiro da Produção e provavelmente em prazo muito inferior ao estabelecido no contrato.

A operação em apreço possi-

bilitou-nos o levantamento de parte da caução, ali feita, em apólices, as quais estão agora sendo aplicadas no financiamento das obras da construção da Estância Balneária de Araxá.

Computadas as consolidações feitas e os pagamentos realizados, a Dívida Consolidada Interna decresceu para rs. 166.014.393\$900, a saber: Saldo de 1940 . . . 188.882.978\$800

Aumento verificado . . . 9.625.152\$400

do 198.508.131\$200

Pagamentos realizados 32.493.737\$300

166.014.393\$900

Cumpra assimilar, nesta oportunidade, que esses compromissos exigem da Administração grandes sacrifícios, visto não podermos ainda contar com saldos orçamentários para fazer face ao seu pagamento.

Não fossem esses débitos, a maioria dos quais oneram o Tesouro há mais de dez anos, estaria o Governo em situação de ampliar, ainda mais, a série de iniciativas já postas em prática para o desenvolvimento geral do Estado.

Entretanto, com muito acerto, resolveu Vossa Excelência liquidar preferencialmente compromissos dessa natureza e assim vem procedendo há mais de quatro anos.

Dessa política financeira tem decorrido reais benefícios para o Tesouro do Estado, verificando-se, dia a dia, o fortalecimento do nosso crédito.

São estas, Senhor Governador, as principais ocorrências da gestão financeira durante o exercício de 1941.

Pelas rápidas considerações aqui aduzidas, verifica-se que, a partir de 1934, não sofreram solução de continuidade os esforços da atual administração para normalizar a vida financeira do Estado. Os resultados, como se vê, foram cada vez mais proveitosos, de ano para ano.

Esta circunstância permite-nos assegurar a Vossa Excelência que o corrente exercício de 1942, como os anteriores, assinalará mais uma etapa de êxitos decisivos no plano traçado pelo Governo para restauração das finanças do Estado.

Apresento, neste ensejo, a Vossa Excelência, os protestos de minha alta estima e sãvida consideração.

Belo Horizonte, 11 de abril de 1942.

Francisco Balbino Noronha Almeida, Secretário das Finanças.

de Sílvio Romero. Mas há um caso que bem o define. O irmão de Sílvio, Joviniano Romero, era médico no subúrbio. O escritor ia visitá-lo, frequentemente. De uma feita, numa dessas visitas, Sílvio Romero sofreu uma queda de cavalo, caindo num fosso. A impressão que se teve era que havia-se machucado e bastante. Aproximou-se-lhe o irmão, perguntando o que acontecera. E Sílvio, caído, mostrava a parte ofendida:

— Foi um tombo dos diabos, Joviniano. Todo esse quarto está doendo.

De volta da Europa, em 1900, creio eu, Sílvio Romero contraiu febre palustre. O médico receitou-lhe banhos de mar. Ia à praia com o filho, Nelson Romero, exímio nadador por sinal. Mas o velho Sílvio não sabia nadar e tinha um enorme medo do mar. Quando Nelson largava a praia, o pai se punha a gritar:

— Eu vou me embora. Eu vou me embora.

O filho voltava e explicava que não tinha perigo. Sílvio não queria saber de conversa. O médico receitara banhos de mar e ele não havia de sair da areia.

— Tomo banho de areia. É muito mais prático e não é perigoso.

A MORTE DE SYLVIO ROMERO

No fim da vida de Sílvio, Nelson Romero lia os jornais para o pai. O velho fazia questão de saber o movimento da Aljandega, as cotações, etc. Sabia todas de cór, e por isso mesmo podia fazer comentários como este:

— Diabo, o ano passado estava melhor.

Ou:

— O câmbio, nesse mesmo mês, no ano passado, andava por X...

A doença o derrubara. Agora, era a arterioesclerose. A morte havia de entrar em casa sem avisos. Mas ela teve pena de Sílvio Romero. Porque o escritor morreu suavemente, cercado de amigos, cercado da família, que ele tanto amou.

Faltavam poucos dias para o desenlace, quando Alberto de Oliveira veio visitá-lo, para dizer-lhe que Melo Moraes queria também fazer a sua visita. Grandes amigos doutros tempos, Sílvio e Melo Moraes estavam brigados. O recado fez o seu efeito. Sílvio Romero ageita-se na cama, toma um pedaço de papel e lapls e escreve o derradeiro bilhete ao amigo magoado. Um bilhete em que dizia:

— Vem, Melinho. Vem, quanto antes.

Agora, sim, podia morrer sossegado. Melo Moraes não mais se afastou do leito do amigo doente. E assim foi durante dez ou quinze dias, até o fim.

Sílvio Romero morreu aos 63 anos, na casa de um de seus filhos, na rua D. Marciana, atual Alvaro Ramos, em Botafogo.

NOTA: Estas reminiscências não foram revistas nem por Edgar nem por Nelson Romero. — F. A. B.

(Continuação da pag. 2)

a fixação o revigoramento de tão nobre objetivo decorre do afino, nasce do esforço, à compita, esmerando-se o professor no acender o entusiasmo e a compreensão de seus discípulos aos valores da civilização cristã; à crença na dignidade humana ao respeito nos compromissos estabelecidos, como norma obrigatória; ao amor à justiça, ao direito e à liberdade; ao acatamento das soberanias igualitárias, das pequenas e grande nações; ao interesse pela dignificação e desenvolvimento do Brasil, estimulando a sensibilidade e a volição dos homens de amanhã, ensinando-lhes a lutar e a morrer, sorrindo, pela Pátria, e a viver, com ela e por ela, honrando-a com todo o empenho, servindo-a com todas as veras na plenitude triunfante do amor.

O trabalho mental do historiador esmaeceria, com o galopar dos anos, qual crepúsculo evanescente dos climas tropicais, não fôra o cuidado silencioso, anônimo, de seu vulgarizador, não despiendo, na cátedra.

Por ventura, os que oficiam nas humildes igrejas dos pequenos centros de população, menos valem, espiritualmente, do que alguns, entre luzes harmonias, ricas alfaias e profusão de flores celebrando as glórias de Deus, nas opulentas catedrais?

ROMANTICOS E CREDULOS

Nos palácios e monumentos, sobrelevarão, por acaso, os mármore, os bronzes e os granitos, existentes na beleza de suas paredes, colunas e relevos, às paredes que lhes dão solidez, no esconderijo dos alicerces invisíveis, como se avôlicos fossem?

Heróis e mártires, igualmente, considerados não devem ser generais e soldados que nos campos da guerra, com a mesma intrepidez, afrontam as armas inimigas, imolando, ou a vida oferecendo, em homenagem à causa que defendem?

Já respondestes, com serenidade, as perguntas enumeradas, facultando-me o ingresso honroso nesta agremiação cultural, cinquentenária quasi, remocada em laureis — templo de patriotismo; simbólico monumento espiritual; campo de peleja da verdade, contra o erro; do idealismo, contra o minaz egoísmo; da fé que sublimisa, contra o cepticismo que abastarda; do nacionalismo que nos retempera contra toda e qualquer doutrina exótica, da direita ou esquerda, colorida com as tonalidades pardas, pretas ou vermelhas, com que bilhostres indesejáveis, seus famulos e copiadore, em mistificações surpreendentes, procuram desunir-nos, enfranguecer-nos, para dominar-nos.

Tenham eles o braço distendido para a frente e a mão espalmada, num gesto expressivo de cobertura, ou quasi verticalmente alçado, dextra cerrada, em acintosos atrevimento; vistam-nos as blusas operárias, as tunicas militares as sedosas murças doutorais universitárias ou a vestimenta escura dos pastores da alma, não ha distingui-los na hora presente, se aferrados aos credos políticos de ontem: serão eles os transfugas profissionais, os egressos da ordem, os desertore da virtude, os negativistas da fé, os traidore da Pátria.

Tempo houve em que, talvez, pudéssemos excusar a uns tantos ingenuos, fascinados pelos "chefes salvadores" artistas nas encenações, pregoeiros mirabolantes de roseas promessas irrealizáveis.

Romanticos e credulos, deixaram-se impressionar pela solécia de matreiros sibilas, que os elejavam na propaganda espetacular, manhosamente recobrando os farrapos das

idéias forasteiras com as lan-tejoulas de um pseudo nacionalismo. Hoje, porém depois dos assaltos de Novembro de 1935 e Maio de 1938, desmascarados os seus verdadeiros propositos, comprovadas as criminosas ligações e dependências a governos estrangeiros, assim como em face dos perigos do momento e com as façanhudas proezas de certos homens e povos, mais que difícil, é impossível defender a impertinência do materialismo violento, importado, subrepticiamente, de outras bandas.

Na quadra vivente, só ha lugar para uma ideologia no Brasil a da honra e segurança da Pátria, enfiando o caracter da nossa gente, seguindo o ritmo das nossas tradições, obedecendo o sentido nobilitante da nossa História avessa às prepotências, oposta à felonía, desafiada ao esbulho de bens e direitos.

Ao tempo em que não desfrutávamos, ainda, as regalias de nação soberana jungidos à

das na energia, para castigar os refeces atacantes, conquistadores audaciosos, recobertos de emplumados chapéus, vestidos nas cores excentricas de custosas bombazinas, abrochadas em áureos botões, que as rendas e os bordados guardavam.

No transcurso dos séculos XVI, XVII, XVIII, Rio de Janeiro, Baía, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Espirito Santo e Rio Grande do Sul, entre outras, foram regiões desafiadas pelas bocas de fogo das náus, escunas e barcas de franceses e ingleses, flamengos e espanhóis, destacando-se entre eles Villegaignon e Bois-le-Comte, Edward Fenton e Robert Withrington, Cavendish e Lencaster, van Carden e Spilbergen, la Ravardiére e Jacob Willekens, Loncq e Duclerc, Duguay-Trouin e Pedro Ceballos.

A insólita arremetida invasora iluminou o destemor de lusos e africanos, selvícolas e brasileiros, estimulados e irmanados pelo jesuita, valoroso

das asas dos tuins e caran-chos, o salmodiar oceanico das vagas, o orquestrar das cachoeiras, tudo combinado aos sons labrusos das inúbias, uais, borés, mimbis e maracás.

Azagaias, durindanos, adagas e espadas, bacarmates, mosquetes e trabucos litigavam nervosamente, produzindo, flamivonos clarões no espaço, fendido pelas entesadas uamiris, rasgado pelas zaratanas certeiras, a que se mesclavam hervadas flechas, lanças e tamaranas.

A Guanabara soberba, os primitivos e obscuros desvãos de S. Vicente, Itaparica, Santos, Salvador, Olinda, Recife, Bom Jesus e Porto Calvo; as ameias de Cabedelo, Rio Formoso, Reis Magos e Cinco Pontas; os flancos das Taboas e Guararapes; a extensão da Campina da Taborda, assim como a costa brasileira, em geral, são marcos seculares dos gloriosos embates dos nossos avoengos, na luta pela posse ou reconquista do nosso

mento dos insurretos. Em termos francos e peremptórios, explodiu o revide, cheio deativa decisão: "só depois que vos tivermos expellido de Recife para sempre é que deporemos as nossas armas. Quanto aos castigos que nos vierem de nosso Rei, não de vir depois e os sofreremos com gloria.

Acertada e prudente medida não é antecipar a solução de empreendimentos, por mais justos e felizes que pareçam. A impaciencia gera a incortunidade, como a desmesurada afoiteza ocasiona o irremediavel e deste provém a a descrença, atonia sentimental da aspiração, estiolada, esbarrondada, ao depois, no impossivel funesto.

Bendigamos, portanto, o desinteresse com que o Amador Bueno da Ribeira, em Dezembro de 1641, para felicidade e honra de São Paulo e do Brasil regeitou a coroa que lhe ofereciam. Concordasse ele em aceitá-la, mais de um século antes de qualquer movimento emancipado das colônias da Inglaterra, da Espanha, ter-se-ia formado a primeira nação independente nas Américas, consumando-se, entretanto, a nossa desintegração politica. Realizou-se, porém, o sentimento da unidade nacional, motivo do nosso orgulho, venusta refulgencia do encaustamento da nossa evolução.

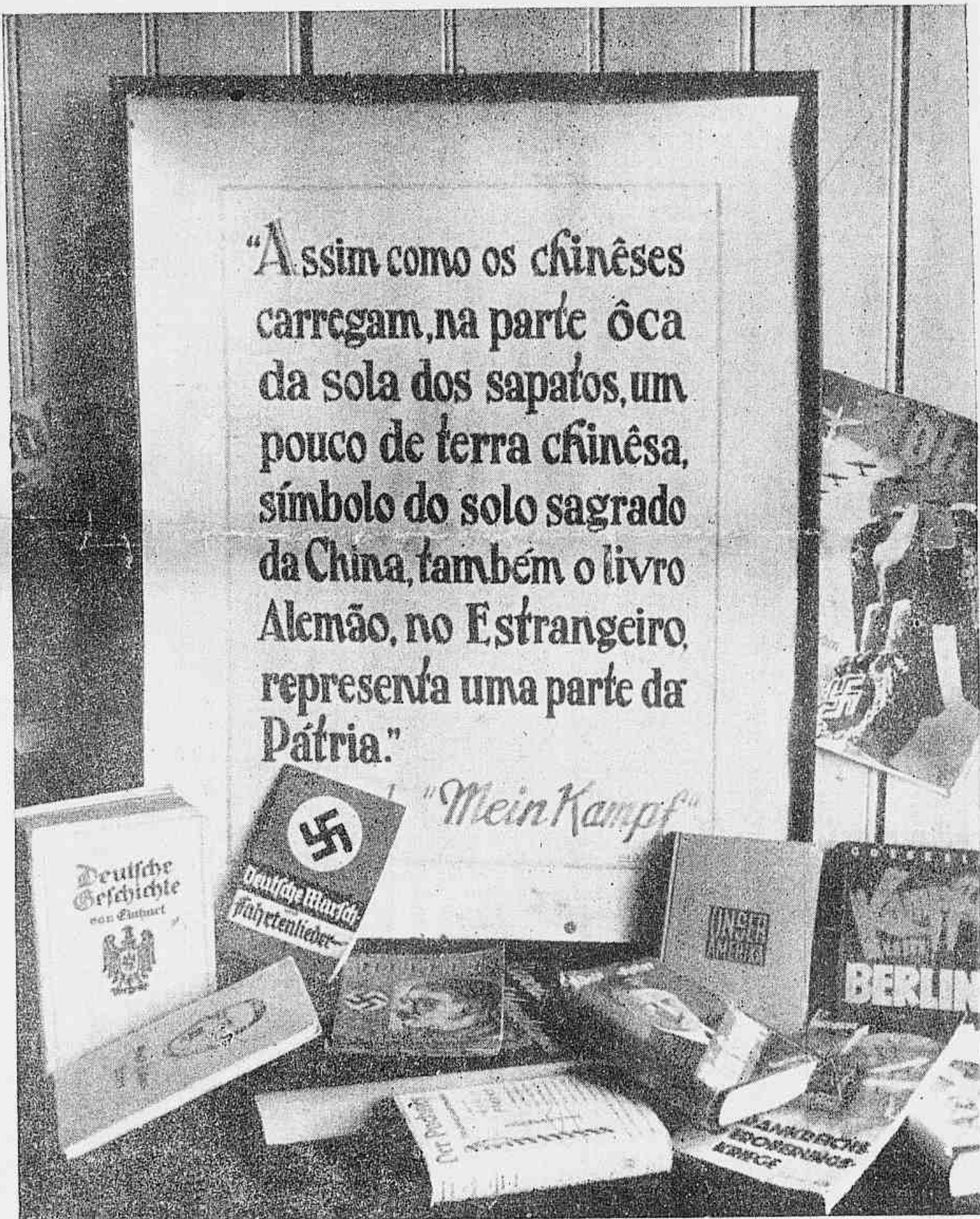
Tanto mais digno, tanto mais louvavel se nos afigura o gesto de Amador Bueno, quanto seguidamente pensemos nas atenuantes particularissimas que o enoiveram, facilitando a empresa, desavida em sonho pelos oportunistas: sessenta anos havia que os Felipes da Espanha agastavam a soberania portuguesa, além de tudo, embora já restabelecida esta na península, não exhibira disposição e força para varrer do norte brasileiro os eventuais senhores. E financeiros intrusos da Neerlandia, instalados, anos e lutas seguidos, nas terras pernambucanas. O desdém a respeito de redobra de valor a nobreza do pacato filho de São Paulo, de mais beleza recamada a significação e os resultados de sua atitude, simbolo inextinguível de fidelidade. Portugal não soube aproveitar, mas que o Brasil se esforça para enflorá-lo de belos dias.

Com o Rei Sem Coroa da nossa vida colonial, e para o brilhantemente estudado por Aureliano Leite, podemos, justamente ufanos, recordar os heróis e mártires com exação, sublimados nas pugnas cruentas em que se destacam Estácio de Sá, Nobrega, Anchieta, Ararigboia, Dom Pedro Leitão, Dom Antonio Barreiros, Dom Marcos Teixeira — capitães da fé, sacerdotes da bravura! Ombrearam-se, escandecidos na fidalguia denodada, Jerônimo, Mathias, Pedro e Antonio de Albuquerque, Salvador de Azevedo, André Pereira Themudo Luiz Barbalho, Estevão de Tavora, Vieira Rivasco, os irmãos Peres Calhau, Fernandes Vieira, Henrique Dias, Felipe Camarão, Vidal de Negreiros, Antonio Dias Cardoso, Claudio Gurgel, Bento do Amaral Coutinho — todos, garramufos ou velhos, como se lhes soprasse uma só alma, impávidos "mostrando que não poupava a vida quem a morte não temia."

Povo afortunado o nosso, adolescente ainda na História já afeito aos rasgos varonis — por singulares, havidos como duvidosos; à força de verdadeiros, parecendo sobre-humanos e inverossímeis!

Belos exemplos, dignos de lembrança nas horas dos mutirões patrióticos, tal como os recopilava à beira da taba, o velho, emérito combatente, em relação aos feitos do jovem Selvicola que — aprisionado — soubera lutar e soubera morrer!

(Continúa na pag. 26)



A legenda deste clichê está na própria ilustração. Nela os leitores podem ver a que ponto chega a mistica do germanismo dos fanaticos que seguem Hitler

dependencia politica-administrativa da metropole portuguesa, por seu turno, incipientemente, governada pela monarquia espanhola filipina, nas seis décadas compreendidas entre 1580 a 1640, sofremos os efeitos da cupidez ambiciosa e a resultante volúpia dos ataques armados de aventureiros, piratas e corsarios, provenientes de longinquas e desconhecidas paragens da Europa.

Aos colonizadores reinóis e aos seus descendentes, na defesa da gleba imensa e formosa, rica e inermes, inculta e despovoadas — qualidades que mais cobiçada a tornavam — juntaram-se os negros escravos e os proprios nativos, vedetas obscuros do brio e da robustez afirmando a solidariedade das tres raças, fundidas nos sentimentos, caldeadas

so apóstolo da fé e da fraternidade, por igual, mestre da altivez e do heroismo, quando as circunstancias o exigiram.

OS GUERRILHEIROS NACIONAIS

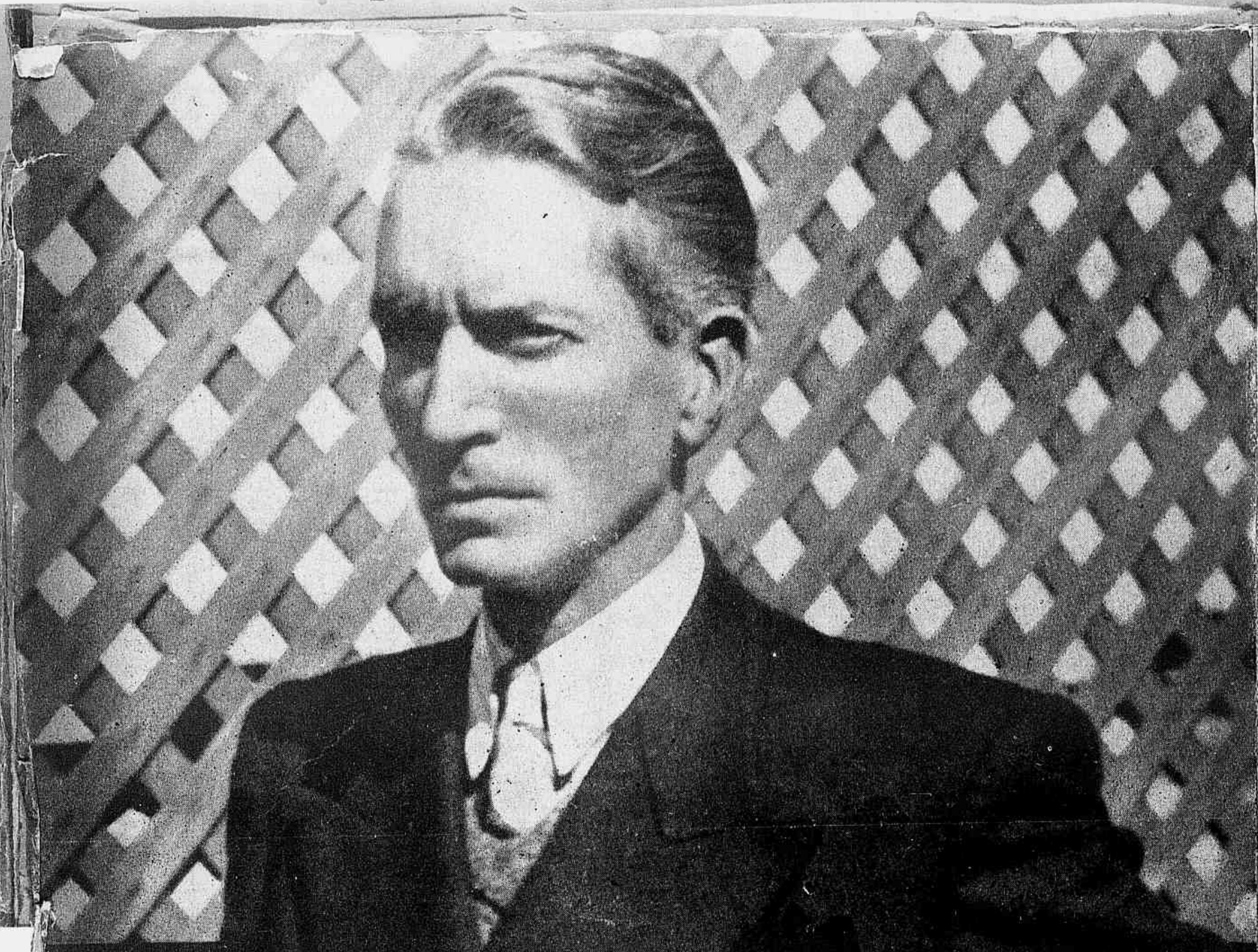
Os bravos defensores do solo natal, guerrilheiros decididos, entrincheiravam-se por entre os arvoredos nemorosos das guaporamas e jequetibás, que circundavam tabas e herdades, senzalas e feitorias, trapiches e fortins, capelas e estradas, de sombras e interrogações povoando os arredores, enquanto as palmeiras, sentinelas avançadas, erguendo o fuste muito acima de outras arvores, sondando as alturas, patrulhavam o infinito.

A tufação que os animava aplaudiam-na o ondular verde das nos sentimentos, caldeadas

territorio ante a ganancia estrangeira.

Escreveram-se, então paginas rutilantes de heroismo e firmeza, em que, a par da coragem, se configura a honradez e a lealdade de entremostre, em reverberos de prodigio moral.

Certa feita, por exemplo, já restaurado o trono português, em 1640, e celebrada a trégua com os holandeses, continuaram os pernambucanos a desenvolver tenaz inquietação aos intrusos. Do intento procurou afastá-los, em 1640, o novo soberano Dom João IV, ordenando-lhes depuzessem as armas. Confiados na obediencia ao monarca e prelibando as vantagens do abusivo dominio em que se mantinham, alegraram-se os usurpadores distribuindo cópias da carta régia, no campa-



O MESTRE É O OBREIRO DA GRATIDÃO
E FIDELIDADE À PATRIA

NOTAVEL CONFERENCIA DO PROF.
ARLINDO DRUMOND COSTA
SOB O TÊMA

NACIONALISMO, EXPRESSÃO DA VIDA BRASILEIRA

...A REFAZER A VIDA - SUA SAÚDE E SUA ALEGRIA -
...NO MELHOR INTERESSE DO BRASIL...